

PARA A VITÓRIA



DA DEMOCRACIA



SESSÕES COM ÁLVARO CUNHAL

Quinta-feira, 16 — Na Casa do Alentejo, em Lisboa, às 21 e 30, sessão-debate com jovens.

Sexta-feira, 17 — Na Escola Secundária D. Maria II, em Braga.

Sábado, 18 — Às 15 horas, comício. No teatro Rivoli, no Porto. Às 19 e 30, jantar-convívio em Pa-lheiros, no distrito de Coimbra. Às 21 e 30, comício no Pavilho dos Olivais, em Coimbra.

Domingo, 19 — Às 13 horas, almoço-convívio em Santiago do Cacém. Às 15 e 30, comício na Casa do Povo de Melides. Às 17 e 30, sessão no Sport Clube Grandolense, em Grândola. Às 21 e 45, sessão nos Penicheiros, no Barreiro.

UNIR OS DEMOCRATAS



COMÍCIO PAVILHÃO DOS DESPORTOS DE LISBOA

QUARTA-FEIRA, 22
21 e 30

ÁLVARO CUNHAL
ÂNGELO VELOSO



É hora de ver, decidir e falar claro

A campanha eleitoral para as presidenciais de 26 de Janeiro está em pleno curso e polariza no momento actual as atenções de milhões de portugueses.

É uma compreensível polarização numa batalha política de carácter decisivo para o regime democrático em Portugal.

Na disputa das eleições para a Presidência da República defrontam-se nítidos interesses divergentes, mesmo antagónicos. Nela se verificam formas peculiares de abordagem dos complexos problemas do povo e do País e métodos de acção definidores e próprios das diversas forças em presença que suscitam uma aturada vigilância política de massas e um arguto sentido crítico popular.

Sobretudo, exigem das forças democráticas e desde já uma séria ponderação das questões centrais em causa, uma urgente abertura para decisões capitais a curtíssimo prazo e, em última análise, no acto decisivo do voto, uma opção clara: votar no candidato da democracia.

Neste momento cinco candidatos à Presidência da República estão em liça. Quem são, o que representam, que objectivos propõem estas candidaturas?

Não é uma caracterização arbitrária do PCP dizer que duas delas — as de Freitas do Amaral e de Mário Soares — se integram visivelmente e sem notórias diferenças de conteúdo e de discurso no projecto restauracionista das forças sociais e políticas apeadas pelo 25 de Abril.

Freitas do Amaral não engana ninguém politicamente adulto. É um homem do antigo regime, um delfim da extrema-direita derrotada pela Revolução, que nos anos cruciais do após 25 de Abril, no governo ou à frente do CDS, protagonizou a política de recuperação capitalista no sentido mais reaccionário.

E àqueles que se sintam chocados pela inclusão que fazemos de Soares nesta mesma área ideológica pedimos apenas que reflitam com serenidade e visão objectiva sobre os factos que marcam a trajectória política do secretário-geral do PS nos últimos dez anos, que se interroguem e dêem a si próprios as respostas sobre o que tem sido a sua actuação à frente do governo ou nos bastidores da intriga política e a sua responsabilidade no agravamento das condições de vida do povo que trabalha e no adensar das ameaças que pesam sobre a democracia portuguesa.

Nesta campanha eleitoral para as presidenciais muita poeira tem sido lançada nos olhos do povo para confundir e deformar a realidade da natureza social e política destas duas candidaturas de direita e para induzir em erro o juízo dos cidadãos, em especial dos jovens.

Mas devemos partir da convicção segura de que esse será um esforço inglório e votado à derrota e que a escolha do futuro Presidente da República não deverá recair nem recairá em nenhum deles.

As três restantes candidaturas não as situamos na mesma área política dos dois candidatos da direita.

A candidatura de Ângelo Veloso não oferece quaisquer dúvidas sobre o seu carácter e os seus objectivos.

É um candidato do PCP, no pleno uso dos seus direitos de cidadão, que cumpriu todas as determinações legais para se candidatar e cuja candidatura foi legalmente reconhecida pelas instâncias competentes.

É um candidato para intervir com todas as prerrogativas constitucionais de um candidato à Presidência da República nesta decisiva batalha eleitoral.

O objectivo da sua candidatura foi claramente apontado pelo seu Partido como objectivo central de todos os democratas portugueses: *contribuir para derrotar os candidatos de direita e assegurar a eleição de um candidato da democracia.*

Como é evidente, o PCP, no momento actual, não tem possibilidade de fazer eleger um candidato seu em 26 de Janeiro. Tê-la-á um dia, quando for essa a vontade do povo português.

Mas tem indeclinavelmente uma palavra a dizer como grande força política que é do movimento operário e popular em Portugal.

Ângelo Veloso estará na campanha eleitoral por direito próprio, nas formas que entender desde que no respeito pelas normas constitucionais vigentes. Pode desistir no momento que entender ou ir até ao fim se fosse essa a decisão do seu Partido.

O pedido de impugnação da candidatura de Ângelo Veloso apresentado ao Tribunal Constitucional pelo mandatário de Freitas do Amaral, o conhecido advogado da extrema-direita Proença de Carvalho, é, na essência, um acto de desespero e medo dos próceres da contra-revolução e dos que vêem fugir-lhes o terreno debaixo dos pés e que constitui, além disso, um atentado aos direitos democráticos dos cidadãos consignados na Constituição da República.

Verdadeiramente espantoso e preocupante é que a candidatura de M.L. Pintasilgo, secundando Freitas, não só tenha requerido também a «imediata suspensão» do tempo de antena e do direito à campanha eleitoral de A. Veloso, como invoca o artigo 140.º da Lei Eleitoral que prevê uma pena de 2 a 8 anos de cadeia para quem a violar!

Pelos vistos, estas candidaturas não só pretendem negar o exercício de direitos fundamentais dos cidadãos, não só pretendem silenciar a voz esclarecedora do PCP, como vão ao ponto de reclamar medidas repressivas, parecendo ignorar que em Portugal vigora um regime democrático instaurado pela Revolução de Abril.

As restantes duas candidaturas são pelo PCP olhadas não pelos méritos e deméritos relativos dos candidatos mas por uma condição basilar: ter ou não ter os apoios indispensáveis para bater — como é necessário e possível — qualquer dos dois candidatos da direita.

Lourdes Pintasilgo não preenche visivelmente esta basilar condição.

A candidatura da engenheira Lourdes Pintasilgo retoma nas condições actuais e com novas facetas que não lhe alteram a substância, algumas de surpreendente carácter negativo, o projecto otelista que deu de si em anteriores eleições presidenciais conclusivas provas.

Vários interlocutores do PCP têm questionado por-

quê não apoiamos a candidatura de Lourdes Pintasilgo referindo em seu abono e relativamente à candidatura de Salgado Zenha — que o PCP considera como reunido à partida as condições mínimas necessárias para bater os candidatos da direita — as posições políticas negativas de Zenha depois do 25 de Abril e particularmente depois da crise de Novembro de 75.

Ninguém melhor que o PCP está em condições de conhecer e tirar conclusões correctas sobre os factos negativos — e também os positivos — do passado e do presente políticos de Zenha.

É pelo sentido democrático positivo do seu discurso na actual campanha e fundamentalmente porque recolhe em torno da sua candidatura os consensos e os apoios indispensáveis para bater os candidatos da direita que ele se apresenta como o mais qualificado para uma vitória democrática nas presidenciais.

Vários camaradas e outros nossos amigos e aliados no selo da APU consideram que a recusa do PCP em apoiar Lourdes Pintasilgo se justifica nos factos negativos do seu passado político e nas declarações anti-PCP que a candidata e alguns dos seus principais apolantes têm pronunciado no decurso da sua campanha.

Com tudo o que isso significa na batalha decisiva para os destinos da democracia portuguesa que está neste momento em curso e por tudo o que possa pesar na posição não apolante do PCP não é fundamentalmente por isso que não a recomendamos ao voto dos portugueses.

É fundamentalmente por não recolher os consensos, os apoios e em última análise os votos indispensáveis para bater os candidatos da direita.

Claro que o PCP como Partido da classe operária e cada comunista e amigo do PCP tomados individualmente não podem deixar de ponderar na devida conta e de reflectir e tirar conclusões sobre posições e declarações últimas da engenheira Lourdes Pintasilgo e de alguns dos principais apolantes e dirigentes da sua candidatura abertamente dirigidas contra o PCP.

Sabe-se que não é com vinagre que se apanham moscas e quando a engenheira Lourdes Pintasilgo procura a sua principal base de apoio eleitoral nas áreas de influência do PCP, atacando os seus dirigentes, procurando introduzir uma cunha entre os militantes comunistas e o Comité Central do seu Partido, vê-se que, com alguns dos seus principais apolantes, não compreende nada do PCP, da sua coesão interna, da sua contextura interior amplamente democrática, da força dos seus laços com as massas populares.

Para a nossa posição não seriam necessárias tais atitudes dessa candidatura. Não a recomendamos ao voto dos portugueses — é pura e simplesmente por não recolher em torno da sua candidatura os consensos, os apoios e em última análise os votos para derrotar os candidatos da direita.

E pode acrescentar-se: nem que todos os comunistas e amigos do PCP votassem na sua candidatura seria possível à engenheira Lourdes Pintasilgo recolher os votos necessários para vencer.

Logo uma conclusão clara deve ser tirada: se a engenheira Lourdes Pintasilgo não compreender esta «arít-

Resumo

8 Quarta-feira



Contra os despedimentos

No seu manifesto laboral, o candidato às eleições presidenciais, Salgado Zenha, condena os despedimentos e os salários em atraso. ■ Mário Soares pede a Pintasilgo que não desista. ■ Nos «Diálogos com os Jornalistas», Ângelo Veloso salienta que os democratas têm de se unir para bater Soares à primeira volta e derrotar Freitas na segunda. ■ Em conferência de imprensa, a JCP afirma que os jovens devem unir esforços para derrotar os candidatos de direita. ■ Miguel Cadilhe, o ministro das finanças admite que a dívida acumulada pela Região Autónoma da Madeira ao Estado ultrapassa já os 30 milhões de contos. ■ A sociedade Estoril-Sol não chegou a pagar ao Estado as contrapartidas da concessão do casino. ■ A CGTP-IN anuncia que vai promover as comemorações do centenário do 1.º de Maio. ■ José Eduardo dos Santos, presidente angolano, responsabiliza os apoiantes da UNITA e da África do Sul pelas consequências da guerra. ■ O boicote comercial imposto pela administração Reagan à Líbia depara com a oposição dos aliados dos Estados Unidos. ■ A milícia do patronato sul-africano reprime os mineiros negros despedidos. ■ Israel ameaça a Síria. ■ O secretário norte-americano da Defesa está a pressionar Reagan para tomar uma série de medidas contrárias ao tratado Salt-2.

9 Quinta-feira

Salgado Zenha divulga o seu manifesto eleitoral. ■ Assessor de Freitas diz que Pintasilgo é melhor do que Zenha. ■ Em Algés, Alvaro Cunhal afirma que «vamos ganhar a batalha» das presidenciais. ■ O Tribunal Constitucional não admite a candidatura de Carmelinda Pereira. ■ Os sindicalistas do distrito de Lisboa afirmam que Cavaco Silva «entra em terrenos perigosos com a tentativa de obtenção de autorizações legislativas para impor o famigerado pacote laboral». ■ Prossegue a Semana de Prevenção dos Bombeiros. ■ No Porto, Ângelo Veloso afirma que «o grande pacto de Estado é a Constituição». ■ O Conselho Português para a Paz e a Cooperação manifesta a sua preocupação com a situação que se vive no Mediterrâneo. ■ As forças de repressão do Haiti fazem prisões em massa. ■ A Líbia solicita a reunião urgente dos países da Liga Árabe. ■ Os Estados Unidos começam a instalar os novos mísseis nucleares de cruzeiro na RFA. ■ Demite-se o ministro da Defesa britânica. ■ Oliver Tambo anuncia que o ANC tem uma nova estratégia para combater o *apartheid*.

10 Sexta-feira

A «Norma» desmente a autoria de uma sondagem publicada pelo «Jornal» e que

lhe tinha sido fornecida pelos serviços da candidatura de Mário Soares. ■ Uma carga por dia às crianças abrangidas foi quanto o «plano de emergência para Setúbal» deu ao povo do distrito. ■ No Porto, Ângelo Veloso salienta que sem unidade na 1.ª volta não há 2.ª volta para a Democracia. ■ Em entrevista ao Expresso, Maria de Lourdes Pintasilgo elogia o governo de Cavaco e Silva. ■ Eanes defende os direitos de expressão e de manifestação, quando não no exercício das suas funções. ■ A CGTP-IN considera ser o objectivo final destas eleições a derrota dos candidatos de direita. ■ O Governo acaba com as quotizações para o fundo de desemprego. ■ A Assembleia da República aprova o novo Orçamento Suplementar. ■ O Conselho de Comunicação Social recomenda à RTP a transmissão de noticiário sindical. ■ Toma posse a Câmara Municipal da Amadora. ■ A Administração Reagan ameaça estender à Síria as sanções contra a Líbia. ■ O secretário de Estado norte-americano, George Shultz afirma que os Estados Unidos estão ao lado de Savimbi.

11 Sábado

Começa a campanha para as eleições presidenciais de 26 de Janeiro. ■ Na abertura da sua campanha eleitoral, Salgado Zenha afirma que, «o momento político que se vive será decisivo para o futuro de Portugal». ■ A falsa sondagem publicada pelo «Jornal» é da autoria da candidatura de Mário Soares. ■ No Alto Alentejo, Alvaro Cunhal alerta para a necessidade de fazer convergir num só candidato todos os votos dos democratas logo na primeira volta. ■ Em Lisboa, Ângelo Veloso salienta que «o melhor candidato democrático é o do mais amplo consenso democrático». ■ A política sul-africana prende 16 dirigentes do movimento anti-*apartheid*. ■ O presidente angolano afirma que os Estados Unidos encorajam a África do Sul a boicotar a independência da Namíbia. ■ O ex-chanceler austríaco, Bruno Kreisky afirma que «existem provas fidedignas» do não envolvimento líbio nos atentados de 27 de Dezembro. ■ O dirigente do PSD inglês afirma que a chefe de governo britânica se prepara para abandonar o seu cargo. ■ Um navio da armada norte-americana abre fogo contra unidades da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional, em El Salvador.

12 Domingo

Em Montemor-o-Novo, Salgado Zenha promete «paz e justiça para o povo alentejano». ■ Ângelo Veloso afirma que nós escolhemos o candidato da democracia pelos apoios que eles têm. ■ A Comissão Política do PS rejeita um inquérito ao uso da informática no partido. ■ A Comissão de Trabalhadores afirma que houve um falso alarmismo em torno da greve da EPAC. ■ A Comissão Nacional de Candidatos ao Internato Geral decide convocar uma manifestação de jovens médicos frente ao Ministério da Saúde. ■ A Aliança Povo Unido anuncia a sua intenção de impugnar os aumentos de tarifas de energia no concelho de Gondomar. ■ Para a APU, a democracia entrou de férias em Faro. ■ Os trabalhadores da Função Pública estão em luta por aumentos salariais. ■ Tarjetas apelam à greve geral contra a ditadura no Haiti. ■ Um ministro líbio garante que os países árabes tomarão me-

didadas concretas contra os Estados Unidos. ■ Na África do Sul, um dirigente negro é assassinado em sua casa antes do encontro com o secretário de Estado-adjunto norte-americano para os assuntos africanos. ■ O MPLA acusa os Estados Unidos e a África do Sul de treinarem 30 mil mercenários contra Angola.

13 Segunda-feira

A campanha presidencial prossegue e, no Alentejo e no Algarve, Salgado Zenha tem sido recebido entusiasmadamente. ■ Na «BIS», a explosão de uma máquina mata operário. ■ O general Vasco Gonçalves afirma que Zenha é o candidato com condições para derrotar a direita. ■ Um estudo da CEE afirma que os portugueses gastam com a alimentação um terço dos seus rendimentos. ■ Ângelo Veloso sublinha que tanto Freitas como Soares querem eternizar a direita no poder. ■ Os boletins de voto já começam a chegar aos Governos Cívicos. ■ Soares promete pela enésima vez acabar com as barracas. ■ Pintasilgo critica a existência da candidatura de Ângelo Veloso. ■ Os vereadores da APU afirmam-se dispostos a assumir responsabilidades na gestão do município de Lisboa e pretendem que se institua um pelouro para a juventude. ■ O ministro soviético dos Negócios Estrangeiros inicia uma visita oficial ao Japão. ■ O exército sul-africano mantém quatro batalhões em território angolano. ■ Estala a guerra entre facções das milícias armadas cristãs em Beirute. ■ Cientistas norte-americanos advertem que os *laser* da «guerra das estrelas» têm capacidade para destruir cidades pelo fogo. ■ Tribunal sul-africano nega o direito de residência a Winnie Mandela. ■ Aristides Pereira é reeleito presidente de Cabo Verde.

14 Terça-feira

Pequenos e médios empresários exigem a suspensão até 1989 da aplicação do IVA. ■ O protesto contra a alteração do actual quadro regulamentar das Carreiras Médicas em vigor desde 82 mobiliza largas centenas de recém-licenciados das Faculdades de Medicina de Lisboa, Coimbra e Porto. ■ Presidenciais: Soares recebido com pouco entusiasmo em Torres Vedras; Freitas confundido com Salazar pelo mandatário de Trancoso; Pintasilgo considerando que todos os outros candidatos «têm a mesma linguagem»; Zenha salientando o 25 de Abril nos distritos do Porto, Vila Real e Viseu; Ângelo Veloso firme na batalha do esclarecimento para a vitória da democracia. ■ Balsemão anuncia a suspensão do seu mandato na AP e explica a renúncia ao Parlamento Europeu. Há «discriminação» no PSD, garante o homem do «Expresso». ■ Na posse da AM de Lisboa confirma-se a aliança da ex-AD com o PS. ■ Emissões de rádio, comunicações telefónicas e por «telex» interrompidas, aeroporto da capital, Aden, fechado, são o sinal exterior de uma eventual tentativa de golpe de Estado no Yémen do Sul. ■ Delegado soviético apela em Genebra à realização de um acordo entre os dirigentes dos EUA e da URSS sobre controlo de armas. ■ Amin Gemayel é acusado pelos representantes de três milícias libanesas de «não querer a paz» e de boicotar o acordo de Paz anteriormente estabelecido.

mética» simples e recusar a patriótica decisão de retirar a tempo a sua candidatura, o voto dos honestos democratas — homens, mulheres e jovens — que nela votem é um voto delatado fora e pode ser um voto para a eliminação logo à primeira volta dos dois candidatos da democracia.

A campanha eleitoral dos candidatos da direita é um atentado à inteligência dos portugueses.

Freitas do Amaral enche a boca e sorri de uma orelha à outra com a palavra «democracia» mas todos nos lembramos que Salazar e todos os fascistas diziam que «os verdadeiros democratas» eram eles.

O candidato da direita mais extrema põe como principal, exclusiva e imediata aquisição do povo a educação — por cuja dignificação e acesso se têm batido desde sempre com denodo os trabalhadores e todos os democratas, em primeiro lugar os comunistas.

Mas nada diz compreensivelmente da necessidade imediata e prioritária de acabar com o desemprego, com o drama dos salários em atraso, de elevar os salários reais de quem trabalha e extinguir as manchas de miséria e fome no panorama social português.

Freitas do Amaral — como também Soares — fala em «alterar o sistema», uma forma eufemística de precognizar a destruição do 25 de Abril e abrir de novo as portas do Poder às forças sociais e políticas do 24 de Abril.

Mário Soares, por sua vez, finge-se «pasmado» com as barracas do Bairro Chinês, mas cala a sua responsabilidade directa no empobrecimento das classes mais desfavorecidas, a sua política de «austeridade do aperta o cinto» para os trabalhadores.

Multiplica-se em declarações de «amor» e de «respeito» pelos trabalhadores, em declaradas intenções de diálogo com o mundo do trabalho, mas oculta que, como Primeiro-Ministro, enviou para os calabouços policiais e para os tribunais milhares de trabalhadores e de dirigentes e delegados sindicais pelo único «crime» de quererem dialogar com ele na sua residência de S. Bento.

As eleições do dia 26 devem ser olhadas como passo decisivo para a defesa e consolidação da democracia e para a continuidade das importantes vitórias democráticas alcançadas na última metade de 1985.

Os dias são poucos para reflectir na necessária opção, nas decisões capitais, sem as quais uma séria derrota de incalculáveis consequências pode ser infligida às forças democráticas e aos Ideais Imorrederos do 25 de Abril.

Mas não é tarde. A vitória está ao alcance dos trabalhadores, do povo e de todos os democratas.

Convergir esforços, unir vontades sobre as questões fundamentais que se colocam ao movimento operário, popular e democrático e à própria democracia é, de facto, na batalha que vamos travar uma questão de vida ou de morte do regime saído do 25 de Abril e das suas principais conquistas.

E é por isso que votar em Salgado Zenha em 26 de Janeiro é um dever a que nenhum democrata — homem, mulher ou jovem — se pode eximir.

Avante!
Proletários de todos os países UNI-VOS!

O jornal dos trabalhadores da democracia e do socialismo

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português. Rua Soeiro Pereira Gomes — 1699 — Lisboa CODEX. Tel. 76 83 45

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soeiro Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX Tel. 76 97 25/76 97 22

ADMINISTRAÇÃO: Av. Santos Dumont, 57-3.º — 1000 Lisboa

DISTRIBUIÇÃO: CDL, Central Distribuidora Livreira, SARL, Serviços Centrais: Av. Santos Dumont, 57 - 2.º — 1000 Lisboa Tel. 77 98 28/77 98 25/76 97 51

Casa da Venda em Lisboa: Rua do Século, 80 — 1200 Lisboa Tel. 37 22 38

Centro Distribuidor de Évora: Alarcova de Baixo, 13 — 7000 Évora Tel. 26361

Centro Distribuidor de Faro: Rua 1.º de Dezembro, 23 — 8000 Faro Tel. 24417

Delegação do Norte Centro Distribuidor do Porto: R. Miguel Bombarda, 578 — 4000 Porto Tel. 69 39 08/69 96 15

Centro Distribuidor de Coimbra: Terreiro da Erva, 6 — 3000 Coimbra Tel. 28394

ASSINATURAS: Av. Santos Dumont, 57-4.º Esq.º — 1000 Lisboa. Tel. 76 64 02

EXPEDIÇÃO: R. João de Deus, 24 — Venda Nova 2700 Amadora. Tel. 90 00 44

PUBLICIDADE CENTRAL: Alameda St.º António dos Capuchos, 6-B — 1100 Lisboa. Tel. 77 69 36/77 67 50 Porto — Rua do Almada, 18-2.º Esq.º — 4000 Porto. Tel. 38 10 67

Composto e Impresso na Heeka Portuguesa — R. Elias Garcia, 27 Venda Nova — 2700 Amadora

Depósito legal n.º 205/85

Tiragem média do mês de Novembro: 35 555

Semana

Avante!

Ano 53 - Série VII

N.º 629

16 de Janeiro de 1986

2.º Caderno

Não pode ser vendido
separadamente



Unir os Democratas para a Vitória da Democracia

Manuel da Fonseca



Tempo
de solidão

OBRA
COMPLETA **editorial
CAMINHO**

O prazer de ter bons livros para ler



Sessão-debate no Alvalade

As mulheres, o esclarecimento e a unidade dos democratas

Ângelo Veloso prá cadeia?!!

Se o sr. prof. Freitas do Amaral afirmar que as pêras crescem nas pereiras e a eng.^a Maria de Lourdes Pintasilgo afirmar o mesmo não será possível nem legítimo dizer que há confluências de opiniões ou objectivos entre os dois candidatos ou daí retirar conclusões sobre os objectivos e posicionamentos de uma democrata em função de um homem consabidamente de direita.

Agora se a eng.^a Maria de Lourdes Pintasilgo requerer ao Tribunal Constitucional exactamente a mesma medida político-jurídica solicitada pela candidatura do prof. Freitas do Amaral — há que convir que o problema se complica.

Sucintamente, informa o telex 029.151258 M666 da Anop:

029. 151258 M666 ANOP

(LISBOA) PRESIDENCIAIS - PINTASILGO - VELOSO ***

LISBOA, 15 JAN (ANOP) - A CANDIDATURA DE MARIA DE LOURDES PINTASILGO REQUEREU TERÇA-FEIRA AO TRIBUNAL CONSTITUCIONAL "A IMEDIATA SUSPENSÃO" DO TEMPO DE ANTENA E DO DIREITO A CAMPANHA ELEITORAL DE ANGELO VELOSO.

OS SERVICOS DE CANDIDATURA DE MARIA DE LOURDES PINTASILGO DISSERAM HOJE A ANOP QUE O REQUERIMENTO, ASSINADO PELO MANDATARIO NACIONAL DA CANDIDATA, NUNO GRANDE, AFIRMA QUE A ACTUACAO DE ANGELO VELOSO CONSUBSTANCIA UM "ABUSO DE DIREITO COM FINALIDADE CONTRARIA AQUELE PARA QUE O DIREITO LHE E CONCEDIDO".

O REQUERIMENTO, ELABORADO EM OITO PAGINAS, DIZ QUE ANGELO VELOSO ACTUA "COMO MANDATARIO" DE SALGADO ZENHA E RECORDA QUE O CANDIDATO AFIRMOU DIA 12 QUE DESISTIRIA EM FAVOR DE SALGADO ZENHA.

DIZ AINDA O DOCUMENTO QUE ANGELO VELOSO MANIFESTOU "DESDE O PRINCIPIO MANIFESTA MA FE AO INDUZIR O ELEITORADO A PENSAR QUE SERIA O REPRESENTANTE DE UM PROJECTO AUTONOMO".

DE ACORDO COM A CANDIDATURA DE PINTASILGO, ANGELO VELOSO E "UM CANDIDATO FANTASMA".

O DOCUMENTO EVOKA O ARTIGO 140 DA LEI ELEITORAL QUE PREVE UMA PENA DE DOIS A OITO ANOS PARA QUEM O VIOLAR.-ANOP NNN

Será talvez de sublinhar que o requerimento apresentado pelo dr. Proença de Carvalho sobre exactamente o mesmo assunto não ia ao ponto de invocar o artigo 140.º da Lei Eleitoral, isto é, não ia ao ponto de solicitar ao Tribunal Constitucional que providenciasse no sentido de que o candidato Ângelo Veloso, membro da Comissão Política do Comité Central do Partido Comunista Português, recolhesse a uma cadeia do Portugal de Abril por um período compreendido entre dois a oito anos!

Que se passa com a candidatura da eng.^a Maria de Lourdes Pintasilgo, o que leva o seu mandatário a subscrever semelhante documento?

Desespero? Situação reveladora?

Que pensam disto os democratas?

Prestes a terminar a sessão-debate de sábado, dia 11, na sala superlotada do cinema Alvalade em Lisboa, o candidato Ângelo Veloso, respondendo a uma das últimas intervenções de um público participativo, na maioria composto por mulheres, sublinhou com alguma ironia o sentido a dar ao esclarecimento do eleitorado feminino quanto à unidade do voto. O candidato do PCP emitiu um «apelo muito forte» às mulheres para que esclareçam os homens sobre a convergência indispensável da votação destinada a bater os candidatos da direita nas próximas eleições presidenciais.

Ângelo Veloso referia-se a uma intervenção no debate que levantava dúvidas sobre a capacidade de algumas mulheres entenderem o que verdadeiramente está em jogo nestas eleições. A intervenção, aliás notoriamente bem intencionada, alertava para a necessidade de o homem, em casa, inculcar na mulher, quando desafecta à atitude unitária, a necessidade de votar de acordo com a escolha do marido. Não sendo as eleições matéria conjugal restrita, Ângelo Veloso, que não pareceu gostar de uma certa secura impositiva que caracterizou de algum modo a aludida intervenção, pôs a tónica no respeito pelas opiniões femininas e no método da mútua persuasão. Como se tornou porventura evidente na sessão de sábado, promovida pela DORL sob o lema «As Mulheres e a Unidade dos Democratas para a Vitória da Democracia», o eleitorado feminino participa para esclarecer-se e não para impor as suas opiniões. O candidato comunista achou conveniente sublinhar que «repudia» a noção errada de que as mulheres «não possam entender o que está em jogo» nas eleições presidenciais.

A sessão-debate, cujos trabalhos foram presididos por Rosa Rabiais, do Comité Central do PCP, Fátima Garcia, do Comité Local de Lisboa do PCP, Celeste Soeiro da DORL, Rosa Maria do sector sindical da Função Pública e membro do Conselho Na-

cional da CGTP-IN, e Cremilda Gil, do organismo de Artes e Letras do PCP, começou às 15 e 30 e acabou já depois das 18 horas.

Terminada a breve apresentação da mesa e expostos os objectivos do debate, interveio Ângelo Veloso, que acabava de chegar da Covilhã. A sua curta intervenção inicial, escutada com atenção e muito aplaudida, advertiu sobremaneira contra as ilusões demagógicas de que o discurso de direita está repleto em relação às mulheres, sempre que se aproximam actos eleitorais. É preciso «desenredar as posições dos caçadores de votos da direita», disse, onde se situam os inimigos dos direitos das mulheres e da sua igualização relativamente aos homens.

«A questão é quem tem condições para ganhar»

Animado por dezassete intervenções vindas da sala, o debate girou, como era de prever, à volta das condições para vencer os candidatos de direita, evitando que ambos passem à segunda volta. «O perigo não é Pintasilgo ganhar. O perigo é fazer perder, desviando votos» necessários à vitória da candidatura de Zenha — a melhor colocada para, evitando rupturas, fazer

convergir os votos dos trabalhadores e dos democratas de modo a derrotar Freitas e Soares.

Ângelo Veloso, ao responder a um primeiro grupo de quatro intervenções, donde se destaca a primeira sobre uma alegada convergência que já existiria à volta da candidatura Pintasilgo, antes da apresentação de Zenha, esclareceu que nunca houve tal convergência do campo democrático. Os candidatos apareciam ou desapareciam, durante meses, sem que existissem indicações seguras de que estavam ganhos os apoios indispensáveis a uma candidatura democrática de sentido unitário e capaz de vencer.

O PCP não quer, nem nunca quis, convergir para a derrota, disse Ângelo Veloso que lembrou a complexidade do campo democrático. A Eng.^a Maria de Lourdes Pintasilgo, no meio desse campo complexo, limitou-se a ocupar o espaço da hesitação, recordou o candidato comunista, que citou palavras de Álvaro Cunhal segundo as quais «nem sempre o melhor candidato é o candidato melhor».

Numa exposição clara e muito precisa quanto aos apoios sem os quais qualquer candidato democrático da área da esquerda será derrotado, Ângelo Veloso acentuou que, «se nos dividirmos, acordaremos com o pior candidato eleito».

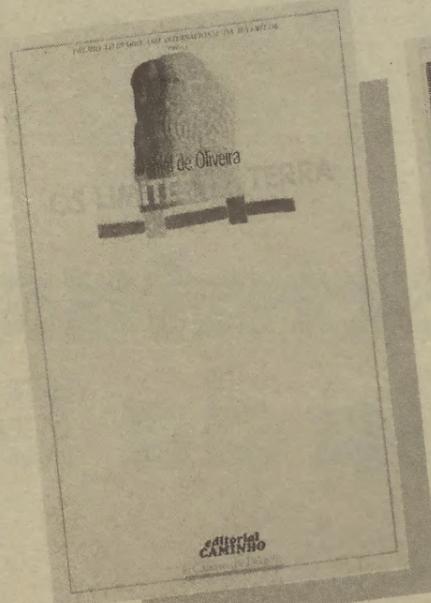
«Um milhão de mulheres não tem participação activa» na campanha

Alda Nogueira, membro do Comité Central referindo-se às

mulheres que estão em casa, aludiu à necessidade, em parte já contemplada em Lisboa, de se efectuarem pequenas reuniões-convívio para discutir, esclarecer e aprofundar as implicações do voto das mulheres para a vitória da Democracia nas próximas eleições. «Já começámos a trabalhar nesse sentido aqui em Lisboa», disse a camarada Alda Nogueira, que se encontrava entre os participantes da sessão-debate no cinema Alvalade. «Não é um trabalho de grandes massas», mas uma intervenção necessária, onde for possível fazê-la, por iniciativa das próprias pessoas, em suas casas, através dos seus contactos, ou, quando necessário, recorrendo à organização do Partido ou às estruturas da candidatura, referiu ainda Alda Nogueira, que não viu necessidade de basear o esclarecimento útil nos méritos ou deméritos de Zenha e Pintasilgo quando estiveram nos governos, pois, segundo afirmou, tanto de um como de outro poderia citar, como aliás fez, actuações boas e más, não sendo necessário compará-las para esclarecer sobre a necessidade do voto em unidade no candidato melhor colocado para vencer.

O esclarecimento, como se depreendeu das dúvidas e até confusões que surgiram no debate, deve incidir, durante toda a campanha, não nos discursos inflamados contra um ou outro dos candidatos do campo democrático por aquilo que fizeram ou deixaram de fazer, por aquilo que consentiram ou por que foram responsáveis numa medida maior ou menor. O esclarecimento útil e frutuoso deve orientar-se pelos apoios, numa discussão sem rupturas, sabendo exactamente aquilo que queremos e para o qual trabalhamos nesta campanha eleitoral.

Novos livros de autores portugueses



editorial CAMINHO

o prazer de ter bons livros para ler

PCP

Álvaro Cunhal na Covilhã e Distrito de Portalegre

Votar a nosso gosto à primeira

é não ter gosto nenhum à segunda!

Arrastando multidões e aplausos, o secretário-geral do PCP fez ainda uma outra coisa, na sua digressão do fim-de-semana passado pela Covilhã, Tortosendo, Nisa, Alpalhão, Avis e Ponte de Sor: gerou diálogos que cedo se transformaram em debates vivos, em informação oportuna, em necessário e atempado esclarecimento. Sempre em relevo a questão política central do momento: a imperiosa necessidade de se apoiar o candidato democrático que reúne os apoios sociais, políticos e partidários necessários para vencer os dois candidatos da direita — Mário Soares e Freitas do Amaral. Como se sabe, quem está nessas condições é Francisco Salgado Zenha.

Covilhã, 19.00 horas de sexta-feira passada, Escola Secundária Frei Heitor Pinto. Álvaro Cunhal chega para um encontro com intelectuais decidido à últi-

ma hora, o que impediu muitos de o saberem a tempo. «Há quem, como eu, pôde vir ao Cine-Teatro, mas que lamenta não ter sabido do encontro na

Escola», informou-nos um professor com quem, acidentalmente, conversámos duas horas depois, «e outros, se calhar, nem isso!». De qualquer modo estavam dezenas de pessoas e Álvaro Cunhal deu logo ali o tom que desejava imprimir às suas sessões: um encontro informal de conversa de amigos. Assim:

E se nos puséssemos todos em círculo? Não desarruma muito e ficamos mais à vontade. Ficaram. O secretário-geral do PCP fez uma exposição inicial, «uma coisa assim para o curto, dado que o que mais interessa é trocarmos impressões», e as questões começaram a surgir. A primeira repetir-se-ia, quase infalivelmente, nas sessões seguintes: «Na hipótese de Mário Soares e Freitas do Amaral irem à segunda volta, em quem se votará?» (duas horas depois, no Cine-Teatro, a resposta viria espontânea, da assistência: em nenhum). Em nenhum, pois claro, mas «não aceitamos essa hipótese como ponto de partida. Os nossos esforços vão para a vitória do candidato que reúne os apoios necessários para derrotar as duas candidaturas de direita». Salgado Zenha veio então à baila. E Lourdes Pintasilgo. Assim:

«Há quem diga que à primeira volta se deve votar em quem se quiser, ou Zenha ou Pintasilgo, e à segunda concentrar tudo no que passar. Mas o que eu acho é que para votar à primeira a nosso gosto, à segunda não temos gosto nenhum». Álvaro Cunhal concordou, acrescentando: «Maria de Lourdes Pintasilgo é uma pessoa simpática, que fala ao coração, que cria simpatias em todas as áreas. Então por que não se gerou o apoio indispensável à volta dela?»

Ora a questão é esta: nós não partimos do candidato para o consenso, mas do consenso para o candidato. E a candidatura de Maria de Lourdes Pintasilgo não procurou nem teve o consenso dos apoios indispensáveis para derrotar as duas candidaturas de direita, que é a tarefa central que se coloca ao nosso Povo».

Quando a Zenha, também foi falado em quase todas as sessões. Por exemplo, na seguinte, no Cine-Teatro da Covilhã.

Vasos comunicantes

Estava a abarrotar, a bela sala covilhãense. Se às 21.30 (hora de início da sessão) as coisas estavam apenas compostas, um quarto de hora depois, já com a telenovela arrumadinha até à próxima, as pessoas passaram a atafalhar-se nos acessos e coxias. Na mesa, acompanhados por dirigentes do PCP local, Álvaro Cunhal e Ângelo Veloso fizeram primeiro as suas inter-

venções, passando-se então ao período de perguntas feitas ao secretário-geral do PCP. E Zenha voltou à baila, nomeadamente por causa do seu conhecido posicionamento anticomunista em 1975.

Alguém julga — perguntou Álvaro Cunhal — que o PCP desconhece o passado do dr. Salgado Zenha? Politicamente conhecemo-lo desde pequeno, só que a questão não é a dos méritos relativos dos candidatos, trata-se agora da vida ou da morte da democracia portuguesa! Que interessa discutir se Zenha foi anticomunista ou Pintasilgo membro da Câmara Corporativa fascista? O que importa é a convergência dos votos dos democratas (mais ou menos os mesmos que reelegeram o general Ramalho Eanes) num só candidato, de modo a garantir a vitória sobre os dois representantes da direita. Quem está nessas condições é Salgado Zenha, não é Maria de Lourdes Pinta-

silgo, que, aliás, avançou uma candidatura voluntarista, sem garantir — ou sequer querer fazê-lo — os apoios necessários, que, como se sabe, não se conseguem apenas com os votos da área da APU. Esses não chegam, são indispensáveis também os dos eanistas com Eanes, do PRD, dos socialistas da área do ex-secretariado, de todos os democratas. E é preciso não esquecer que os votos para Zenha e Pintasilgo funcionam como um sistema de vasos comunicantes: o que sai de um, entra no outro, e vice-versa. Ora umas centenas de milhar de votos em Maria de Lourdes Pintasilgo de certeza que não lhe garantem, sequer, a passagem à 2.ª volta, mas podem impedir Salgado Zenha de o fazer, abrindo assim caminho às duas candidaturas de direita, a de Freitas e Soares.

E sublinhou:
Lembre-mos que os campos eleitorais disponíveis para

a 1.ª volta rondam mais ou menos os seguintes valores: cerca de dois milhões de votos para Freitas, um milhão e meio para Soares, dois milhões para as candidaturas democráticas — Zenha, Veloso e Pintasilgo. Tudo indica que o candidato do PCP vai desistir em favor do candidato do consenso democrático, mas já o mesmo se não pode dizer em relação a Pintasilgo. Ora, nesta situação, quaisquer centenas de milhar de votos nesta última, não lhe dando qualquer hipótese de passar à 2.ª volta, podem permitir que Mário Soares o faça, com o seu possível milhão e meio de votos!

Ou se perde ou se vence

Tortosendo é uma populosa Freguesia APU do Concelho da Covilhã. Chamam-lhe por lá a «vermelha» e era, na verdade,

Evitar catástrofes

1 — A semana que passou foi tempo grande para os bombeiros do nosso país. Foi uma semana em que, com operações de maior ou menor envergadura, mas sempre em permanente contacto com as populações, os soldados da paz saíram dos quartéis, não para apagar fogos, mas para prevenir que eles aconteçam.

Nas brochuras que por todo o País distribuíram com profusão, salientaram ser seu objectivo ajudar as populações «a evitar riscos desnecessários e a defender-se de acidentes».

Mais afixaram. Que só com o seu empenhamento e com o empenhamento de toda a população se pode obviar a que aconteçam catástrofes em tudo prejudiciais para o País.

2 — Quinta-feira passada, Álvaro Cunhal participou numa sessão nos Bombeiros Voluntários de Queluz integrada na imensa campanha de esclarecimento que o Partido realiza com o objectivo de unir os democratas em torno do candidato do consenso.

Na sessão, alertou uma vez mais para o grande perigo que representa para a democracia a divisão dos votos da área democrática e salientou que é já nesta primeira volta que se devem unir em torno de um só candidato, para impedir riscos desnecessários e evitar acidentes.

Salientou a necessidade de um grande empenhamento da organização do Partido nesta importante batalha de esclarecimento que deve tocar todos quantos conhecemos e que ainda não compreenderam a urgência da união de esforços e de votos logo à primeira volta, para que a democracia possa sair vencedora das eleições de 26 de Janeiro.

3 — Como se pode ver por estes dois exemplos, a prevenção assume, nos nossos dias, uma importância especial na acção das forças responsáveis pela segurança das populações.

Assume uma importância primordial e exige um empenhamento profundo para uma batalha que, ao fim e ao cabo, se completa: esclarecer as populações para «evitar riscos desnecessários e defender-se de acidentes».

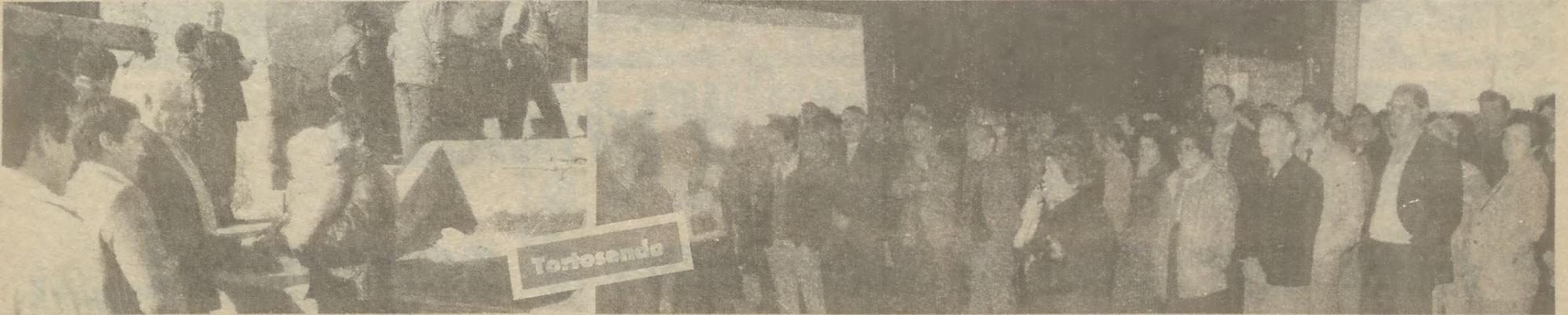
4 — No final da sessão com Álvaro Cunhal, os Bombeiros Voluntários de Queluz distribuíram uma brochura onde alertam contra os perigos que um gesto descuidado pode trazer para a segurança das populações.

Cientes de que o seu gesto em 26 de Janeiro não seria descuidado e não iria contribuir para fazer perigar a democracia portuguesa, as pessoas recebiam de bom grado os esclarecimentos editados pelos soldados da paz. Para evitar catástrofes.

JM



PCP



uma multidão vincadamente comunista que aguardava o secretário-geral do PCP às 10 horas de sábado. Presentes na mesa os presidentes da Junta e da Assembleia de Freguesia, das diversas Comissões do PCP da região e ainda vários membros de células de empresa. E Álvaro Cunhal começou assim:

«Aqui em Tortosendo costuma dizer-se que não é preciso dizer as coisas essenciais. Só que a situação, agora, não é simples: enfrentamos uma questão política de fundo, onde se perde ou se vence — e em caso de derrota não se-

ríamos só nós a perder, mas também a democracia portuguesa». Explanou, de seguida, as razões que há para termos confiança na vitória e para nos lançarmos, decididamente, na batalha do esclarecimento eleitoral. E as perguntas começaram a vir, muitas repetindo questões postas anteriormente, outras não, nomeadamente a de que há quem diga que o PCP quer destruir o PS. O secretário-geral do PCP esclareceu:

É curioso que agora até Maria de Lourdes Pintasilgo já diz que o PCP quer destruir o PS... Nada disso. Quem tem

destruído o Partido Socialista tem sido a política reaccionária conduzida pelo PS de Mário Soares, sendo ele próprio a reconhecê-lo quando se vangloria da condução de toda essa política. Recordou em seguida, os numerosos socialistas que se foram afastando do partido devido a essa política reaccionária, nomeadamente destacados dirigentes como Henrique de Barros, Vasco da Gama Fernandes, Aquilino Ribeiro Machado, António Arnaut — por sinal homens que ocuparam, representando o PS, os mais altos cargos da hierarquia do Estado e da Administração. E onde estão agora? Curiosamente no apoio à candidatura de Salgado Zenha...

O resto é conversa

Depois do almoço, seguiu-se Nisa, o concelho APU do distrito de Portalegre que «saltou» de uma maioria relativa para absoluta, è Alpalhão, Freguesia deste Concelho. Em Nisa aguardavam Álvaro Cunhal os presidentes da Câmara e da Assembleia Municipal, entre outros camaradas representantes das estruturas do Partido na região. A multidão aguardava no largo da Casa do Povo e seria no próprio terreiro, no meio das pessoas, que o secretário-geral teve o seu rápido encontro com a população. Ocorria, entretanto, um episódio vagamente provocatório, que Álvaro comentou com ironia.

Dois jovens (estranhos à terra) passeavam-se de carro com instalação sonora de propaganda a Freitas do Amaral. Passaram três vezes pelo local da sessão, a primeira com os altifalantes ligados, as restantes já em silêncio. Aí, o orador interrompeu-se e disse: «Estão contentes porque o seu candidato pode passar à 1.ª volta. Só que, ficando Soares para trás, já não passa à segunda. Estão, no fim de contas, a cumprimentar a vitória da democracia!»

Grandes ovações e ofertas de artigos regionais culminaram a curta passagem de Álvaro Cunhal por Nisa, sendo depois acompanhado por todos os camaradas que lhe fizeram a recepção até ao local da sessão seguinte: a sala da Casa do Povo de Alpalhão. Transbordava, literalmente. Havia quem entrasse pelas janelas, se empoleirasse quase nas paredes, enquanto «novelos de gente se comprimiam da parte de fora sem conseguirem, sequer, meter o nariz. Quem o conseguiu foram as crianças que, como se sabe, foram por todo o lado. E uma delas protagonizou um episódio pitoresco.

O visitante falava da necessidade da vitória do candidato da democracia, quando uma voz aguda de criança rasgou o ar, gritando, bem nítida: «É preciso é votar no Zenha!». Álvaro



Cunhal riu-se e comentou, rápido: quem o disse foi uma criança! Palmas. E logo de seguida: «Pelos vistos na vossa terra a consciência política começa muito cedo!». Foi a apoteose. Novamente Álvaro Cunhal se pôs ao dispor de quem quisesse, livremente, dizer de suas dúvidas. Mas aquilo estava já tudo virado, como se patenteou numa segunda afirmação, atirada aos ares por uma senhora de idade: «a gente vota no dr. Zenha e o resto é conversa!».

Foi atravessando a custo o entusiasmo da multidão que o orador se dirigiu para o carro que o levaria para as duas sessões seguintes: Avis e Ponte de Sor.

Quantas centenas?!

Bom, não sei bem como falar de Avis. O salão da Casa do Povo abarrotava com centenas de pessoas, cá fora pareciam



Tempos de antena da candidatura de Ângelo Veloso

RTP-1

Dia 19
Domingo às 20.30
Dia 20
Segunda-feira às 20.45
Dia 21
Terça-feira às 20.30

RDP

(Antena 1 e Rádio Comercial)

Dia 16
Quinta-feira às 17.30
Dia 17
Sexta-feira às 17.30
Dia 18
Sábado às 18.30
Dia 19
Domingo às 18.45
Dia 21
Terça-feira às 18.00
Dia 22
Quarta-feira às 17.45

Rádio Renascença

Dia 16
Quinta-feira às 20.00
Dia 17
Sexta-feira às 4.30 e 20.45
Dia 18
Sábado às 20.45
Dia 20
Segunda-feira às 4.30 e 20.45
Dia 21
Terça-feira às 4.30 e 20.00
Dia 22
Quarta-feira às 20.15 e 20.45

PCP



estar outras tantas centenas e lá dentro desenrolava-se uma das sessões mais combativas a que tenho assistido. Estava-se, sem dúvida, num «bastião» do PCP.

As perguntas eram mais reafirmação de voto no candidato do consenso democrático, do que de outra coisa qualquer. De qualquer modo alguém se preocupou com as sondagens difundidas pelo «Expresso» e escandalosamente retransmitidas pela televisão a poucas horas do início da campanha eleitoral, que (naturalmente!) davam uma fraca votação em Salgado Zenha.

Mais uma vez o secretário-geral do PCP desmontou a burla que constituíram tais sondagens (uma delas, «o jornal», desmentidas pela própria empresa NORMA, a quem abusivamente se atribuiu a sua elaboração, quando tinha sido «passada» pelos serviços de candidatura de Mário Soares), perguntando: «**Quem fabrica as sondagens e para quê? Para criar na opinião pública a convicção de quem vai à 2.ª volta é Mário Soares e Freitas do Amaral, dar ânimo à candidatura de Pintasilgo (que a direita sabe poder ajudar a passagem de Soares ao tirar votos a Zenha) e desanimar a candidatura deste último.**

De qualquer modo o valor das sondagens pode apreciar-se com exemplos do passado: quando foi de Soares Carneiro, tais sondagens também lhe davam a vitória e foi o que se viu; nas eleições de Dezembro também se diziam muitas coisas e saiu tudo ao contrário. E por aí fora!

E por aí fora se foi depois até Ponte de Sor, outro Concelho de



maioria APU do distrito de Portalegre, onde nova multidão aguardava o secretário-geral do PCP no amplo cinema da vila. Aí houve quem apresentasse uma lista de perguntas, algo confusas e

abordando temas não propriamente ligados às presidenciais (CEE, pescas, agricultura, etc.) outras já feitas anteriormente. um até para dizer, apenas, que «sou de Galveias, voto Zenha,

viya o povo das Galveias!». A todos Álvaro Cunhal respondeu e foi em ambiente vibrante que a sessão se encerrou. Com combatividade, como se costuma dizer, porque costuma ser.



Da esquerda para a direita: Mário Mendes, José Sales e José Basso, «vítimas» de estranha ficção jornalística...

A burla

Um tal Afonso Camões, do jornal da «direita esclarecida», «Semanário», saiu-se há dois números com uma «reportagem» da campanha de Pintasilgo no Alentejo, concretamente em Nisa, onde escarrapachou com uma foto do presidente da Câmara, camarada José Manuel Basso, cumprimentando, na Câmara, a candidata. Redigia, entretanto, um texto onde o presidente da Câmara quase que surge a apoiar Maria de Lourdes Pintasilgo, o mesmo acontecendo com outro autarca do PCP, José Sales, e até com o filho (de sete anos!) do presidente da Assembleia Municipal, camarada Mário Mendes, todos sobejamente conhecidos na terra, como é óbvio.

Encontrámo-los, durante a breve passagem de Álvaro Cunhal por Nisa, o que era impossível não acontecer dado que todos o foram receber pessoalmente. Rimo-nos da história e eles desmontaram-na. Vale a pena transcrever.

Dizia o «jornalista»: **O presidente da Câmara e militante comunista, José Manuel Basso, acolhe-a nos Paços do Concelho: «Muito gosto em recebê-la. É uma candidata que se identifica com a democracia. E oferece-lhe um xale de pelo de cabra, artesanato da região. As palavras são poucas, o gesto é tudo».**

Pois é... o pior é que as palavras transcritas foram demasiado poucas, não acrescentando o resto que José Basso disse a Maria de Lourdes Pintasilgo sobre a necessidade de não se dividir o campo democrático e concentrar votos no candidato que reúne os apoios necessários...

Entretanto um pouco mais acima, lê-se este mimo: «**Os populares envolvem Pintasilgo. Estendem-lhe flores e um miúdo. É Luciano, filho de Mário Mendes, presidente da Assembleia Municipal, eleito pela APU**». Aí tínhamos o presidente da AM de Nisa, Mário Mendes, a apoiar Pintasilgo por interposto filho de... sete anos!

Neste caso o camarada Mário Mendes não achou mesmo graça nenhuma. Meter assim uma criança ao barulho, não tem de facto piada. **Imagina só! — comentava ele — o miúdo anda por aí à vontade, como é óbvio, e fazerem um aproveitamento destes!**

De facto é feio, ó senhor Camões. Mas a coisa não fica por aqui. Logo no início da prosa, entra o camarada José Sales, relojoeiro de profissão. E diz o escriba, em arrancada com ânsias literárias: «**O homem está em pulgas desde o princípio da tarde. Militante comunista (segue a identificação toda) é o relojoeiro da terra e hoje, sexta-feira, 27 de Dezembro, as dezenas de relógios de parede à sua volta parecem retardar o passo. Hesita e espreita amiúde à porta da loja. Mas o largo da vila está cheio de gente (...)** O Partido vai apoiar Salgado Zenha? Estou-me a marimbar! (...) O altifalante inunda a praça e anuncia a chegada de Maria de Lourdes Pintasilgo. E ele não resiste: fecha o estaminé e junta-se aos populares que saúdam a candidata».

Vê tu — gesticula José Sales — que além de não ter acontecido nada disto (não sei onde é que ele foi buscar a ideia de que eu fechei a loja), que o tipo se aproveitou de um encontro que tivemos à uma e tal da manhã num bar em Portalegre, onde nos vimos pela primeira vez, uma data de horas depois do tal comício da Pintasilgo (onde, por acaso, nem fui), e se serviu da identificação que, a pouco e pouco, me foi sacando sem que eu estranhasse! **É preciso lata!**

É isto o jornalismo da direita... «esclarecida». Faria se não o fosse!

O voto das mulheres

Foi nos primeiros anos após o 25 de Abril, isto é, com a conquista da democracia e da liberdade em Portugal, que se verificaram as alterações mais positivas na situação da mulher: o direito à igualdade na sociedade, na família e no trabalho. Direitos mais tarde ignorados e violados pelos governos e pela política de que foram especialmente responsáveis Mário Soares e Freitas do Amaral.

Agora, no momento presente, é com a vitória de um candidato que assegure a consolidação do regime democrático, que se criarão novas e mais favoráveis condições para que as mulheres portuguesas sejam respeitadas e assegurados os seus direitos. Freitas do Amaral e Mário Soares já mostraram durante vários anos o seu total desrespeito e desprezo pela situação das mulheres. E já mostraram como a política que preconizam conduz às dificuldades crescentes com que as mulheres se debatem.

É neste sentido rigoroso que nós podemos afirmar que o objectivo central nas próximas eleições presidenciais das mulheres portuguesas coincide com o de todos os trabalhadores e todos os democratas e consiste em derrotar as candidaturas de direita e eleger um democrata para Presidente da República.

Isto é o mesmo que afirmar que o critério fundamental para optar entre os três candidatos da área democrática — Ângelo Veloso, Maria de Lourdes Pintasilgo e Salgado Zenha — é o critério de qual deles oferece condições para vencer os candidatos da direita, isto é, de, **primeiro**, passar da primeira, para a segunda volta, e **segundo**, de na segunda volta reunir mais de três milhões de votos, isto é, mais de metade dos votos expressos.

Daqui se depreende que é obrigatório não nos deixarmos orientar por razões de sexo, de simpatia ou de proximidade ideológica, pois daí adviria a nossa divisão e a nossa derrota: dos democratas e das mulheres.

O perigo para os democratas não é que Maria de Lourdes Pintasilgo vença as eleições, mas que dispersando votos dos democratas abra o caminho à derrota — não apenas à sua derrota mas à da democracia portuguesa.

Com a melhor das intenções, os votos dispersos por candidatos sem condições para vencer levariam os candidatos da direita — Mário Soares e Freitas do Amaral — à segunda volta, tornando inevitável que um deles vencesse.

Ora a realidade é que hoje existem condições e está ao nosso alcance eleger um democrata para Presidente da República.

(Extracto da intervenção de Ângelo Veloso na sessão-debate realizada no Porto em 9/1)

Alex La Guma

Um grande autor



PCP

Ângelo Veloso no Algarve

 CANDIDATURA A PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
ÂNGELO VELOSO

Para que não nos saia na rifa o Freitas ou o Soares unir os democratas logo à 1.ª volta

A preocupação de explicar de maneira circunstancial as principais questões que estão em jogo na presente batalha eleitoral; a forma simples e didáctica (recheada de momentos de bom humor) utilizada ao longo das exposições; a receptividade carinhosa, interessada e nalguns casos mesmo entusiástica dispensada quer ao candidato quer às posições do PCP relativamente às presidenciais, constituíram algumas das notas mais salientes que estiveram presentes nas sessões de esclarecimento que preencheram o segundo dia (domingo) da campanha eleitoral do candidato comunista Ângelo Veloso na deslocação que efectuou por terras do Algarve.

Diferentemente de outros pontos do País (onde, se bem que cada vez menos, se continuam a revelar fenómenos de incompreensão quanto aos perigos que poderão advir para a democracia caso se verifique uma divisão entre os democratas) a passagem pela região algarvia deixou à nossa reportagem a impressão de existir desde já uma generalizada concordância quanto à imperiosa necessidade de os democratas se unirem e fazerem convergir logo à primeira volta, num único candidato da democracia, os votos que permitirão numa segunda volta a derrota de qualquer dos candidatos da direita.

Isto mesmo ficou patente em várias intervenções proferidas nos períodos de debate que se seguiram às palavras iniciais de Ângelo Veloso como foi o caso, por exemplo, de um participante na sessão de Lagos que lembrou que o «perigo de Pintasilgo não é que ganhe mas que conduza à derrota», opinião que completou com a afirmação de que o risco real para qualquer democrata é o de, nas melhores intenções, «ir atrás daquela candidata para depois, na manhã do dia 27, ao acordar, reparar que lhe saiu na rifa o Freitas ou o Soares».

Muito embora seja esta a tônica dominante isto não excluiu obviamente — como aliás fizeram questão de nos sublinhar dirigentes locais do Partido — a necessidade de se prosseguir a batalha do esclarecimento sobre o que está verdadeiramente em causa, tanto mais que existem, com efeito, aqui ou acolá, neste

va-se a explicação para a ausência da companheira.

Candidaturas de direita

Estávamos num almoço na Escola Secundária daquela cidade no qual participaram perto de duas centenas de democratas entre os quais alguns socialistas e independentes, iniciativa que assinalou o início da visita do candidato comunista nesta sua

ferentes candidaturas que se apresentam ao acto eleitoral do próximo dia 26, afirmou que Freitas do Amaral e Mário Soares, «ambos candidatos de direita», são portadores de projectos semelhantes que apontam para a «revisão completa da Constituição e para a alteração do sistema político e económico», para o cerceamento dos direitos dos trabalhadores e dos cidadãos, chegando mesmo ao pon-

para o qual trabalho, «combinando entre si os votos».

Fundamentando a sua afirmação o dirigente comunista recorreu a propósito as posições publicamente assumidas por alguns dirigentes políticos como João Jardim e Adriano Moreira e por destacados colonistas dos semanários da burguesia.

Nem simpatia nem antipatia

Definindo os termos da convergência de votos e do candidato da área democrática melhor colocado, o dirigente do PCP sublinhou que «o único critério» para o escolher «é pelos apoios que tem», apoios esses que, em seu entender, terão de passar pelos eanistas, pelos socialistas contrários à política de direita de Mário Soares e pelo movimento operário com o PCP.

Insistindo em que não se trata de «uma questão de preferência» mas sim de uma «questão objectiva», nem de uma «antipatia por Pintasilgo e de simpatia por Zenha», o candidato chamou a atenção para o facto deste último, todavia «ter partido com esses apolos indispensáveis», situação que é bem diversa da engenharia Pintasilgo que pese embora a simpatia e a popularidade e de andar em pré-campanha há mais de um ano, «não conseguiu obter a convergência dos sectores democráticos».

«Não se trata de saber se o candidato é melhor ou pior, se tem mais ou menos simpatia. Trata-se sim — garantiu — de saber se está em condições ou não de derrotar os candidatos de direita».

Trabalhar para a vitória

Para o candidato do PCP este objectivo está perfeitamente ao alcance dos democratas tanto mais que, segundo referiu, estão definidas as quatro condições que permitem garantir a derrota dos candidatos da direita e a vitória da democracia. Enumerando-as, Ângelo Veloso salientou que em primeiro lugar, o campo democrático é mais forte que a direita quer no plano político, quer no social e eleitoral; em segundo, começa a estar claro qual o candidato que tem condições para vencer; em terceiro a convergência logo na primeira volta surge como um objectivo que tem que orientar os democratas; e em quarto existe um grande fôlego e dinamismo pela unidade democrática, pela convergência em torno de um único candidato da democracia.

Convidando os presentes a empenharem-se na batalha de esclarecimento em curso o can-

didato comunista salientou ainda que é necessário «trabalhar muito no terreno da discussão, do entendimento e do debate. Há muitos democratas que estão em diferentes candidaturas e é com eles que há que serenamente discutir sem fracturas e sem azedume».

Ângelo Veloso abordou ainda outras questões como a desistência da sua candidatura, as sondagens que têm vindo a público veiculadas por alguns semanários, a hipótese de Soares e Freitas passarem à segunda volta e ainda a figura de Eanes e o seu apoio a Zenha.

Relativamente a este aspecto lembrou que o general Ramalho Eanes é a «figura política mais prestigiada em Portugal, e que conseguiu reunir até hoje mais votos em qualquer eleição», pelo que, um tal apoio, dará «força moral e política à candidatura de Zenha».

Completa vigarice

Quanto às sondagens qualificou-as como sendo hoje uma «completa vigarice e a mais acabada manipulação da opinião pública» citando o «escândalo» do semanário «O Jornal» que publicou em vésperas de abertura da campanha os resultados de uma que teria sido supostamente encomendada à Norma pelo MASP mas que, afinal, se veio a saber não ter sido efectuada por aquela empresa pelo que é de deduzir que fosse inteiramente falsa.

Sobre a passagem à segunda volta dos dois candidatos de direita Ângelo Veloso considerou essa hipótese como altamente improvável — «é para que isso não aconteça que trabalhamos» — mas que se, por absurdo, tal viesse a acontecer, certamente não haveria muito por onde escolher: «seria como dizer a uma pessoa se quer morrer de cancro ou de tuberculose».

Finalmente sobre a questão da sua desistência referiu que «é um direito de tal modo legítimo que está estabelecido na lei» e que constituiu ao mesmo tempo uma questão que se coloca a todas as candidaturas democráticas: «a de saber se a sua candidatura é para servir a democracia ou para a derrota».

Ainda em torno da sua candidatura e da utilização do direito de antena, Ângelo Veloso afirmou não estar surpreendido com a campanha lançada pela direita, detendo-se no caso de Proença de Carvalho que aparece agora preocupado com a isenção da televisão quando tal figura promoveu no período em que esteve à frente daquele órgão de comunicação, «a mais descarada desonestidade fascista de utilização da televisão».



Em Olhão: «o único critério para escolher o candidato da democracia melhor colocado para derrotar os candidatos da direita é pelos apoios que tem. Não se trata de uma questão de preferência, mas de uma questão objectiva... Não se trata de antipatia por Pintasilgo e de simpatia por Zenha»

ou naquele sector, «algumas resistências ou alguns atrasos» quanto ao entendimento dos perigos da hora presente.

«Eu cá por mim também tendia para aquele lado mas já percebi os riscos e por isso ultrapassei as minhas simpatias pessoais. Já não tenho dúvidas quanto ao Zenha mas a minha mulher, essa, é que ainda está difícil...», confessava-nos, à mesa, um militante comunista, professor em Olhão. No desabafo, porventura, encontra-

deslocação ao Sul do País e que o levaria sucessivamente, nesse mesmo dia, a contactos com a população em Silves e em Lagos.

Depois de atravessar o País (na véspera estivera na Covilhã) foi pois num agradável dia de Sol, perante uma plateia atenta, numa terra com grandes tradições de luta, que Ângelo Veloso proferiu a sua intervenção de abertura, discurso cujas linhas fundamentais retomaria nas duas outras sessões.

Começando por analisar as di-

to de pretender alterar as leis eleitorais por forma a garantirem a perpetuação da direita no Poder.

Inimigo fundamental

«Estas duas candidaturas são, pois, o inimigo fundamental para os trabalhadores e os democratas», asseverou, não existindo em sua opinião «diferenças de fundo» entre os dois candidatos. Instado, já no período de perguntas, a pronunciar-se um pouco mais sobre esta questão Ângelo Veloso adiantou mais alguma coisa: «Bem, um é gordo, outro é menos gordo; um é secretário-geral do PS, outro é um ex-presidente do CDS», ironizou, para estabelecer as possíveis diferenças e para concluir que Mário Soares é o «líder mais destacado da política de direita que pôs as opções democráticas na gaveta».

Depois de frisar que são «estas duas candidaturas que os democratas têm que vencer», o candidato comunista chamou a atenção para o que considerou o «perigo actual» o qual é, justamente, o de Soares e Freitas passarem os dois à segunda volta, objectivo em que apostam e

o Marxismo no limiar do ano 2000

João de Freitas Branco
 António Mendonça e Nelson Ribeiro
 Carlos Pimenta
 Armando Castro



Uma candidatura ao serviço do povo da liberdade e da democracia

Abrimos hoje, aqui, na Covilhã, a nossa campanha eleitoral com o orgulho de o fazermos numa cidade operária de gloriosas tradições na luta e no movimento operário português.

Permiti-me, por isso, que ao saudar-vos, ao saudar os trabalhadores e o povo da Covilhã, eu saúde de um modo particular a classe operária portuguesa que teve sempre, tem e terá um papel determinante, insubstituível e decisivo na conquista da democracia e na construção e no prosseguimento do nosso Portugal de Abril.

O facto de iniciarmos aqui a nossa campanha ilustra um dos traços mais importantes da minha candidatura, que é precisamente o da minha candidatura se inserir, antes de mais, nos interesses, nas aspirações, nos objectivos e na luta da classe operária, dos trabalhadores e dos comunistas portugueses. É uma candidatura do PCP que está claramente ao serviço dos superiores interesses dos trabalhadores portugueses. Por isso mesmo não servimos interesses partidários estreitos. Servimos o povo, os democratas, a liberdade e a democracia portuguesa.

Até ao limite das nossas possibilidades, procuraremos intervir na campanha eleitoral, como uma voz que **acima de tudo**, se preocupará em mostrar quais são as aspirações e os interesses dos trabalhadores e do povo, e quais são os caminhos que conduzem à derrota dos exploradores e dos reaccionários e, por isso, conduzem à **vitória dos trabalhadores e dos democratas**.

Um direito indiscutível

Alguns reaccionários, outros falsos democratas e não sei se alguns democratas confundidos, têm posto em dúvida a justificação da minha candidatura.

Em primeiro lugar, é preciso tornar claro que a apresentação pelos comunistas portugueses de uma candidatura à Presidência da República é um direito indiscutível e irrecusável, na democracia portuguesa, que não pode ser posto em causa. No Portugal de Abril, conquistado pela luta abnegada dos trabalhadores e do povo português, os comunistas portugueses têm o direito de apresentar um candidato à Presidência da República, têm o direito de intervir na importantíssima batalha que se vai travar, têm o direito de decidir por si próprios qual vai ser o papel da sua candidatura, quais vão ser os seus objectivos e como é que os vai atingir.

Só os reaccionários, só os saudosos do fascismo podem pôr em causa a liberdade de decisão e de acção dos comunistas portugueses perante as eleições presidenciais.

Os comunistas e a sua candidatura não se confundem com nenhuma outra candidatura. Há outros candidatos democratas, mas não há outros candidatos comunistas que exprimam as concepções e as posições dos comunistas sobre a Constituição,

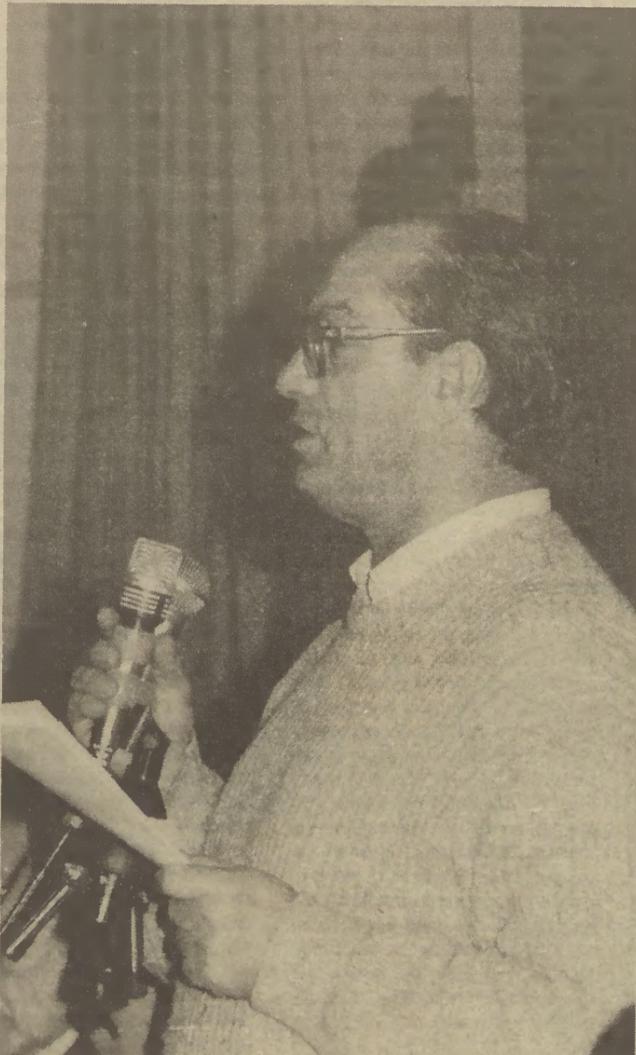
sobre o papel e as funções do Presidente da República, sobre a situação política portuguesa e sobre as perspectivas e as tarefas que se colocam aos trabalhadores e aos democratas portugueses.

É natural que os reaccionários não gostem da nossa candi-

trabalhadores e da democracia portuguesa.

A direita e os seus colaboradores procuram incutir a ideia de que a minha candidatura falseia as regras democráticas. A que é que esses campeões da luta **contra** o Portugal de Abril, se agarram? Agarram-se ao facto

● Texto da intervenção do candidato do PCP na sessão realizada na Covilhã



data, da mesma forma que gostariam de silenciar a intervenção própria, inconfundível e decisiva dos trabalhadores comunistas em toda a luta política e social que se trava no Portugal de Abril.

Mas a minha candidatura tem um espaço social, político e eleitoral próprio. Somos a candidatura da classe operária e dos trabalhadores. Somos a candidatura dos comunistas portugueses. Somos a candidatura de 1/5 do eleitorado português.

Não vamos a reboque de ninguém, nem servimos qualquer outra força política. A direita procura lançar a confusão, mas a realidade é esta. Com a minha candidatura os comunistas portugueses asseguraram e mantêm toda a **liberdade de decisão** sobre as eleições presidenciais, inteira autonomia de posições políticas, completa independência de intervenção na batalha política em curso.

É por isso que apresentaram e mantêm a minha candidatura. E é por isso que levaremos a nossa campanha de esclarecimento até ao fim, ao serviço dos

de que a minha candidatura serve a unidade e a convergência dos democratas.

O que os incomoda

Nós temos que lhes dizer: bem podem gritar, bem podem clamar, bem podem protestar! Lutamos e lutaremos pela unidade e pela convergência dos trabalhadores e dos democratas portugueses porque **lutamos** pela vitória da democracia.

O que incomoda os reaccionários não é que a minha candidatura não seja mais uma candidatura de divisão e dispersão dos democratas portugueses. Defendemos a aproximação, o entendimento, a convergência e a unidade dos democratas porque acima de tudo colocamos a necessidade **imperiosa** de derrotar os candidatos de direita e eleger um democrata para a Presidência da República.

É natural que os reaccionários não gostem que tenha aparecido e se mantenha a minha candidatura precisamente porque a minha candidatura não é uma candidatura de divisão mas de

unidade, **não** é uma candidatura de derrota, mas uma candidatura que contribuirá de forma decisiva para a **vitória** dos democratas.

A direita especula com a minha disposição de **desistir** para o candidato da democracia capaz de a derrotar e de vencer as eleições. Pois é **evidente** que a candidatura dos comunistas está **disposta a desistir** para assegurar a derrota da direita e a vitória dos trabalhadores e dos democratas. O contrário é que seria de espantar.

O Partido Comunista não serve interesses pessoais ou egoísmos partidários. O Partido Comunista existe para servir em todas as circunstâncias os trabalhadores, o povo e a democracia portuguesa.

A candidatura do PCP subordinar-se-á, **em todas as circunstâncias**, ao objectivo de derrotar os reaccionários e contribuir para o fortalecimento da democracia portuguesa. **O contrário é que seria de espantar!**

Sem a intervenção determinante dos trabalhadores e dos comunistas não são possíveis vitórias democráticas significativas no Portugal de Abril.

É precisamente pelo facto de que o PCP está a contribuir de forma decisiva para a vitória democrática que os reaccionários estão assustados. Hoje estão a criar-se as condições para a vitória dos democratas. **Primeiro**, a direita não tem nem força social, nem política e nem eleitoral para por si mesma vencer as eleições. **Segundo**, o campo democrático unido e convergente é mais vasto, mais forte e mais amplo. **Terceiro**, os democratas têm agora um candidato que tem os apoios e o consenso democráticos para vencer. **Quarto**, porque os trabalhadores e as forças democráticas estão a caminhar rapidamente para a convergência dos votos logo à primeira volta.

O mérito e a importância da minha candidatura foi, é e será o de contribuir tanto quanto me é possível para apontar o caminho da unidade, o caminho da vitória das forças democráticas

Pronça, Freitas & Soares

Pela voz de Pronça de Carvalho, a candidatura de Freitas do Amaral — secundada naturalmente por Mário Soares — contesta o direito da minha candidatura a tempo de antena e, mais em geral, contestam o direito de a minha candidatura existir e intervir.

O que fica claro é que Pronça de Carvalho e Freitas do Amaral — apoiados naturalmente por Mário Soares — não se adaptaram ainda à democracia portuguesa e ao Portugal de Abril. Eles sonham com a limitação fascizante ou mesmo com a liquidação dos direitos democráticos dos trabalhadores e dos democratas, designadamente dos comunistas. **Mas queiram ou não queiram, é tempo de se desenganarem.**

Em 25 de Abril, o Povo Português varreu de vez o fascismo

de Portugal. **O fascismo nunca mais voltará à nossa pátria.**

É preciso ter um infinito despuador para Pronça de Carvalho se armar agora em defensor da isenção e imparcialidade nos tempos de antena.

Pronça de Carvalho — apoiado por Freitas do Amaral e agora por Mário Soares —, quando esteve na Televisão, transformou a Televisão numa máquina inteiramente subserviente à AD e à reacção, manipulou, distorceu, mentiu, perverteu, corrompeu e arruinou a Televisão Portuguesa, numa actualização em absoluto contrária não apenas à Constituição da República mas **contrária também às mais elementares regras de honestidade**, imparcialidade, isenção e pluralismo.

Pois é este homem que agora aparece de mãos dadas com Mário Soares a contestar os direitos democráticos da minha candidatura, da candidatura do PCP.

Mas eu pergunto, camaradas e amigos: o que é que se tem visto na Comunicação Social e na Televisão? Será que a minha candidatura tem sido beneficiada e têm sido prejudicadas as candidaturas de Freitas do Amaral e Mário Soares?

Toda a gente sabe que não. A minha candidatura tem sido silenciada, discriminada, distorcida e ofendida pela Comunicação Social e particularmente pela Televisão. Toda a gente sabe que a Comunicação Social e em particular a Televisão têm escandalosamente beneficiado as candidaturas de Mário Soares e Freitas do Amaral, a quem há meses promovem, propagandeiam, dando-lhes **todos os dias** lugar destacado nos noticiários, a pretexto de tudo e de nada.

Qualquer democrata, qualquer espírito isento e imparcial, o que vê é a Comunicação Social a beneficiar a reacção e o imperialismo e a esconder ou a distorcer as posições do movimento operário, popular, democrático, batendo constantemente as teclas do anticomunismo mais primário.

Arquitectam-se teorias e constroem-se critérios jornalísticos para justificar, em cada caso e sempre, o silenciamento, a distorção e a discriminação da situação, das reclamações, da luta e das posições dos trabalhadores e dos comunistas e mesmo, ao mesmo tempo em cada caso e sempre, para amplificar, propagandear e relevar as posições e a demagogia da reacção, do imperialismo e dos seus colaboracionistas.

Assegurar a vitória

A desfaçatez de Pronça de Carvalho, Freitas do Amaral e Mário Soares brada aos céus, invertem completamente as coisas, demonstram uma enorme hipocrisia e falta de pudor.

Apesar das recomendações e pareceres da CNE e do Conselho de Comunicação Social, a Televisão organizou debates com todos os candidatos, mas excluindo-me desses debates. Para se ver bem o escândalo é preciso dizer que os debates fo-

ram anunciados quando eu já tinha formalizado a minha candidatura no Tribunal Constitucional mas Mário Soares e Freitas do Amaral ainda não o tinham feito. A TV não deu até hoje qualquer explicação para tal discriminação. O que é que sucedeu? Sucedeu que no **centro** praticamente de todos os debates esteve sempre o Partido Comunista e os ataques ao Partido Comunista. Isto é, excluiu-se o candidato do PCP, mas atacou-se, pelas costas, o PCP. Impediu-se o PCP de expor e defender as suas posições mas não se conseguiu esconder a importância decisiva dos comunistas na vida política nacional nem se conseguiu esconder a contribuição decisiva dos comunistas para a vitória da democracia nas próximas eleições presidenciais.

Dissemo-lo na apresentação da candidatura e dizêmo-lo hoje de novo:

Queiram ou não queiram Pronça de Carvalho, Freitas do Amaral e Mário Soares, a candidatura do PCP continuará até ao limite das suas possibilidades a actuar, intervir, esclarecer e a **lutar para unir os democratas para a vitória democrática**.

E é por isso, camaradas e amigos, é porque não nos guiamos por estreitos objectivos pessoais ou partidários, é porque colocamos acima de tudo o objectivo central e prioritário comum a todos os democratas, é porque pensamos que hoje e agora, nesta batalha, o que é fundamental e decisivo é derrotar os candidatos da direita, o que importa acima de tudo é eleger um democrata para a Presidência da República, **é, por isso e só por isso**, que nos declaramos prontos a **desistir** a favor do candidato mais bem colocado **para vencer as eleições**.

Claro que a reacção e toda a direita, incluindo Mário Soares, não gostam desta posição e têm cada vez mais medo da derrota. É hoje mais do que evidente, que a direita está vitalmente interessada na **divisão** das forças democráticas e, isso significa, que tudo faz para que se mantenham várias candidaturas democráticas para que os votos dos trabalhadores e dos democratas se dividam, porque só assim a direita poderia vencer.

Desenganem-se, porém! Os comunistas portugueses têm o direito irrecusável na democracia portuguesa de apresentar uma candidatura e têm todo o direito de lhe definir os objectivos que entenderem para melhor servir os trabalhadores e a democracia. É um direito democrático apresentar uma candidatura e é um **direito irrecusável defender que os candidatos democráticos que não reúnam condições para vencer devam desistir em favor de um candidato único**. É nosso direito e é o nosso dever **indeclinável e irrecusavelmente democrático desistir**, apelando ao voto em quem entendermos, quando entendermos e como entendermos, contribuindo de forma decisiva para derrotar Mário Soares e Freitas do Amaral e assegurar a vitória democrática nas eleições presidenciais.

Isto vai amigos, isto vai

Meter o Rossio na rua da Betesga é obra que nem os mais fanáticos candidatos ao Guinness sonharam alguma vez tentar dada a reconhecida impossibilidade do facto. Mas acontece com frequência, nas mais variadas circunstâncias, encontrar quem proceda como se fosse aquele o seu objectivo, expondo-se às críticas do bom-senso dos que ficaram de fora. Foi o caso de Cabeção, domingo passado.

Álvaro Cunhal em Mora, Cabeção, Arraiolos, V. Viçosa, Portel, Cuba e Beja



Mora



Cabeção

Terra alentejana de conhecidas tradições democráticas, Cabeção tem uma Casa do Povo demasiado pequena para o interesse com que os seus habitantes acompanham a vida política e tratam de que a todos diz respeito. A exiguidade das instalações torna-se ainda mais afilhada quando se recebem visitas tão especiais como as de Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP, e o tema de debate é tão transcendente para o futuro da democracia como o das próximas eleições presidenciais.

Caricaturando a situação pode dizer-se que para a Casa do Povo confluíram, e não couberam, o pai e a mãe, o avô e a avó, o filho e a neta, o cão e o gato, o canário e o pintasilgo...

O pintasilgo? Ou seria antes... Claro que esse foi o assunto sempre presente, em Cabeção como em Mora, em Cuba como em Portel ou Arraiolos, em Vila Viçosa como em Beja. Mas não só. Era de presidenciais que se tratava e as principais questões subjacentes ao tema vieram à baila em perguntas e respostas que tiveram o mérito de deixar pelo menos claras duas questões: em primeiro lugar, que em terras do Alentejo é grande a consciência política da importância das eleições eleitorais e da necessidade — defendida pelo PCP — da convergência de votos no candidato democrata em melhor posição para derrotar as candidaturas de direita; em segundo lugar, que a campanha de intoxicação que está a ser levada a cabo pelos órgãos de comunicação, em particular pela rádio e a televisão, não passa despercebida à generalidade do eleitorado.

E se é verdade que as salas foram pequenas (e não apenas em Cabeção) o mesmo não se pode dizer do interesse, do entu-

siamento e da frontalidade com que decorreram as sessões de perguntas e respostas, intercaladas de convívios «mastigantes» no dizer de alguns mais ou menos salgados...

Comecemos por Arraiolos

Quem foi que disse que no meio estava a virtude? Em termos de almoço nada de mais enganador. As travessas de enopado de borrego passavam a abarrotar para o topo da mesa e voltavam vazias para a cozinha ou nem sequer ultrapassavam o princípio da enfiada de mesas, enquanto no meio a paciência se alimentava a pão e azeitonas regadas com «água do Sorraia». Já os primeiros palitavam os dentes quando os últimos se começaram a servir, reatando uns e interrompendo outros a conversa que afinal ali levava toda a gente.

A cooperativa de tapetes de Arraiolos, que organizara o almoço-convívio, não teve mãos a medir com os trezentos convívios e acabou por ter de abrir as portas do pavilhão para que os que almoçaram em casa e à pressa também pudessem participar ou pelo menos ouvir os esclarecimentos que Álvaro Cunhal prestou sobre a opção de votos dos comunistas nas próximas presidenciais.

Porquê Zenha e não Pintasilgo? Entre Freitas e Soares, numa hipotética 2.ª volta entre os dois, qual a posição a tomar? Agora que os boletins de voto não trazem as argolinhas da APU como identificar (no caso dos analfabetos) o candidato em que se vota? Como pode o PCP admitir o voto num candidato que não quer os comunistas no governo?

Estas foram algumas das

questões que de Mora a Beja se repetiram, com uma ou outra variante, a confirmar, como diria Álvaro Cunhal, a necessidade de levar a cabo uma ampla campanha de esclarecimento, batendo à porta e às janelas das pessoas e conseguindo que elas se abram para nós, já que a campanha da direita entra pela casa de toda a gente através da rádio e da televisão sem prévia autorização e daqueles órgãos esteve o PCP discriminado até ao início oficial da campanha eleitoral.

Não bastava, e todos o sabiam, elucidar os presentes. Havia que argumentar de forma clara e explícita para apagar dúvidas em quem as tivesse e ao mesmo tempo fornecer as armas para a batalha do esclarecimento que cada um dos presentes iria depois travar entre amigos e conhecidos de molde a engrossar a corrente da unidade necessária à vitória da democracia em 26 de Janeiro.

Votar com a razão não com o coração

Que as eleições se ganham com votos e não com simpatias é daquelas evidências mais elementares; e se os apelos ao sentimento podem pregar partidos que ponham em dúvida uma tal verdade, o melhor que há a fazer é algumas contas de somar e de sumir antes que seja tarde. Porque no caso vertente das eleições, embora o assunto não seja só de números o que está em jogo não os dispensa.

As contas, no domingo, começaram a ser feitas em Mora, na manhã de sol perfumada a laranjeiras, dessas que abundam nas ruas das terras alentejanas. Com que apoios contam os candidatos de direita, Freitas do Amaral e Mário Soares? Por quantos votos se traduzem tais apoios? E

Pintasilgo e Zenha? E quantos votos são precisos para que um candidato ganhe à 1.ª volta ou passe à 2.ª volta?

Não é preciso qualquer curso para saber que a soma é maior que as parcelas e que a divisão dá valores menores. Assim, o que se trata é de somar e não de dividir, que na soma é que está o ganho. Acontece que para somar é indispensável que os apoios sejam convergentes, ou então nada feito; e a convergência aponta para Zenha, não para Pintasilgo que num voluntarismo inconsciente e perigoso avançou para as presidenciais apostando nas parcelas e descurando a soma.

Como não se está perante um mero exercício matemático mas sim em face de uma prova de cujo resultado depende a evolução do futuro, há que jogar pelo seguro pondo de parte as hipóteses académicas. Ou seja, há que votar com a razão e não com o coração, pois o objectivo é ganhar.

Simpatia por simpatia, o eleitorado comunista e os democratas em geral tinham muito por onde escolher para além dos candidatos em presença. Não confundir o desejável com o possível é pois uma preocupação que não se pode perder de vista, sob pena de se acordar a 27 de Janeiro com o sabor amargo de ter regressado a 24 de Abril.

Esclarecer sim, agredir não

Se Zenha (que por acaso é o primeiro nos boletins de voto) é o candidato em melhor posição para garantir a vitória da democracia, os comunistas votarão nele (e o mesmo deverão fazer todos os democratas consequentes) com simpatia ou sem ela; basta-nos que garanta o respeito



Arraiolos



V. Viçosa



Portel



Cuba



Beja



Trabalhadores

Subtilezas tecnocráticas

Pioram as condições de trabalho na indústria. Vários sindicatos, sobretudo da metalurgia, metalomecânica e minas lançam campanhas pela melhoria das condições físicas em que se exerce o trabalho. No distrito do Porto, segundo a associação sindical dos metalúrgicos (STIMMP), as «condições de higiene e segurança nas fundições são deploráveis». Mas o ministro do Trabalho, Mira Amaral, não olha para esse lado. As suas preocupações são outras. Admite mesmo que se reduza o trabalho como milagroso remédio para aumentar o emprego. Destas subtilezas tecnocráticas da «formação profissional» tira a UGT e o Governo alguns acordos melífluos, e fortes subsídios ainda mais.

Numa altura em que as relações de trabalho e as convenções legais respectivas são sabotadas, como medida ilegal de recessão por todo o País; numa altura em que o próprio patronato da CIP (confederação dos grandes industriais) confessa que o **salário mínimo não é pago em 40 por cento das empresas** — Mira Amaral, que foi conceituado elemento da UGT antes de ser ministro do Trabalho, não encontra melhor «síntese» do que a referida pelo «Diário de Notícias» de 9 deste mês e segundo a qual, citando o ministro: «uma das facetas porventura mais significativa do bloqueamento e da rigidez em que temos vivido é a maneira como temos encarado o trinómio trabalho/emprego/formação profissional.

Temos encarado?

— Quem?

É sabido que todos os ministros e mais pessoal deste Governo se apresentam de mãos limpas, prontos a opor algumas frases tecnocráticas à realidade. Mas, ainda assim, vale a pena perguntar como é que o ministro vai fazer-nos sair do «bloqueamento e da rigidez» do direito ao trabalho e ao salário, alterando os termos do «trinómio», que existe antes de tudo na sua cabeça ministerial. O que se sabe é que o ministro do Trabalho ainda não disse, nem certamente dirá, uma palavra contra as propostas de legislação («pacote laboral») dos seus amigos partidários e não partidários, mas sócios no governo anterior, e segundo as quais o «trinómio», já substancialmente invertido e ainda mais sabotado, sairia todo pela porta dos despedimentos em liberdade. E quanto à «formação profissional», logo se veria. O ministro sobrevaloriza-a pessoalmente, mas fica calado quanto às contrapartidas que não sejam as que já conhecemos muito bem: aumentos das dívidas patronais por salários e outras remunerações em atraso, amplidão escandalosa dos contratos a prazo, dinheiros do Estado para «reconversões» e aumento ou manutenção de postos de trabalho que vão à *viola*; instabilidade do crédito; completa ausência de perspectivas sobre remodelações na indústria; furiosa instabilidade do emprego; inexistência de formação profissional que valha; aumento do desemprego.

São estas as respostas que responsáveis ministeriais como Mira Amaral têm dado ao «trinómio». São eles, e em grande medida a UGT, que têm encarado assim o «bloqueamento» e a «rigidez» de que fala o ministro do Trabalho.

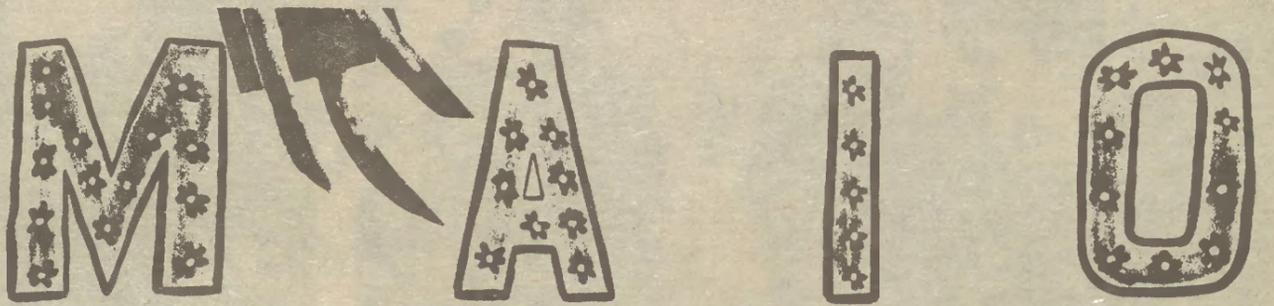
Ainda há dias a CGTP-IN se recusava a participar na tomada de posse da comissão executiva do Instituto de Emprego e Formação Profissional. A política de «concertação social» de uma banda só obriga a Central, sempre aberta ao diálogo e à negociação, a tomar irrecusavelmente essa atitude. Em carta a Mira Amaral, a CGTP-IN faz notar que **foi excluída dessa comissão** — medida que considera «discriminatória». Além do mais, «o regime adoptado pelo Governo viola o princípio da autonomia sindical face ao Estado». Viola a **convenção 88 da OIT** (Organização Internacional do Trabalho) ratificada pelo nosso país e que consagra, como é sabido, o «direito de participação e consulta das organizações representativas dos trabalhadores na organização e funcionamento dos serviços de emprego».

O «trinómio» do Governo é outro. Passa pelos **despedimentos ilegais/restrições à greve/desemprego**. Esse é que é um dos trinómios reais. Mas há muitos outros de que o ministro se esqueceu.

Em finais de 1984 esteve em Portugal uma delegação da OIT. As empresas nortenhas que visitou, diz o Sindicato dos metalúrgicos (STIMMDP), podem considerar-se «paradisíacas» no que respeita a condições de higiene e segurança. Quinze empresas metalúrgicas de fundição e forjados, onde a OIT não esteve, trabalham em condições deploráveis. Citamos o STIMMDP:

«**Falta generalizada do equipamento individual de protecção; falta de água potável; ventilação inexistente ou ineficaz; excesso de fumos, poeiras e ruídos; casas de banho, vestiários e chuveiros degradados ou inexistentes; iluminação deficiente** — são algumas das mazelas que impõem aos trabalhadores condições infra-humanas de laboração. Numa das empresas, a Albino Matos P. Barros, o telhado ameaça ruir...»

Não vai ruir também o «trinómio» de Mira Amaral?



1.º de Maio faz cem anos

Comemorações nacionais

• Silêncio na RTP

A CGTP-IN, que assinala este ano, com a devida dimensão histórica, o centenário do Primeiro de Maio, voltou a protestar publicamente pelo silêncio da televisão portuguesa perante o anúncio das comemorações, efectuado na manhã de quarta-feira da semana passada em Lisboa, na sede nacional da Inter. Entretanto era lida na íntegra aos microfones da RTP uma recomendação do Conselho de Comunicação Social, órgão eleito pela Assembleia da República. Naquele documento a TV é aconselhada explicitamente a conceder espaço noticioso e informativo ao sindicalismo, possibilitando às organizações sindicais «o acesso aos canais da televisão, por forma a garantir um esclarecimento rigoroso da opinião pública». Já na posse dessa recomendação emitida por um órgão pluralista onde estão representados os partidos parlamentares, a direcção da RTP continuou a proceder do mesmo modo, que tem levantado repetidos protestos das associações sindicais e do movimento operário e popular. A CGTP-IN voltou a protestar publicamente, ao mesmo tempo que apresentava queixa ao Conselho da Comunicação Social. A direcção da RTP não fez qualquer comentário à recomendação do Conselho e ignorou o lançamento público das comemorações do centenário, organizadas pela CGTP-IN.

A Central unitária assinala que se trata da terceira queixa que apresentou «durante o mandato do novo conselho de gerência da RTP». Recorde-se que esse mandato tem pouco mais de um mês.

Entre essas três queixas apresentadas ao CCS incluíse a que referimos na semana passada sobre o primeiro debate que a RTP transmitiu acerca da CEE. A CGTP-IN faz notar que esse programa «não obedeceu aos critérios de isenção e de pluralismo» obrigatórios na televisão. Re-

clamando o direito a pronunciar-se sobre essa matéria de indiscutível importância, a CGTP repudia os critérios que afastam, quase por sistema, os trabalhadores organizados dos debates televisivos sobre algumas das maiores questões nacionais.

Citado despacho do próprio Governo

Na exposição que remeteu ao Conselho (CCS) a direc-

ção da Inter apela à moralização e ao pluralismo efectivo na informação da RTP. A Central unitária recorda que o anterior conselho de gerência da televisão foi afastado pelo Governo Cavaco Silva, segundo consta do «Diário da República», por não cumprir «os princípios constitucionais de pluralismo ideológico e respeito pelo confronto de diversas correntes de opinião».

No entanto, pelo que já se verificou, a prática do novo conselho de gerência decalca a realidade anterior e desmente o teor do despacho do Governo, desautorizando as suas promessas e repetidas afirmações de boa intenção proferidas pelo máximo responsável pela RTP — o mesmo Governo, como se sabe.

Convidadas todas as organizações populares

O lema do centenário do Primeiro de Maio é «100 anos de luta pelo pão, pelo trabalho, pela democracia e pela paz». 1986 é «o ano sindical do centenário». Para as comemorações nacionais, a CGTP-IN convidou «a generalidade das organizações populares» que designa por «culturais, sociais, recreativas e outras». A Central exorta os trabalhadores à

participação. As organizações devem aderir «activamente com iniciativas próprias, ou integradas no plano da CGTP-IN».

Do programa, já divulgado em parte, consta um **ciclo de colóquios** (Março e Abril-Setembro e Outubro), em Lisboa, Porto e outros distritos; **espectáculos comemorativos** (30 de Abril) em Lisboa e no Porto; uma **prova internacional de atletismo** (1 de Maio), Lisboa e Porto; um **painel mural** (1.º de Maio), na Alameda Afonso Henriques, em Lisboa; **desfiles do 1.º de Maio; exposição fotográfica e documental** (Março) itinerante; um **prémio literário e de ensaio** (1 de Outubro); **XVI aniversário da CGTP-IN** (1 de Outubro); **Inter-arte** (Lisboa); e **V Festival Sindical de Teatro de Amadores** (1.º semestre).

Estas e outras iniciativas, organizadas pela «maior organização social portuguesa», deverão reflectir «a evolução histórica da organização e da luta das classes trabalhadoras em Portugal e no mundo, no decurso dos últimos cem anos, e assinalar, com a devida dimensão e grandeza, a passagem do primeiro centenário de uma data que constitui um marco grandioso da luta dos trabalhadores pela conquista da dignidade, do bem-estar e do progresso social dos povos», sublinha a CGTP-IN.

Trabalhadores

Forte acção da Função Pública

Primeira reunião de negociações

● Outras lutas

Médicos, enfermeiros, professores, trabalhadores da Administração e outros integrados na Função Pública têm desenvolvido nos últimos dias várias formas de luta e uma ampla movimentação reclamando novos salários, enquadramentos nas carreiras, estabilidade no emprego e condições de trabalho adequadas às funções sociais que desempenham e que estão na base da degradada situação social, no termo de dez anos de governos derrotados pela intervenção, a luta e o voto popular.

Da forte movimentação sindical e dos trabalhadores dos serviços do Estado resultou já (marcada para ontem às 11 e 30) a primeira reunião com o secretário de Estado do Orçamento. Destinada a iniciar as negociações da revisão salarial para a Função Pública, essa reunião, conseguida após a marcação de formas de luta, fez suspender as vigílias anunciadas para os últimos três dias (14, 15 e 16) pela comissão negociadora sindical

(CNS) da Frente Comum de Sindicatos da Função Pública.

As formas de luta suspensas foram aprovadas em 9 do corrente num plenário dos 29 Sindicatos que formam a Frente Comum.

Recorde-se que as novas remunerações do TFP deveriam ter entrado em vigor no dia 1 de Janeiro.

Os Sindicatos consideram o adiamento inadmissível.

As propostas sindicais foram

apresentadas a tempo e horas, em especial por forma a permitir que o Orçamento do Estado para 1986 inclua as verbas necessárias para os salários e as despesas indispensáveis, designadamente no campo da Educação e da Saúde.

Recorde-se que, como afirma a Federação dos professores (FENPROF), o segundo período lectivo inicia-se com «**mais de quatro mil jovens ainda sem aulas**».

No Hospital Miguel Bombarda, por exemplo, chega a haver um só enfermeiro para serviços com 80 doentes.

Enquanto isso sucede, a ameaça da falta de trabalho e mesmo o despedimento ameaça novos médicos e outro pessoal da Saúde.

Outros sectores dependentes da Administração Pública, como é o caso dos transportes (mant-



Na Carris, a comissão administrativa, após dois meses de negociações, «oferece» mais 100 escudos/mês por trabalhador. Anteontem, os sindicatos mantinham o pré-aviso de greve

nha-se anunciada anteontem uma greve na Carris) continuam a movimentar-se na defesa da contratação colectiva, da sua aplicação prática, e da segurança no emprego.

Em luta também por con-

dições mínimas de trabalho e de vida estão os vidreiros, especialmente na Marinha Grande, os mineiros, na Borralha-Vila Real, nas indústrias eléctricas do Norte, e em grandes empresas como na EPAC e naORMIS.

Até agora a grande resposta global do Governo Cavaco Silva aos problemas mais urgentes passa pela ingloria proposta do «pacote laboral», destinada a reduzir drasticamente os direitos e garantias dos trabalhadores.

Nem as creches escapam

O IVA ataca o Governo não

As creches e jardins de infância já por si são caros e de pouco acesso. Agora querem impor-lhes o IVA.

Em várias regiões do País, mas com maior incidência em Lisboa e no Porto, há «creches e jardins de infância a aumentar os preços, com o pretexto de que

têm de pagar o IVA ao Estado, o que é falso», alerta a CGTP-IN.

Segundo a Central unitária, o Governo tem que intervir. Até agora as autoridades vêm encarando passivamente essa e outras ilegalidades.

Para acabar com mais uma das várias especulações à volta

do novo imposto, para a aplicação do qual o ministro das Finanças, Miguel Cadilhe, reclamou a atitude «implacável» do Governo, é necessário que o mesmo Governo domine em primeiro lugar os mecanismos contra a fraude — o que parece, e em muitos casos é certo, não suceder.

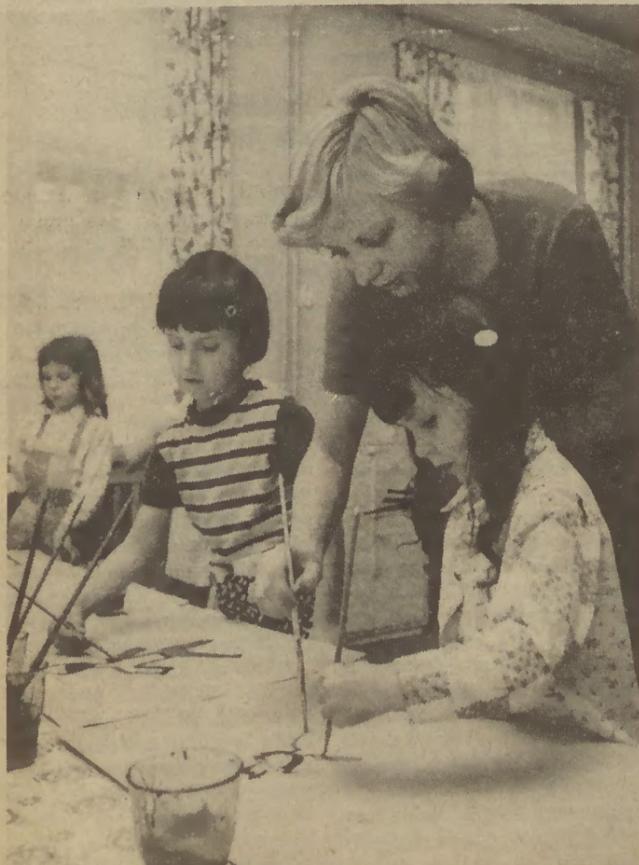
Pelos vistos, as palavras do ministro das Finanças, nas quais ocupou considerável tempo televisivo, não funcionam. O seu tom de ameaça surge gratuito.

Além dos casos que aqui referimos na semana passada, as creches, infantários e outros estabelecimentos congéneres «não podem facturar o IVA aos seus utentes, já que estão isentos de entregar esse imposto ao Estado».

A CGTP-IN acrescenta que, de acordo com o n.º 8 do Código do IVA, essa isenção abrange «as prestações de serviços efectuadas, no exercício da sua actividade habitual, por creches, jardins de infância, centros de actividades de tempos livres, estabelecimentos para crianças e jovens deficientes, centros de dia e centros de convívio para idosos, colónias de férias e albergues para a juventude».

A continuar a mobilidade especulativa à volta do IVA, reforçar-se-á a falta de sentido das palavras de Miguel Cadilhe, segundo as quais aquele imposto «europeu» não é «um novo imposto, mas um imposto novo».

Talvez seja as duas coisas, facto que o ministro das Finanças talvez não queira admitir e menos confirmar.



Em creches e infantários não se paga o IVA

LUTAS E TAREFAS

• Merecedora do mais amplo apoio solidário, decorre uma campanha nacional exigindo «**mais verbas para a Educação**». A Federação Nacional dos Professores, promotora da iniciativa, salienta que, em 1985, as verbas incluídas naquela rubrica do Orçamento de Estado representaram «apenas 3,6 por cento do Produto Interno Bruto (PIB), valor situado muito aquém do valor médio actual dos países europeus: 6%». Intitulada **Uma Exigência Nacional**, a campanha da FENPROF, sob a forma de recolha de assina-

turas, reclama a «inscrição de mais verbas para a Educação» no OE/86. O sector deve ser considerado «prioritário» e a Escola deve transformar-se num «local de sucesso para todas as crianças e jovens do nosso País». Para a FENPROF a campanha tem um carácter «patriótico». O seu apelo dirige-se à população em geral e deverá ser correspondido pelo «maior número de organizações de carácter social e cultural». Apela-se a um «consciente e diversificado movimento de opinião».



• «A existência de duas candidaturas concorrentes no campo democrático (Salgado Zenha e Maria de Lurdes Pintasilgo) coloca sérios perigos para a democracia, na medida em que: 1.º — pode facilitar a passagem à segunda volta dos candidatos de direita, Freitas e Soares; 2.º — pode dificultar a dinâmica unitária para a vitória da democracia na segunda volta». Esta posição assumida pela CGTP-IN, em comunicado à Imprensa do dia 10, «aponta como objectivo final destas eleições a derrota de Freitas e Soares». Citando as conclusões do seu Plenário Nacional de 22 de Novembro findo, a CGTP-IN salienta que «as eleições presidenciais deverão merecer a atenção e empenhamento dos trabalhadores, na medida em que é necessário garantir a vitória de um candidato da democra-

cia que, inserido no movimento de mudança», reflectido nas «eleições de 6 de Outubro para a Assembleia da República, seja um obstáculo à acção de todos os que persistam em subverter o regime democrático saído da Revolução do 25 de Abril». Ao mesmo tempo, a CGTP-IN «alerta os trabalhadores para a acção do Governo Cavaco Silva, no sentido de praticar neste período eleitoral uma política para conseguir aumentar os votos de Freitas do Amaral». O comunicado da Central unitária lembra no seu primeiro ponto que «nas eleições presidenciais decide-se, em grande parte, o próximo futuro do regime democrático» e que «ao povo português e aos trabalhadores põem-se apenas duas opções: ou ganhar ou perder». Pela sua natureza, reafirma a CGTP-IN, «não há nestas eleições situações intermédias».

Assembleia da República

Orçamento Suplementar/85

O Governo saiu com as contas furadas

O Orçamento Suplementar de 1985 foi aprovado unanimemente na Assembleia da República mas com uma grande diferença da proposta inicial do Governo. Dos 129,9 milhões de contos propostos pelo Governo Cavaco Silva ficou-se pelos 72,6 milhões, no que diz respeito às despesas. Quanto ao aumento da dívida pública, em vez dos 129,5 milhões de contos que constavam da proposta do Governo, a Assembleia aprovou 58,5 milhões.

Esta diferença de números tem alguma coisa que se lhe diga. Por outro lado, o Orçamento Suplementar foi aprovado em Janeiro deste ano e daí não veio nenhum mal ao País, como o Governo procurava insinuar. Este facto foi recordado pelo deputado Carlos Carvalhas, do Grupo Parlamentar do PCP, já no final do debate, quando destacou:

Antes do Natal (o Governo) procurou fazer crer que ou o Orçamento era aprovado antes do fim do ano ou era o caos e a suspensão de pagamentos, inclusive de certas pensões. E chegou ao ponto de divulgar publicamente uma carta do sr. ministro-adjunto para os Assuntos Parlamentares antes mesmo desta ser recebida pelo sr. Presidente da AR, procurando inculcar a ideia de que o Governo queria trabalhar de noite e de dia, mas que esta Assembleia não o acompanhava. Simultaneamente, o Governo auto-elogiava-se e ia repetindo que queria o rigor, a competência, as contas claras

e até acenava com o bolorento slogan de que queria «arrumar a casa».

Mas, afinal, a pressa — recordou ainda Carlos Carvalhas — não passava de uma tentativa de obter um cheque em branco às propostas do Governo que lhe assegurassem uma larga margem de manobra nos próximos meses para acções demagógicas e possíveis desmandos eleitoralistas à custa dos dinheiros públicos.

A manobra não passou. Pela primeira vez se começa a ver na prática as vantagens da alteração da correlação de forças que as eleições de Outubro último trouxeram. Pela primeira vez o Governo só tem o queijo na mão — a faca está nas mãos da Assembleia da República. Significa isto que esta vai inviabilizar por sistema todas as iniciativas do Governo? Não! Significa que a AR vai estar vigilante e actuante, não deixando que passem «golpadas» do Governo nem que este lese o povo português.

As alterações verificadas

Em termos de alterações ao Orçamento Suplementar, as principais verificam-se nas operações de tesouraria e que são despesas consideradas ilegais, pois não estavam autorizadas pelos orçamentos anteriores aprovados na AR e foram pagas com empréstimos públicos também não inscritos nos respectivos orçamentos.

Aliás, convém esclarecer para os menos entendidos nesta matéria que estas despesas já foram pagas, pelo que a sua não aprovação não prejudica, económica e financeiramente, ninguém.

No que respeita aos novos empréstimos a contrair pelo Governo a diferença entre a verba proposta e a aprovada pela AR é de 71 milhões de contos.

Com efeito, segundo tudo indica, no que respeita à pretendida autorização de novos empréstimos o Governo pretendia ficar prevenido com avultados recursos financeiros, que lhe permitiriam adiar bastante a apresentação do Orçamento de 1986, sem ter dificuldades de tesouraria.

Na verdade, pode afirmar-se que as contas já todas pagas com empréstimos públicos que não foram orçamentados, mas apesar disto o Governo queria autorização para contrair novos empréstimos para pagar o que já está pago.

Entretanto, pelo que durante o debate se conseguiu apurar, o Governo deverá ter disponibilidades financeiras para o primeiro trimestre de 1986 superiores em 150 milhões de contos às despesas normais para esse período.

Uma «golpada»

Resulta esta situação do facto de o Governo ter aplicado uma «golpada» (passe a expressão) quando em 20 de Dezembro de 1985 pediu à AR, com carácter de extrema urgência, uma autorização para a emissão de 100 milhões de contos de bilhetes do Tesouro no primeiro trimestre de 1986, justificando nessa altura como sendo necessários para pagar 74 milhões de contos de encargos de 1985, sendo apenas 26 milhões de contos para despesas de 1986.

Contudo, durante a discussão do Orçamento Suplementar de 1985, veio afirmar que os referidos 100 milhões de contos eram só para despesas de 1986. Exemplar!

Vale à pena ainda salientar que toda a manobra gizada à volta do Orçamento pelo Governo visava aumentar substancialmente o défice de 85 para poste-

riormente fazer uma comparação favorável do défice de 86; aumentar as despesas de 85 de tal modo que o regime de duodécimos que vai vigorar até ser aprovado o Orçamento de 86 lhe permitisse fazer despesas acrescidas; apresentar como bode expiatório as empresas públicas pelo grande encargo que representam para o Orçamento; e apresentar-se aos olhos da opinião pública como o Governo da moralidade e da verdade.

Para um governo gerido por um economista, saiu-lhe as contas furadas.

O voto do PCP

Antes da votação final global, o deputado Carlos Brito salientou na sua intervenção:

O Grupo Parlamentar do PCP vai votar a favor da versão final do Orçamento Suplementar.

O voto favorável do PCP é antes de tudo um voto a favor da correcção que este texto representa.

Com ele queremos distinguir a distância que separa a proposta do Governo, contra a qual votámos, do texto do or-

çamento que a Assembleia vai aprovar. (...)

Com o nosso voto não damos cobertura evidentemente a uma política de despesas, a uma política fiscal e a uma política de endividamento que consideramos profundamente injustas para a grande maioria do nosso povo, marcadas pelo objectivo de restaurar privilégios caídos com o 25 de Abril, responsáveis, em larga medida, pelo agravamento da situação económica e financeira do País.

E por último:

Pela nossa parte dizemos abertamente que não temos muito apreço por este Orçamento Suplementar, mas também nós achamos que foi um princípio, embora num sentido oposto ao do Ministério das Finanças, porque foi uma lição mestra dada ao Governo minoritário.

Houve, sem dúvida, novidade neste debate orçamental mas quem o marcou foi a Assembleia da República e a sua Comissão de Economia que tomaram contas no Governo a sério, com claro sentido de fiscalização, interpretando responsabilmente o mandato popular que nos investiu.

PCP



Falecido há 10 anos, a memória de Herculano de Carvalho, destacado militante comunista, foi evocada publicamente no último sábado, no decorrer de uma romagem promovida pela Comissão Concelhia da Amadora, do PCP, à campa do saudoso camarada, no cemitério local. Recorde-se que à data do seu falecimento (Janeiro de 1976), Herculano de Carvalho, então com 32 anos, era deputado do PCP na Assembleia Constituinte e membro da DORL. Na concentração de homenagem, efectuada no sábado, participou José Casanova, membro da Comissão Política do Partido

Camaradas Falecidos

João Rosa Duarte

Militante comunista de longa data, faleceu recentemente João Rosa Duarte, de 79 anos. O nosso camarada pertencia à célula do Bairro 4, no Barreiro.

António Santos

Natural de Alcântara (Lisboa), faleceu no passado dia 7 o militante comunista António Santos, que contava 65 anos. Estava or-

ganizado na freguesia de Santos-o-Velho.

Manuel Diamantino Tavares

Residente em Lisboa, faleceu recentemente o camarada Manuel Diamantino Moreira Tavares, membro do Partido desde 1977. Era membro da comissão unitária de reformados do Beato. Contava 61 anos.

Joaquim Penedo

Velho militante do Partido, faleceu no passado dia 8 o trabalhador Joaquim Penedo, membro da célula do PCP no Arsenal do Alfeite.

Aos familiares, amigos e companheiros dos comunistas falecidos, o colectivo do «Avante!» apresenta sentidas condolências.

AR debate terapêutica para as carreiras médicas

A saúde foi tema quente e de aceso debate no Período de Antes da Ordem do Dia da sessão de terça-feira última, na Assembleia da República.

Nas galerias era dominante a presença de estudantes de Medicina que nessa manhã se tinham manifestado frente ao Ministério da Saúde.

Em causa a posição do Governo que pretende alterar o sistema do internato geral, retirando aos médicos a sua justa remuneração e regalias sociais, passando estes a auferir um ridículo subsídio mensal e vendo a sua carreira cortada por não poderem ingressar no quadro dos serviços de saúde.

Sobre o assunto se pronunciou o deputado comunista Vidigal Amaro, também ele médico, que após ter focado a degradação contínua das unidades de saúde do País, disse:

O actual Governo, nada fazendo para resolver esta dramática situação, vem ainda criar novos factores de agravamento, culpabilizando os trabalhadores da saúde pelo mau funcionamento dos serviços.

A recusa sistemática de diálogo com representantes dos trabalhadores e, nomeadamente, com os Sindicatos dos Médicos, a não colocação dos médicos recém-licenciados que deveriam ter iniciado funções em 1 de Janeiro do corrente ano, a protelação dos concursos de assistentes hospitalares, foram os primeiros passos.

Prepara agora o Governo, com um novo e rude golpe, a destruição das Carreiras Médicas, uma conquista histórica dos médicos portugueses.

De uma simples «penada» aprovou o Governo um diploma alterando o Decreto-Lei n.º 310/82. Tal alteração, acabando com o internato geral, primeiro degrau das carreiras médicas, conduz a um retrocesso de 15 anos na formação pós-graduada e deixa sem salário e sem qualquer regalia social os novos médicos. Com o diploma agora aprovado, deixa de haver garantia do prosseguimento da carreira para os actuais internos da especialidade (cerca de 5000) e visa-se o despedimento dos actuais médicos policlínicos. É o regresso à teoria de que há médicos a mais e de que as despesas com a saúde não comportam tantos funcionários.

Uma velha e falsa questão. O que se pretende é mandar para a medicina convencional milhares e milhares de médicos. O que se pretende mais não é do que continuar a deixar degradar os serviços públicos de saúde para poder bradar que o que é privado é que é bom. É o voltar à teoria de um ministro do anterior governo que afirmou que o Serviço Nacional de Saúde, consagrado na Constituição, era «estúpido e irrealizável», ou ao ministro Macedo, que aqui afirmou que «quem quer saúde, paga-a».

E após ser referido em pormenor o que se passa nas unidades de saúde, finalizou:

Não é criando o desemprego médico, não é fugindo ao diálogo com os trabalhadores do sector, não é retirando do Orçamento do Estado para a saúde milhões de contos para o sector privado, que se resolverão as carências hospitalares e os problemas de saúde do povo português.

Salários em atraso em Aveiro

Na sessão parlamentar de sexta-feira última a deputada Zita Seabra focou na sua intervenção a situação do distrito por onde foi eleita.

São cerca de 5000 trabalhadores com salários em atraso que continuam diariamente a dirigir-se às empresas, a trabalhar nalguns casos, e sem receber o seu salário — disse.

Contudo, recordou, há empresas em Aveiro que receberam subsídios estatais para pagamento de salários e manutenção de postos de trabalho que não aplicaram o dinheiro no seu pagamento apesar de os trabalhadores em vários casos denunciarem esta situação.

A finalizar apelou para o Governo e a Assembleia, pois Aveiro precisa de uma acção imediata tendente a assegurar o pleno desenvolvimento do seu distrito e o bem-estar de quem lá vive, a começar por aqueles que vêem negado um direito fundamental, o direito ao trabalho e o direito a um salário.

Juventude

Ano passa problemas e luta continuam



Pois é... com o cometa Halley também foi assim. Ainda os olitenta não vinham aí e já se dizia da sua chegada. Já se contava do que com ele iria mudar e do bonito que era poder vê-lo em toda a sua plenitude a rasgar de luz a noite estrelada. Mas, e ao fim e ao cabo, a passagem do cometa não só não acarretou mudança alguma no dia-a-dia dos povos, como só foi apercebida pelas inúmeras páginas de jornal que à sua conta se encheram. Mas quanto a vê-lo — bom, o cometa passou por nós como... um cometa.

Com as comemorações do Ano Internacional da Juventude em Portugal aconteceu mais ou menos a mesma coisa. Serviram para papaguear boas intenções, logo desde 1979, serviram para encher páginas de jornais, mas quanto à resolução dos problemas da juventude... foi como se um cometa tivesse passado por cima das nossas cabeças, não conseguimos ver nada...



Governo esquecido

Em conferência de imprensa, a JCP divulgou o balanço que fez das comemorações do Ano Internacional da Juventude em Portugal. Das conclusões a que chegou, uma há que ressalta à primeira vista: «os objectivos do AIJ não se coadunam com a política dos governos de direita», uma vez que esta não permite a participação, nega o desenvolvimento e contribui para perigar a paz.

Outra conclusão dos jovens comunistas, tão importante quanto a primeira, é a de que o AIJ veio demonstrar que «o movimento juvenil, apesar de marginalizado, continua vivo, actuante, ávido por fazer coisas e empenhado na luta pela resolução dos problemas juvenis».

São duas realidades comple-

tamente distintas, ambas bem presentes neste ano que se quis da juventude e a quem foi negada a sua participação.

Neste ano que foi da juventude, o governo, em vez de pugnar pela resolução dos seus problemas, antes contribuiu para os agravar.

Se o Ano Internacional da Juventude passou, o desemprego e o emprego precário aumentaram assustadoramente, a educação foi tratada como filha-bastarda, assim como o foi a cultura; e a aquisição de casa própria continua a ser uma das grandes dores de cabeça dos jovens portugueses.

Então, para que serviram as comemorações do AIJ? Para o governo, elas serviram certa-

mente para discursatas e mais discursatas, para tomadas de posse e mais tomadas de posse. Serviram, enfim, para uma grande dose de demagogia que o ano era de eleições e foram trezentos mil os novos eleitores.

Para trabalhar? Evidentemente que não. Resolver os problemas juvenis seria negar toda a sua política e os seus objectivos que, sendo antipatrióticos e antinacionais, são, conseqüentemente, antijuvenis.

Contrariando absolutamente a resolução das Nações Unidas, o governo português optou pela completa marginalização da juventude no processo do AIJ. Empossou uma comissão que nada fez e que muito dinheiro gastou. Mas também se recusou

a dialogar com as organizações juvenis que quiseram ter um papel activo nas comemorações daquele ano que, bem vistas as coisas, lhes pertencia.

E a Assembleia da República, se por um lado realizou a Conferência sobre o AIJ — o que foi positivo — não cumpriu a sua própria resolução e não abriu um período legislativo sobre a juventude, por manifesta má vontade do PS, PSD e CDS.

É interessante, nesta matéria, lembrar uma frase contida num livro publicado pela Comissão Interministerial da Juventude, onde se diz, nomeadamente, que «a juventude, como uma das principais riquezas de toda uma sociedade, tem sido progressivamente relegada para o esquecimento».

XII Festival

Realização de particular importância neste que foi o Ano Internacional da Juventude, o XII Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes realizou-se em Moscovo e nele participaram cerca de quarenta mil jovens oriundos de 150 países de todos os continentes do globo.

Realização importante e um pouco o corolário das comemorações a que, como não podia deixar de ser, os jovens comunistas dão uma especial atenção no seu balanço do AIJ.

E esta atenção é devida, não só ao facto de nele terem participado duzentos jovens portugueses, mas, essencialmente, pelo grande movimento de juventude que constituiu a sua preparação no nosso País.

Mais uma vez, a palavra à JCP: «a divulgação dos objectivos do Festival, a formação do Comité Preparatório — ao qual aderiram mais de 500 organizações e estruturas juvenis —, a formação dos Comités Preparatórios Distritais, a realização de inúmeras iniciativas de promoção e divulgação do Festival, assim como a formação da delegação da juventude portuguesa ao Festival, foi todo um trabalho desenvolvido com determinação, de baixo do objectivo central que foi e é o de defender e assegurar para o futuro a paz mundial».

Um objectivo que neste ano que é da Paz continua bem presente e a unir toda a juventude.



Reforço e união

Quando se fala do Ano Internacional da Juventude vem-nos imediatamente à cabeça as comemorações oficiais. Mas o que é certo é que não foi só o governo (mais correcto seria dizer que não foi o governo) quem tomou nas suas mãos estas comemorações.

Se houve de facto alguém que se interessou pelo AIJ, esse alguém foi, sem margem para dúvidas, os jovens e o seu movimento, seja cultural, desportivo, recreativo ou reivindicativo.

Exemplo claro do que dissemos foi o grande desfile da juventude de Lisboa e de Setúbal que juntou milhares de jovens sob o lema de «Agir para Mudar».

Este desfile, e ainda o festival da juventude do Porto, o Encontro Nacional da Juventude Trabalhadora, o Festival de Letras e Artes, a Semana Académica de Lisboa, a campanha contra o desemprego juvenil e as comemorações do 24 e 28 de Março, constituem exemplos claros, não só da capacidade mobilizadora e criadora da juventude, mas também da sua necessidade de participar e de desenvolver.

E se estas foram as grandes

iniciativas, aquelas que mais marcaram o ano de 1985, não foram as únicas. No seu balanço, a JCP salienta ainda «as inúmeras realizações efectuadas pela Igreja e pelas organizações juvenis de carácter religioso, as milhares de realizações culturais, desportivas, de convívio das organizações de juventude dos sindicatos, das associações de estudantes e de trabalhadores-estudantes, das colectividades, das comissões municipais juvenis e das comissões coordenadoras do AIJ, entre outras».

Este impressionante rol de iniciativas e de organismos que as desenvolveram vêm demonstrar que 1985 foi também um ano grande para o movimento juvenil português, que não só se desenvolveu como se uniu em torno dos problemas fundamentais da juventude.

É evidente que há excepções. E as excepções, neste caso, têm nome, chamam-se JS, JSD e JSD e reclamam-se «defensores dos direitos e aspirações dos jovens mas, ao contrário, têm vindo, e continuam, a aceitar todas as medidas do governo que põem, efectivamente, em causa



esses mesmos direitos e aspirações».

Segundo os jovens comunistas, estas organizações «tentaram entrar todo e qualquer processo de luta reivindicativa dos jovens pela resolução dos seus problemas comuns».

Mas isso são as excepções, e das excepções não reza a história. 1985 será, para a juventude portuguesa, sinónimo de coesão e de fortalecimento do seu movimento, e o resto são balelas.

A adesão de Portugal à CEE

— ou o que pensam dela os da CEE
(isto é, as grandes multinacionais)

International Management — que poderíamos traduzir por Gestão Internacional — é uma importante revista, dita de gestão, do mundo de negócios imperialista, com grande circulação e divulgação a nível de empresários, gestores e quadros de praticamente todos os países capitalistas. A revista é publicada pela conhecida editora McGraw-Hill com ligações íntimas aos principais centros imperialistas — EUA, Grã-Bretanha, França, RFA, Itália, Japão, Taipé, Suíça, Suécia, etc. — e reflecte, no essencial, as posições ideológicas dos grandes monopólios, designadamente sobre as grandes questões da economia mundial, mas não só. Em Portugal, a *International Management* (IM) é recebida, gratuitamente, por um número muito elevado de empresários e de quadros superiores de empresas. Mesmo que não muito lida — por vezes só serve para enfeitar secretárias — a IM é mais uma via de intoxicação e influência ideológica das centrais imperialistas junto dos nossos quadros e empresários, designadamente aqueles que nada têm a ganhar com a estratégia monopolista e de enfundamento às transnacionais, em curso em Portugal. Por vezes, contudo, a IM assume o papel do gato escondido com o rabo de fora, ao fazer análises minimamente objectivas.

É o que acontece no seu número de Dezembro de 1985 para a Europa, onde a *International Management* apresenta um interessante artigo sobre a problemática do alargamento das Comunidades Europeias à Espanha e Portugal. O título do artigo é sugestivo: «O Mercado Comum a duas velocidades... mas podem as tartarugas (Espanha e Portugal) ter paz...»

Seria interessante que os habituais destinatários (e teoricamente, leitores) nacionais da revista — que, regra geral, alinham com posições, nos domínios económico e político, contrárias aos interesses nacionais, ao acreditarem, ingenuamente ou não, nas grandes linhas da ideologia de direita — lessem tal artigo.

Como é do conhecimento público, a adesão de Portugal às Comunidades Europeias é apresentada pela direita nacional como a única saída para a economia portuguesa embora tal posição seja cada vez menos coesa e apresente cada vez mais brechas. Esta pseudo ideia-força, era ainda **insistentemente** apresentada no Editorial do Expresso, de 28.12.85, onde se dizia que «...na medida em que não existe qualquer alternativa à entrada de Portugal na CEE, na medida em que, após o fim do Império, não existe futuro para Portugal fora da integração na Europa — é inútil discutir se o País terá ou não energias para aguentar o embate. Terá de ter... é tudo...»

Sem ter essa intenção, e embora não passe de um texto-opinião e não de um estudo, o artigo da IM, confirma, no essencial, os receios e os alertas daqueles democratas e patriotas que vêm afirmando que a adesão à CEE é prejudicial ao País e só poderá beneficiar as multinacionais e os grandes grupos privados nacionais.

Dado o círculo restrito onde circula (embora com elevado peso específico) julgamos interessante dar a conhecer alguns dos aspectos essenciais de tal artigo.

Com esse objectivo, iremos transcrever integralmente algumas partes do artigo e enquadrá-lo num esquema de desmontagem da miragem da CEE

Intenções suicidas... ou outra coisa?

Relativamente aos aspectos gerais da adesão, o articulista John Robinson escreve que «[...] igualmente significativa, é a criação, com este alargamento, dum subgrupo de economias subdesenvolvidas no seio da CEE, que inclui os dois novos membros e a Grécia (...). Como na fábula da antiguidade, é a corrida entre a tartaruga e a lebre. Mas esta lebre (na forma das nove actuais desenvolvidas economias da CEE), contrariamente à da fábula, observa cuidadosamente para ficar sempre à frente das três tartarugas do Sul da Europa (...). Somente a Espanha tem uma "chance" real de apanhar a lebre (...) e ainda que «(...) os custos económicos desta união política (sublinhado nosso) serão altos...»

Mas há mais coisas interessantes a observar. Segundo o articulista da *International Management* «[...] Para ambos, Madrid e Lisboa, [...] o preço (da adesão) corresponderá a uma competição sem precedentes para as (suas) adormecidas indústrias nacionais de mão-de-obra intensiva que serão forçadas a uma racionalização em grande escala, sob variadas pressões — importações baratas, o aumento da presença de companhias estrangeiras [...], as regras comerciais da CEE cujo efeito será limitar drasticamente os subsídios estatais à ineficiência interna [...]».

Será que os sucessivos governos, as Confederações patronais e os partidos da direita nacional têm intenções suicidas, ao persistir na defesa de um projecto com estas características gerais e que eles próprios já consideram que não é bom (mas que aparentemente ainda não será

mau)? Ou não será a CEE o alibi para outros projectos menos «económicos» como o regresso ao 24 de Abril?

Uma questão importante no quadro da adesão é a entrada simultânea com Portugal da Espanha.

Vejamos o que pensam da adesão altos responsáveis do patronato espanhol. Por exemplo, quando António Alonso, director internacional da Confederação do Patronato Espanhol (um país com uma economia muito mais poderosa e competitiva do que a nossa), entrevistado pela IM afirma que «[...] O período de gradual adequação aos padrões da CEE, um processo que nalgumas indústrias atingirá 10 anos [...] será certamente muito insuficiente para a indústria espanhola», só uma política de mentira poderá louvar a adesão de Portugal à CEE.

Isto é em Espanha. E em Portugal como será? O que pensa acerca disto a conceituada e insuspeita *International Management*? Somente que «[...] Para além de acentuar as divergências dentro da CEE, o último alargamento é ele próprio fonte de divergências devido às maiores diferenças existentes entre Espanha e Portugal [...]»

«[...] O contraste da Espanha com Portugal é significativo [...] com somente metade da capitalização do PNB da Espanha, com um défice crónico da balança de pagamentos, somente amortecido pela utilização de taxas de emergência à importação, com uma inflação rondando os 20% e uma limitada base industrial, Portugal poderá vir a ser uma triste repetição do caso grego [...]».

E o articulista não refere sequer os efeitos desastrosos da CEE/Espanha sobre Portugal.

Sonho ou burla — tanto faz

Mas deixemos de falar no futuro (sombrio) e passemos a falar no presente. É sabido que o «paraíso» da CEE já produziu efeitos devastadores na Grécia. E não somos só nós que o dizemos. É mais uma vez a «doutrinária» e «pura» *International Management* que afirma que «[...] a incapacidade grega para competir em termos de igualdade com os outros parceiros europeus, é enfatizada pela desvalorização de 15% do dracma (moeda nacional grega) em Outubro passado, pela progressiva deterioração do seu défice da balança de pagamentos que as pressões dos meios oficiais da CEE apontam para cerca de 7,5% do PIB deste ano...».

Mas há mais. Na perspectiva da IM o «grande mercado de 300 milhões de habitantes» tão apregoado pelos propagandistas nacionais da CEE, não passará de um mito, de uma verdadeira burla, ou mais brandamente de um sonho, pois que «... As companhias de Espanha e Portugal encontrarão dificuldades em obter lucros num mercado continental mais aberto...», prevê Filiberto Pertini, administrador da Pirelli Societé Général SA da Suíça em entrevista dada à revista.

Mas o artigo ainda esclarece outras coisas. Uma delas, é a da venda do país ao desbarato, é a falta de patriotismo dos últimos governos, é a entrega paulatina mas continuada da nossa economia às grandes transnacionais,



em vez de uma política de desenvolvimento independente.

Quem o põe a claro, é mais uma vez o colaborador da IM, John Robinson, ao afirmar que «[...] Não é accidental o facto das multinacionais estarem a aumentar a sua importância nas economias de Espanha e de Portugal. Com efeito, têm vindo a ser convidadas para proceder assim pelos governos de centro-esquerda, que vêm no capital transnacional e na sua gestão, uma base importante para a modernização industrial tão necessária para preparar as suas econo-

mias para o embate com a CEE [...]»

As citações já vão longas. Longa também já é a história (ou o romance) daquilo que, um dia, a História de forma rigorosa e desapaixionada designará pelo crime da adesão de Portugal à CEE, perpetrado por aqueles que sendo hoje já passado, tentam ainda, desesperadamente, contra tudo e contra todos, apresentarem-se como futuro.

■ **Fernando Sequeira**



Lutar pela vitória da democracia nas eleições presidenciais

Conferência Nacional do PCP sobre as eleições presidenciais Unir os Democratas para a Vitória da Democracia

Resolução Política da Conferência Nacional do PCP sobre as eleições presidenciais

Discutir as questões da organização e tomar medidas para o seu fortalecimento

Aproveitar as experiências e o trabalho de massas desenvolvido durante os períodos eleitorais para o reforço do Partido neste novo ano

Documentos

As eleições autárquicas, a situação política e as perspectivas do seu desenvolvimento (Documento aprovado na reunião plenária do CC do PCP, em 20/XII/85)

Internacional

Líbano - luta põe em cheque os «direitos» do agressor

Quando se fala do Líbano, é frequentemente para baralhar os dados da realidade, para reduzir as razões da luta à dimensão de conflitos entre grupos religiosos, eles próprios pulverizados por opções diversificadas. Por isso geralmente se silenciam os factos mais esclarecedores. E raramente se fala de um país e um povo que o imperialismo pretende esmagar e dividir, alvo sistemático das agressões de Israel e com uma zona — no sul — ocupada por Tel-Aviv, directamente, e por intermédio das milícias fascistas libanesas que lhe estão ligadas.

Mas nem por ser silenciada a realidade deixa de se impôr.

A semana passada o Líbano pediu uma reunião urgente do Conselho de Segurança da ONU para examinar os incessantes actos de agressão e repressão das forças de ocupação israelita no sul do país. Actos de agressão e repressão que se têm vindo a intensificar, particularmente desde a assinatura do acordo interlibanês em Damasco, em 28 de Dezembro, obviamente com o objectivo de fechar uma porta que pode levar a uma solução política para os gravíssimos problemas que o país vive.

Em vésperas do pedido libanês para a reunião do Conselho de Segurança da ONU, os invasores israelitas haviam submetido a intenso fogo de morteiros e metralhadoras a cidade de Nabatiya e seis aldeias da chamada «zona de segurança», criada

pelos agressores no Sul do Líbano e que corresponde de facto a uma ocupação do território. Mais de mil soldados e oficiais israelitas invadiram estas localidades.

Yatir, Kafra e Haris

São três aldeias libanesas do Sul. Três entre os muitos exemplos de agressão. Reproduzimos aqui a descrição de um jornalista, correspondente em Beirute do «Notícias de Moscovo». Porque importa ter uma compreensão mais clara do que se passa de facto neste martirizado país, do significado concreto de ser um alvo do imperialismo.

«...às nove horas da manhã a calma nas aldeias de Yatir, Kafra e Haris foi interrompida pela chegada de blindados israelitas. Surgiram seis helicóp-

teros militares e quase 400 soldados do exército israelita e do «exército» de Lahad (milícias fascistas libanesas) lançaram-se contra as aldeias suspeitas de abrigarem patriotas libaneses. Estes homens actuam de acordo com planos precisos: começaram por cortar os cabos telefónicos que ligam as aldeias ao restante país, depois, sob a ameaça de metralhadoras, juntaram todos os habitantes nas praças centrais para os interrogar.

Começou uma busca generalizada a cada habitação. Os soldados israelitas arrombavam portas, estilhaçavam janelas, destruíam o mobiliário, utilizavam as lança-chamas instalados a bordo dos helicópteros. Uma casa começou a arder, depois outra, e ainda uma terceira. O fumo que se elevava por cima das aldeias era visível, segundo testemunhas, a dezenas de quilómetros.

Um exemplo apenas. Uma descrição que nos lembra outros tempos — sinistros — quando o nazismo campeava na Europa.

Os «direitos» do agressor

A ocupação de «zonas de

segurança» no Sul, os raids militares contra as populações camponesas da zona, são uma das formas de agressão permanente, de manter e alimentar uma situação de insustentável tensão, que crie graves obstáculos à solução dos problemas do Líbano pelo povo libanês.

Há outras. Citaremos apenas uma, aliás testemunho da arrogância com que o agressor reclama o «direito» de o ser...

Referimo-nos aos voos «de reconhecimento». Diariamente, os «Phantoms» israelitas sobrevoam o Líbano, do vale de Bekaa às zonas montanhosas, passando por Beirute. Difícilmente se pode ousar defender tal acção. Não é essa a opinião do ministro israelita da Defesa, Itzhak Rabin, que declarou mesmo: «A nossa aviação continuará com os seus voos sobre todo o território do Líbano. Isto é de uma importância vital para a segurança de Israel»...

Uma arrogância que terá inevitavelmente o seu fim.

A luta patriótica ganha crescente dimensão. A resistência popular é uma prática quotidiana. Só na última semana de Novembro, os patriotas libaneses organizaram com sucesso mais de duas dezenas de acções militares.

Angola denuncia política norte-americana

«Não entendemos ainda se a visita de Savimbi e a ajuda militar e outra que o Estado norte-americano pretende dar-lhe deve ser considerada como uma forma de pressão sobre Angola ou como uma declaração de guerra dos EUA, uma grande potência, contra o povo angolano, um povo pequeno e sub-desenvolvido», declarou o camarada José Eduardo dos Santos, presidente do MPLA-Partido do Trabalho e da República Popular de Angola, quando recebeu uma delegação do departamento de Estado norte-americano, chefiada por Chester Crocker, sub-secretário de Estado para os assuntos africanos.

O presidente angolano advertiu ainda que a RPA, como país independente, jamais abdicará dos seus direitos e afirmou que «em caso de novas agressões, Angola solicitará mais ajuda à comunidade internacional e particularmente aos seus tradicionais amigos da URSS, de Cuba e de outros países socialistas para a defesa da sua independência e integridade territorial».

Poucos dias antes destas declarações do presidente de Angola, o grupo terrorista Unita divulgava em Lisboa mais um falso e provocatório comunicado, com a costumeira impunidade, e a despeito das declarações do governo português (que os factos indicam não passarem de palavras) quanto ao impedimento de actividades anti-angolanas no nosso país.

O feitiço contra o feiticeiro

É sabido que tribos da fronteira entre o Paquistão e o Afeganistão foram utilizadas pelo imperialismo contra o poder revolucionário no Afeganistão. Uma revolução só se pode impôr pela sua prática, na medida em que corresponde aos interesses e aspirações populares e conta com a sua activa participação. Mas nada disto se pode concretizar de um dia para o outro. Hoje as tribos afegãs reconhecem os benefícios da revolução que consagrou o papel das «Jirgahs» (assembleias populares tradicionais) e trouxe amplos benefícios às populações. E defendem activamente o poder popular.

E porque nesta como noutras zonas os mesmos povos vivem de ambos os lados de fronteiras (trata-se normalmente de sequelas do velho domínio colonial), hoje as tribos «pachtounes» dos «afridi» e dos «shimmari», no Paquistão, exigem que não sejam instalados no seu território campos de treino da contra-revolução. E por isso se batem e defrontam a violenta repressão do regime paquistanês que no seu próprio território usa os bandos armados destinados a espalhar o terror no Afeganistão.

Contra o «apartheid»

As imagens e as notícias que nos vêm da África do Sul, embora viciadas muitas vezes, deixam uma ideia inequívoca: hoje, no país do «apartheid», regime internacionalmente condenado como crime contra a Humanidade, vive-se, quotidianamente, uma verdadeira guerra.

Não a guerra anárquica de grupos e tribos (e factos haverá com este carácter, habilmente alimentados por Pretória), mas uma guerra genuinamente popular, uma guerra pela liquidação do «apartheid» que, como foi sublinhado, no 74.º aniversário do movimento de libertação (ANC) — comemorado em Londres, dia 8, pelo seu dirigente, Oliver Tambo, se pretende transformar numa verdadeira guerra popular generalizada, fazendo esforços para que brancos inocentes não sejam vitimados. Porque o objectivo a atingir, não é a população branca. É o sistema.

Para já, sucessos importantes têm sido alcançados: ao tornar a África do Sul «ingovernável» e o «apartheid» «irrealizável». Através de acções armadas. E dos mais diversificados movimentos e acções populares.

Mineiros e estudantes

No dia 1 de Janeiro, os trabalhadores da South African Impala Mines, uma das maiores minas de platina do mundo capitalista, controlada pelo grupo Gencor (General Mining Union Corporation), entraram em greve, contra as condições de trabalho, pelo aumento de salários, e para forçar a administração a reconhecer o seu sindicato. Uma greve considerada pelo regime «ilegal», pois no bantustão do Bophthatswana, o NUM (Sindicato Nacional dos Mineiros) não é reconhecido.

Utilizando as leis do «apartheid», a multinacional despediu

20 000 dos 30 000 trabalhadores da mina (em Maio de 85, foram despedidos 17 000 trabalhadores das minas de ouro da Anglo-Americana e da Anglo-Vaal).

Mas a luta continuou. Uma semana depois, mais de três mil mineiros das minas de Impala, entravam em greve de solidariedade com os grevistas despedidos e a Gencor confirma que três das quatro sub-seções da Impala estão totalmente paradas. Uma luta muito difícil e significativa, que põe simultaneamente em cheque a realidade do «apartheid» e a política do seu

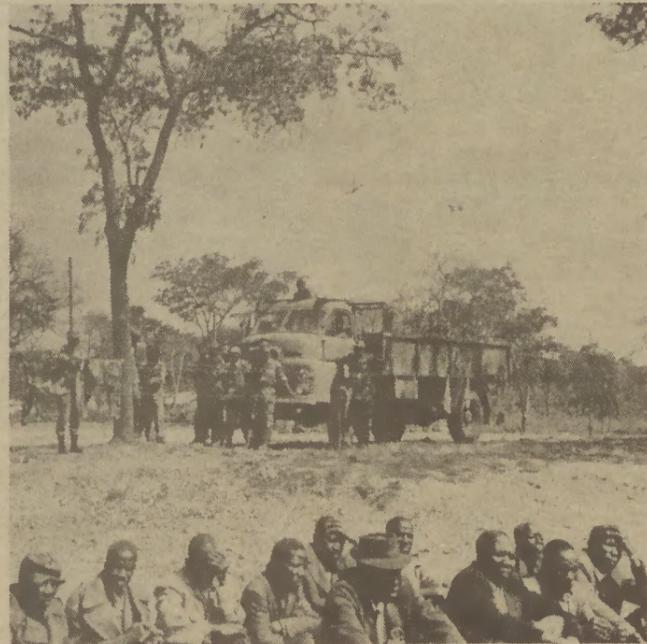
esteio fundamental: as multinacionais.

Desenvolve-se nestes dias mais uma batalha da juventude negra de protesto contra a discriminação, o baixo nível de ensino nas escolas racistas, e os castigos corporais. Batalha que passa pelo boicote às aulas e pela realização — proibida — de reuniões e conferências sobre os problemas do ensino.

Mas para o regime de «apartheid» a defesa do desenvolvimento cultural da juventude também é um crime. Os habitantes de Lenasia, subúrbio de Joanesburgo, que, apesar das proibições, organizaram uma reunião sobre ensino, foram selvaticamente atacados pela polícia, com gases lacrimogéneos e espancamentos.

São dois exemplos quotidianos, de luta popular, dois exemplos entre muitos outros, de batalhas paralelas que se interligam e desenvolvem em todos os domínios, nomeadamente no da luta armada. E a que a maior repressão com mortos diariamente, e mais mortos em cada funeral das vítimas, muitos milhares de prisões, nomeadamente de dirigentes da ampla e heterogénea Frente Democrática Unida — é incapaz de pôr cobro. Porque estamos perante uma luta popular.

Contra o «apartheid». Mas de facto também contra o imperialismo, contra as multinacionais. Por detrás de Pretória está Washington, as mais de 400 multinacionais norte-americanas instaladas na África do Sul, o maior peso de investimentos estrangeiros.



A repressão contra o povo negro da África do Sul assume as mais diversas formas, da bantustização aos mortos nas manifestações, dos despedimentos colectivos às prisões em massa



Repressão no Chile

Mesmo que muitas vezes silenciada, a luta dos povos contra as ditaduras fascistas na América Latina prossegue. Os números da repressão revelam isso mesmo. De acordo com dados divulgados pela oposição chilena em Buenos Aires, no decurso do primeiro semestre de 85, foram mortos no Chile 22 militantes da oposição anti-fascista, feridos 50, exilados 570 e torturados mais de 230.

Internacional

Terrorismo de Estado tem sede em Washington

A campanha que neste momento Washington desenvolve contra a Líbia, a pretexto (e não com o fundamento, como é afirmado) dos actos de terrorismo cometidos em Roma e Viena, é um exemplo claro do que é a política imperial da Casa Branca — das suas pretensões, dos seus perigos, e também das suas limitações.

Resumindo factos: em 1 de Fevereiro deverão entrar em vigor sanções económicas contra a Líbia, unilateralmente assumidas pelos Estados Unidos, e que atingem créditos e investimentos, importações e transações de e para a Líbia, transportes e compras de mercadorias para venda a terceiros países, proibição de as companhias norte-americanas comprarem petróleo de origem líbia. Decreta-se, simultaneamente, congelamento de bens líbios nos EUA. Os cidadãos norte-americanos na Líbia (numa muito curiosa concepção do qual é a defesa dos seus interesses, tantas vezes invocada mesmo para invadir outros países) são obrigados ao regresso, sob ameaça de gravosas multas e penas de prisão. Entretanto, e apesar das ameaças de uma intervenção militar não se terem chegado a concretizar, a presença militar norte-americana na zona foi agravada.

De par com as medidas assumidas, ao arrapio de todas as leis e normas internacionais de relacionamento entre Estados, prossegue um multiforme esforço, em termos gerais baldado,

no sentido de angariar apoios efectivos por parte dos países capitalistas, em particular da NATO e CEE, a tal política.

Simultaneamente é desencadeada uma poderosa campanha propagandística no sentido de nos fazer crer que é o terrorismo que está em jogo, ou o combate ao terrorismo, e, mais grave ainda, que os Estados Unidos te-

conomia mundial» e na «família dos Estados livres».

Esta a concepção política. E os métodos?

O exemplo actual da Líbia fala por si.

Discutiui-se, como se os EUA detivessem esse direito, a hipótese de intervenção militar. Foi mesmo desencadeada uma série de preparativos militares, que

recolocam, de par com toda a política desenvolvida pelos EUA, a questão do terrorismo no seu devido lugar. Face aos factos não há duas respostas possíveis para a questão: quem desenvolve uma política terrorista a nível internacional? E cingindo-nos ainda e apenas aos factos: quem poderia estar interessado nos atentados de Viena e Roma?

O atentado de Roma: a quem serve o terrorismo?



De costas para a vida

A propósito do apoio aberto dado por Washington ao grupo terrorista da Unita, o «New York Times» comentava recentemente que tal política significa «afastar-se das realidades militares, políticas, diplomáticas e psicológicas».

A política actualmente desenvolvida em relação à Líbia surge como um exemplo elucidativo desse — perigoso — irrealismo político. Tudo indica que a Casa Branca não teria previsto, no seu conjunto e amplitude, as consequências do processo que desencadeou.

Assim temos, antes do mais, posições muito marcadas de repúdio por parte de países e organizações árabes heterogéneas, e mesmo de governos de países que desenvolvem políticas abertamente reaccionárias.

Os países da **Liga Árabe** aprovaram em Túnis uma declaração de solidariedade para com a Líbia e contra quaisquer formas de intimidação dos Estados árabes, e avançam mesmo que a melhor forma de pôr fim ao terrorismo não é pela perigosa via da escalada de represálias mas «**avançando nos esforços diplomáticos para resolver, através de uma conferência internacional, o conjunto dos problemas do Médio Oriente**». E aqui é oportuno relembrar que, ainda em Outubro de 85, os Estados Unidos e Israel se opuseram à apresentação para votação de uma resolução no sentido de sanear, sob os auspícios das Nações Unidas, e mencionando expressamente o direito à autodeterminação do povo palestino, a tensa situação no Médio Oriente.

A organização da **Conferência Islâmica**, reunida em Fez, condenou as sanções económicas decretadas pela administração Reagan e manifestou o apoio à Líbia, dando simultaneamente liberdade aos seus membros para que decidam sobre as «medidas que julguem adequadas» para combater essas sanções. A Conferência aprovou ainda uma proposta no sentido da realização, para o final deste mês, de uma reunião extraordinária da Liga Árabe em que sejam debatidas as medidas a contrapor às sanções norte-americanas.

No que respeita aos **países capitalistas** da Europa, que os EUA pretendem, como é sua prática corrente, acorrentar à sua política imperial, a resposta global foi — não. De tal forma que, no prosseguimento das pressões dos EUA, e em carta pessoal dirigida aos governos dos países da Nato, o presidente Reagan acaba por pedir, «no mínimo, que não comprometam as nossas sanções». Uma posição do capitalismo europeu que, entre outros elementos, revela sem dúvida o importante papel das relações económicas e comerciais (e elas são importantes, no que respeita à Líbia), como factor de paz, ou, pelo menos, de uma mais ponderada posição política.

É duvidoso que fosse esta a resposta esperada por Washington a mais este desafio a um normal relacionamento entre países e povos.

Uma prova mais de um irrealismo político particularmente preocupante.

riam o direito de deslocar forças armadas para as fronteiras de outros países, ameaçar com intervenções militares, decretar sanções, mobilizar forças e, se possível, desferir golpes, contra povos, países, sistemas sócio-políticos, enfim, moldar o mundo a sua imagem.

O «direito» à liderança...

Reagan tem o dever de «exercer a sua liderança» sobre os aliados na luta «contra o terrorismo apoiado pela Líbia», país que «declarou uma guerra ao mundo civilizado». «é tempo de o mundo civilizado excomungar a Líbia». São declarações do embaixador norte-americano em Bona, Richard Burt, e que bem esclarecem quanto às pretensões imperiais dos Estados Unidos, inerentes a uma concepção do mundo, dividido entre os «bons», que desta ou daquela forma se integram no esquema e servem os interesses do capitalismo, e os «maus», concretamente a comunidade socialista, as forças de libertação e em geral as massas trabalhadoras.

A mesma concepção que dita afirmações como a do secretário de Estado norte-americano, Shultz, que «acusa» a Líbia, e para que tudo fique mais claro, também a Nicarágua, de estarem «empenhados em actos contrários às normas da civilização».

Mesmo no discurso, mais cuidadoso, pronunciado por Reagan na ONU, se fala dos países progressistas do Terceiro Mundo, em termos de «reintegração

passaram pela concentração de navios, o envio de esquadilhas suplementares de aviões de combate para as bases do Mediterrâneo, colocadas entretanto em «estado de alerta», e a preparação de uma lista dos principais alvos a atingir em território líbio.

As sanções económicas e comerciais decretadas, constituem objectivamente uma agressão económica, em violação da carta da ONU e do direito internacional.

Mas há mais. Em Novembro passado o «Washington Post» divulgava uma notícia sobre a aprovação, pela Casa Branca, de um plano elaborado pela CIA, e cujo objectivo era «minar a independência da Líbia». Também segundo dados divulgados pela revista japonesa «Gendai», a CIA elaborou, por ordem da Casa Branca, várias hipóteses de «intervenção indirecta» na Líbia e de assassinio dos seus dirigentes. Os elementos divulgados indicam que, no Outono de 1980, sob a direcção do actual vice-presidente dos EUA, George Bush, que então estava na CIA, foi aprovado e preparado o plano de uma grande operação contra a Líbia, em que numa primeira etapa se planeava organizar, com o apoio de grupos mercenários, conflitos na fronteira deste país com o Egipto. No início de 1984 a CIA preparou o «cenário» de uma incursão de destacamentos mercenários na Líbia, a partir do território do Sudão, onde então ainda se encontrava no poder o regime pró-imperialista de Niemeiri.

São planos, divulgados, que

Contra os direitos dos povos Contra a paz

Nesta verdadeira operação de terrorismo de Estado, que está em curso (e, sob as mais diversas formas, tais operações do imperialismo estão a repetir-se com preocupante frequência), uma vez mais o essencial é ignorado, ou antes, deliberadamente escamoteado.

E o essencial, se nos reportarmos à realidade do Médio Oriente, é a situação do povo palestino, povo sem pátria por imposição de Washington e TelAviv. É o próprio ex-chanceler austríaco Bruno Kreisky, dirigente da Internacional Socialista, quem o afirma, ao apontar como «o problema fundamental», o facto de continuarem a existir «milhões de palestinos privados dos direitos humanos mais fundamentais, numa situação praticamente idêntica à dos negros na África do Sul».

O essencial, em termos de relações internacionais e da necessidade vital de se caminhar para um urgente desanuviamento, nomeadamente militar é a pretensão de pura e simplesmente ignorar os resultados de Genebra, a pretensão de apagar da realidade política contemporânea a realização de uma cimeira que em si própria, e pelo documento assinado — apesar de não terem sido alcançados resultados palpáveis no domínio do desarmamento nuclear — contrariam frontalmente o que é a política do imperialismo.

«As Comissões revelaram-se como os melhores organismos de unidade do povo português, como verdadeiros organismos de Unidade Nacional das classes trabalhadoras. As Comissões cuja formação se deve à orientação do Partido Comunista, reúnem trabalhadores de todas as tendências e, à sua volta, unem-se as mais vastas massas da população.»

(...) «Dia a dia aumenta a sua importância decisiva. Enquanto que, de início, a sua missão era quase sempre limitada a apresentar uma reclamação, as Comissões passaram em muitos casos a tratar regularmente dos problemas dos trabalhadores que representam, passaram a ser vistas como verdadeiros organismos de direcção de lutas populares. As Comissões, formadas pelos trabalhadores mais sérios, de maior prestígio, de maior confiança das massas, homens e mulheres, jovens e adultos, de todas as convicções políticas e religiosas, têm sido as dirigentes de milhares e milhares de lutas contra a exploração e opressão fascistas. As Comissões tornaram-se o eixo fundamental de organização, nas classes trabalhadoras, do Movimento de Unidade Nacional Antifascista.» (...)

(«As Comissões de Unidade» — «Avante!», VI Série, n.º 70, 2.ª Quinzena de Janeiro de 1945)



«A história dos povos tem a registar mais uma intensa e descarada campanha anticomunista, raivosamente desencadeada e chefiada pelo imperialismo norte-americano, da qual a reacção mundial se faz eco.

«Uma tal campanha quando a democracia se consolida e desenvolve nos países da Nova Democracia e o socialismo triunfa na grande União Soviética e quando os países capitalistas se vêem a braços com uma tremenda crise, só pode ter um objectivo: o esmagamento da Democracia e dos seus mais fiéis defensores, os partidos comunistas e outras forças democráticas.

«Nós comunistas não ignoramos o que se pretende com tal campanha. O passado é muito rico em ensinamentos no que se refere a campanha de tal natureza. (...)

«Assim, o fascismo salazarista, incapaz de resolver os mais urgentes problemas nacionais, económicos e políticos, pretende fazer crer aos ingénuos e ao estrangeiro que as últimas greves dos Estaleiros Navais de Lisboa e as grandiosas manifestações da Juventude, lutas que tiveram lugar em Abril passado, eram «instigadas por Moscovo» e obedeciam a um «plano de agitação comunista.» (...)

(«O Partido Comunista Português e a Nação» — «Avante!», VI Série, n.º 112, 1.ª Quinzena de Janeiro de 1948)



«Norton de Matos é um estadista provado. Quanto a Carmona... Na 2.ª Conferência da «União Nacional», cujo anunciado objectivo era proclamar o candidato fascista, Salazar veio dizer que Carmona é um zero, pois «se desvanecem as figuras dos contendores» e «apenas sobressaem os princípios que representam». E Salazar demonstrou que o «princípio» representado por Carmona é... o próprio Salazar.

«Salazar lembrou à Conferência que não admite que ninguém lhe defina a orientação e os limites da acção governativa, pois é ele «quem manda», conforme se grita na Legião. Falou modestissimamente da sua sinistra pessoa, do seu «mérito próprio», das suas qualidades superiores às de reis, chefes de Estado e príncipes (é ele que o diz). E confessou «não ter ambições» e «não desejar subir mais alto», não se percebendo se Sua Excia se referia à presidência da República, à realeza ou ao paraíso celeste.» (...)

(«Carmona Igual a Zero» — «Avante!», VI Série, n.º 131, 2.ª Quinzena de Janeiro de 1949)



O PCP e as presidenciais

No centro da grande luta política e ideológica que actualmente se desenvolve em torno das eleições presidenciais, encontram-se os comunistas. A Conferência Nacional de 4 de Janeiro definiu as grandes linhas a seguir pelo Partido, em unidade com todos os democratas, sintetizadas na Resolução Política aprovada por unanimidade e aclamação e desenvolvidas no discurso do camarada Álvaro Cunhal. O próprio decurso da campanha eleitoral está a trazer novos elementos susceptíveis de enriquecer a argumentação a utilizar na batalha de esclarecimento em curso; mas as grandes linhas de rumo continuam a ser as debatidas e aprovadas na Conferência. Por isso a elas aqui voltamos, reformulando algumas perguntas e dúvidas que aqui e além se ouvem e dando-lhes como resposta extractos da citada intervenção do secretário-geral do PCP.

• Um contributo para a batalha de esclarecimento em curso



1. Qual a verdadeira importância das próximas eleições presidenciais?

As eleições presidenciais terão um de dois resultados: ou com a eleição de um candidato da democracia se confirma a evolução da situação positiva de 1985 e o regime democrático se consolida; ou a direita consegue eleger um dos seus candidatos e nesse caso criará condições para anular grande parte das derrotas que sofreu em 1985,

retomará as suas alianças e passará a uma ofensiva geral, violenta e brutal contra o regime democrático e as suas conquistas.

Que ninguém tenha dúvidas. A vitória de qualquer dos candidatos da direita (Freitas ou Soares) significaria a concretização, sob a capa do anti-comunismo, da ampla frente antidemocrática que vai do fascista Adriano Moreira do CDS ao colaboracionista n.º 1 da reacção, Mário Soares.

Ao contrário, a vitória de um candidato da democracia abrirá novas e

amplas perspectivas à democracia portuguesa e à política nacional.

Em primeiro lugar, será para a reacção e os seus planos contra-revolucionários um golpe de que demorará anos a refazer-se.

Em segundo lugar, será um golpe mortal para a política de direita do PS e para Mário Soares seu inspirador e líder, o que é susceptível de provocar no PS um reexame da desastrosa política de direita e de coligações com a direita.

Em terceiro lugar, permitirá às forças democráticas uma intervenção

construtiva mais determinante em toda a política nacional.

Uma vitória democrática nas eleições presidenciais criará sem qualquer dúvida novas e mais positivas condições para uma alternativa democrática, para uma nova política capaz de defrontar e resolver os gravíssimos problemas nacionais provocados por 10 anos em que sucessivos governos da direita (com ou sem o PS) realizaram uma política de destruição da economia, de desemprego,

O PCP e as presidenciais

de miséria, de submissão ao estrangeiro.

E pergunta-se, camaradas:

Haverá em todo o campo democrático a compreensão desta importância transcendente e destas consequências dos resultados das eleições presidenciais?

Haverá em todo o campo democrático a compreensão de que a vitória da direita nas eleições presidenciais poderá significar a anulação das derrotas que sofreu em 1985 e a retomada em força da ofensiva contra-revolucionária?

Haverá em todo o campo democrático a compreensão de que a vitória de um seu candidato é uma questão que pode ser de vida ou de morte para o regime democrático português? Que se trata de um acontecimento que pesará fortemente e por muito tempo na evolução da situação nacional?

Os termos com que em certos meios democráticos, incluindo próximos de nós, incluindo alguns camaradas nossos, se encara esta eleição, se classificam os candidatos, se consideram os objectivos, se avaliam as possibilidades, se definem preferências e opções em termos de simpatia e de sentimento, acusam a nosso ver, que as transcendentes consequências das eleições presidenciais não estão a ser por todos compreendidas.

2. Quais as áreas eleitorais que vão estar em confronto e qual a força relativa de cada uma delas? Que importância tem isso para o voto dos democratas?

Não têm razão os que afirmam existirem cinco áreas eleitorais — uma respeitante a cada candidato (Freitas, Soares, Zenha, Pintasilgo e Veloso).

Tão pouco têm razão alguns comentadores fantasiosos que afirmam existirem apenas duas áreas eleitorais: por um lado, uma que apoia Freitas do Amaral e, por outro lado, outra dividida no apoio ao que chamam «três candidatos de esquerda» (Soares (sic), Zenha e Pintasilgo). Não citam Veloso, mas contam evidentemente com o seu eleitorado.

A verdade é que, para as próximas eleições presidenciais, têm de se considerar à partida e na primeira volta três áreas eleitorais.

Embora de uma forma aproximada e simplista, a área eleitoral para o apoio a um candidato da democracia na primeira volta, ronda à partida os dois milhões de votos, Freitas (com o apoio maciço do PSD), ronda também os dois milhões. Soares, o mais mal situado, poderá alcançar com os apoios da direita 1 500 000 votos. Sendo estas aproximadamente as três áreas eleitorais na primeira volta é fácil de concluir que a divisão dos votos dos que apoiam os candidatos da democracia poderia permitir que Soares à primeira volta alcançasse mais votos do que qualquer deles, ou seja, poderia permitir a eliminação dos candidatos da democracia e uma segunda volta com Freitas do Amaral e Soares com a consequente eleição de um deles para Presidente da República.

Daí considerarmos extraordinariamente perigosa a concepção segundo a qual é de deixar ir todos os candidatos da democracia à primeira volta para ver qual terá mais votos e deixar que assim o eleitorado decida qual o seu preferido.

3. Porque é que Mário Soares é um candidato da direita?

Freitas do Amaral e Mário Soares são os dois candidatos da direita às eleições presidenciais de 26 de Janeiro.

Que a candidatura de Freitas do Amaral, candidatura do 24 de Abril, é uma candidatura da direita — é uma realidade que não necessita de demonstração.

A candidatura de Mário Soares é igualmente uma candidatura da direita. Mas como há ainda quem possa ter dúvidas vale a pena dizer algumas palavras mais sobre a matéria.

A caracterização da candidatura de Mário Soares como candidatura de direita e da direita pode sintetizar-se em quatro pontos.

1.º ponto: Mário Soares caracteriza-se como candidato da direita porque toda a sua acção desde 1974/75, tanto na qualidade de secretário-geral do PS como na qualidade de primeiro-ministro, foi uma política de alianças, estreita colaboração e coligação com os partidos e as forças da direita incluindo as mais reacţionárias, uma política antiooperária, antipopular, antidemocrática e antinacional, política ten-

do como objectivo comum a destruição do regime democrático e das suas conquistas consagradas na Constituição.

(...)

2.º ponto: Mário Soares caracteriza-se como um candidato da direita porque o seu programa actual, tal como nos últimos 10 anos, tal como claramente explicitou o programa do PS para as eleições de 6 de Outubro, se identifica no essencial com o programa das forças mais reacţionárias, designadamente com o programa do outro candidato da direita, Freitas do Amaral.

(...)

3.º ponto: Soares revela-se também claramente como um candidato da direita, não só porque se assume como tal, mas também porque a direita reconhece em Soares um seu candidato.

(...)

4.º ponto: Soares caracteriza-se ele próprio como candidato da direita porque, em vez de fazer apelo aos votos de esquerda e dos democratas em geral para derrotar Freitas e a direita, faz apelo ao apoio e aos votos da direita para derrotar o candidato da democracia, concretamente Salgado Zenha.

4. Como se caracteriza a candidatura de Maria de Lourdes Pintasilgo?

As eleições presidenciais não são um acontecimento menor. Não são um concurso em que os candidatos formam bicha onde o primeiro a chegar ganha direito ao lugar. Não são um concurso a que é legítimo concorrer apenas com a ideia pessoal de o disputar.

Uma candidatura democrática à Presidência da República não é uma questão privada de tal ou tal candidato, ou de tais ou tais dos seus apoiantes. É uma questão que interessa todos os democratas pois a todos interessa directamente a vitória ou a derrota da democracia.

Não dissemos se M.L. Pintasilgo

díamos deixar de considerar precipitada o avanço de uma candidatura democrática que não tinha em conta esses aspectos e factores essenciais.

E o facto é que a candidatura de M.L. Pintasilgo não só não teve como não quis ter em conta esses factores. Pelo que nos diz respeito e pelo que se deduz das afirmações de outros sectores, nem conhecia nem procurou conhecer a tempo as opiniões responsáveis acerca da sua candidatura. Não tinha nem procurou ver se poderia ter o apoio desses sectores. Não se interessou por aferir da correcção da sua candidatura pela opinião e pelo consenso das forças democráticas.

O resultado está à vista: a candidatura Pintasilgo não tem o consenso daquelas forças e sectores essenciais para uma vitória democrática. Nem de Eanes e dos eanistas, nem dos socialistas opostos a Mário Soares, nem do PCP e do mo-



teve ou não a nosso ver o «perfil» exigível para o exercício do cargo, incluindo a correcta compreensão dos poderes e funções do Presidente. Para evitar qualquer equívoco, afirmamos mais de uma vez considerarmos a engenhreira uma democrata. E, numa atitude respeitosa, centrámos o esclarecimento da nossa atitude dizendo que «o candidato melhor pode não ser o melhor candidato».

Mas considerámos e insistimos em afirmar que era uma candidatura «precipitada». «Precipitada» porque lançada e impulsionada sem ter em conta factores essenciais para poder ser avaliada com possibilidades de êxito e de vitória.

Considerando como consideramos que as eleições presidenciais de 26 de Janeiro constituem uma batalha que pode ser de vida ou de morte para o regime democrático; considerando como consideramos que para a derrota dos candidatos da direita são necessários o consenso e a convergência num só candidato da democracia, dos apoios e votos dos sectores democráticos fundamentais, não po-

vimento operário e democrático em que o PCP se insere.

Ora a derrota dos candidatos da direita e a vitória de um candidato da democracia, são superiores a quaisquer outras considerações.

Melhor que a posição da «irreversibilidade» de uma candidatura sem querer saber das opiniões das forças democráticas mais importantes, parece-nos elevada marca do «perfil» de um candidato da democracia a prontidão a examinar com as diversas forças democráticas as perspectivas de luta e de vitória e em consequência a eventual prontidão a considerar patrioticamente a sua desistência a favor de uma outra candidatura democrática, que se revele com maiores possibilidades de vencer.

Tudo isto explica as reservas do nosso Partido acerca desta candidatura e o considerarmos que estava a avançar, não como uma candidatura para a vitória, mas como uma candidatura para a derrota.

A dinâmica e certas declarações oriundas desta candidatura aumentaram as nossas reservas.



5. Como se caracteriza a candidatura de Francisco Salgado Zenha

A candidatura de Zenha é aquela que, à partida, aparece no caminho do consenso e da convergência — único caminho que pode assegurar a vitória de um candidato da democracia.

Os seus partidários dizem que esta candidatura visa «reforçar a maioria que elegeu o general Eanes em 1980». É uma ideia correcta no seu significado fundamental.

Não foi o nosso Partido que escolheu, ou indicou, ou preferiu Zenha como candidato. Mas, entre outros, sempre considerou Zenha como um dos candidatos possíveis e aceitáveis.

No X Congresso do nosso Partido foi definido como objectivo eleger um candidato da democracia que «(na linha da estabilização democrática prosseguida nos últimos mandatos presidenciais) dê garantias de defender o regime democrático, assegurar o funcionamento normal das instituições e fazer cumprir a legalidade democrática».

Naturalmente esta exigência está sempre presente no nosso espírito.

E que não nos venham alguns falar da biografia de Zenha e das suas posições e atitudes na política nacional, designadamente em relação ao nosso Partido e ao movimento operário. Ninguém duvidará de que conhecemos melhor a biografia de Zenha e as suas posições do que a imprensa de direita que julga lembrar-nos o esquecido.

Certamente estamos atentos também às opiniões do candidato Zenha tem expressado.

Sendo certo que outros eventuais candidatos que teriam talvez a nossa preferência não obtiveram o «consenso» necessário para assegurar a vitória, teria sido correcto comprometermo-nos com tais candidaturas? Teria sido correcto antecipar o apoio do Partido a um candidato democrático da nossa preferência?

Não, camaradas. Teria sido um erro imperdoável avançar tal apoio, comprometermo-nos com uma candidatura, sem que houvesse fortes elementos para julgar que essa candidatura teria também a aceitação dos outros sectores fundamentais, designadamente os sectores eanistas (com Eanes) e os sectores socialistas que não apoiam Mário Soares.

Se tivéssemos actuado de tal forma, teríamos ficado nós, os comunistas, amarrados a um candidato, e outros sectores fundamentais a outro ou outros. Seria a divisão inevitável das principais forças democráticas com a consequente derrota nas eleições presidenciais.

Por estas considerações se explica a necessidade de sublinhar que a candidatura de Zenha apareceu com aspectos que a situam no caminho do consenso e da convergência. Designadamente: primeiro, o apoio declarado de Ramalho Eanes e dos eanistas;



segundo, o apoio de importantes sectores socialistas; terceiro, a abertura ao movimento operário, popular e democrático no qual o PCP se insere.

Ao contrário das candidaturas de Freitas, Soares e Pintasilgo, lançadas já há anos, a candidatura de Zenha só agora aparece, já à beira do período eleitoral. O caminho para a vitória exige sem dúvida um grande esforço no curto período que resta.

É necessário que os importantes apoios a Zenha já anunciados se concretizem num empenhamento mais aberto, directo, divulgado e dinâmico, num alargamento unitário das estruturas de apoio, e numa acção que toque os mais vastos sectores do eleitorado.

É necessário que, pela nossa parte, levemos os nossos esforços até ao extremo limite das possibilidades, para que o campo democrático concentre os seus votos num só candidato da democracia, aparecendo Zenha como o único que oferece condições para tal.

É necessário travar esta batalha com elevado espírito democrático e cívico, procurando evitar criar fracturas entre os apoiantes de Zenha e os apoiantes de Pintasilgo, antes procurando ganhar todo o campo democrático para a consciência de que a convergência dos apoios e dos votos de todos os democratas é indispensável para derrotar os candidatos da direita e eleger um candidato da democracia.

6. Qual o significado da convergência de ataques dirigidos a Zenha?

O primeiro facto a assinalar é que os mais violentos ataques da reacção e de Mário Soares concentram-se, não contra Pintasilgo, mas contra Zenha.

É uma evidência, que, **tanto os partidos e os sectores reacconários, como Mário Soares e a sua candidatura, consideram o candidato Zenha o inimigo n.º 1 nas eleições presidenciais.**

No combate a Zenha se juntam Adriano Moreira e o CDS, Jardim e o PSD, Soares e os seus apoiantes e propagandistas.

Eles, que há 10 anos procuram destruir a democracia de Abril com um «frentismo» de direita, acusam Zenha de «candidato frentista», de ser um instrumento da «estratégia frentista delineada pelo PCP», de representante da «esquerda totalitária».

7. Quais as características e os objectivos da intervenção do PCP na batalha das presidenciais?

A apresentação da candidatura de Ângelo Veloso é em si mesma uma afirmação de que o PCP não é uma força que vá a reboque de quaisquer outras forças políticas; não é um instrumento de qualquer política alheia aos seus objectivos fundamentais; não é uma muleta de quaisquer planos ou projectos políticos ou pessoais.

A apresentação da candidatura de Ângelo Veloso é em si mesma uma afirmação de que **o PCP tem uma palavra a dizer nas eleições presidenciais, além do mais porque sem o apoio do PCP não há consenso democrático e não é possível derrotar os candidatos da direita e assegurar a vitória de um candidato da democracia.**

Nas eleições presidenciais, como em qualquer outro aspecto da sua acção, o nosso Partido, consciente da sua força e do seu papel, não actua entretanto com objectivos estreitos, sectários, tendo como finalidade prioritária o proveito partidário dos acontecimentos. Não. Nas eleições presidenciais, como em qualquer outro aspecto da sua acção, o nosso Partido actua para servir o povo, para servir o País, para servir a democracia.

Nesta batalha das presidenciais, o PCP é uma força disponível, podemos mesmo dizer a mais poderosa força disponível, para contribuir para o consenso, a convergência e a unidade de todas as forças democráticas.

Mas só quem ignore inteiramente o que é o nosso Partido, pode admitir que somos um Partido que se pode deixar arrastar para apoios incondicionais.

Por si mesma, a candidatura de Ângelo Veloso tornou claro: por um

Vindos de onde vêm estes ataques nada têm de surpreendentes.

Mais surpreendentes (e isto tem de dizer-se) são os ataques a Zenha desencadeados pela candidatura Pintasilgo.

Contraditoriamente, por um lado, para afastar de Zenha o eleitorado do PCP, apontam Zenha como anticomunista e, por outro lado, um, repetindo Freitas e Soares, acusa Zenha de ser «candidato do PCP» e outro, António Brotas, acusa-o de depender «em absoluto» do apoio do PCP («DN», 29.11.85).

Ainda outro, Eduardo Lourenço, repetindo Soares, acusa-o de ser um candidato «para lado do PS» quando a verdade é que a política de direita e de aliança com a direita é a responsável pela queda vertical do PS e o abandono dessa política de direita é o único caminho que se oferece ao PS como partido democrático.

Mas deixemos os ataques da candidatura Pintasilgo a Zenha para nos fixarmos ainda sobre a atitude da reacção em geral e de Soares em particular.

Qual a razão que leva a reacção, toda a direita, Mário Soares e a sua candidatura, a serem tão amáveis e mesmo cordiais para com Pintasilgo e a sua candidatura e tão ferozes para com Zenha e a sua?

Qual a razão que leva Soares a incitar Pintasilgo a que «resista às grandes pressões que lhe fazem e vá até ao fim»?

Uma única explicação se afigura válida.

Isso sucede porque Soares e Freitas necessitam que Pintasilgo não desista, e que consiga o número suficiente de votos do campo democrático de forma a impedir Zenha de ter na primeira volta mais votos que Soares.

Isso sucede porque Zenha — tendo como tem o apoio de Eanes e dos eanistas, de parte do PS e acabando por ter, como é previsível, o apoio do PCP e do movimento operário, popular e democrático em que o PCP se insere — **é o único candidato da democracia em condições de derrotar os candidatos da direita e de ganhar as eleições.**

lado, que o PCP mantém o pleno direito de concorrer às urnas e votar num candidato comunista para a Presidência da República e de ajudar ele próprio se estão ou não preenchidas as condições para uma desistência e o apelo ao voto noutro candidato; por outro lado tornou claro que **esta candidatura faz parte da batalha em que o PCP está empenhado (séria e profundamente empenhado) em contribuir até ao extremo limite das possibilidades para que se alcance a convergência dos apoios e dos votos num só candidato da democracia logo à primeira volta.**

Resulta dos factos que nenhuma outra força política dá mais elevadas mostras do sentido das suas responsabilidades e dos seus deveres para com o povo e para com a democracia.

Ao contrário das acusações de certos comentadores, a candidatura de Veloso não é uma candidatura de divisão mas uma candidatura inspirada pelo objectivo da unidade dos democratas.

A unidade dos democratas exige semelhante compreensão das suas responsabilidades e deveres por parte dos outros sectores democráticos. Exige que cada qual ponha acima dos

projectos próprios o objectivo da vitória aferido pelas possibilidades reais. Exige assim, conforme sublinha a Tese VI submetida à discussão desta Conferência Nacional, que candidatos da democracia que não têm os apoios necessários para vencer compreendam que o melhor serviço que podem fazer à democracia é desistir a favor do candidato que dispõe deles.

A batalha que travamos e travaremos pelo consenso, pela convergência, pela unidade, é uma batalha de esclarecimento e convencimento. Implica necessariamente o debate de ideias e o confronto de opiniões. Pela nossa parte **tudo faremos para evitar que desse debate e confronto resultem rupturas ou fracturas no campo democrático.**

A convergência dos democratas é não só indispensável para uma vitória democrática nas eleições presidenciais como será ulteriormente indispensável para uma alternativa democrática.

A convergência num só candidato da democracia logo à primeira volta seria a mais elevada expressão da consciência política no campo democrático e o mais promissor indicativo de que o futuro democrático do País está assegurado. ■



Soares com estudantes do ISE

Ó doutor, isso é para o computador?

Chegou, todo de azul, e disse que queria fazer um «discurso com densidade». Fê-lo — e com tanta, que pôs os estudantes presentes a morrer aos 60 anos, todos os portugueses a andar calçados, o País cheio de automóveis e antenas de televisão, o ensino universitário reservado a elites, a falência como dinamizador económico, o Churchill a ser, tal como ele, um tipo genial apesar de burro. Além disso ensinou economia a finalistas da especialidade, declarou que o dinheiro não é elástico, desejou sair vivo dum jantar com mulheres, datou as oportunidades perdidas de prosperarmos à suíça e transitarmos à espanhola e viu a esquerda e a direita a dobrar, apesar de só ter bebido água. Afirmou ainda muitas outras coisas, concluindo o prodígio de falar sempre de frente, dizendo quase sempre coisas ao lado. De fora. Das questões postas, é claro. (Mas como é que diabo já descobriram que falamos de Mário Soares, em plena exibição «presidencial»?... Sois uns manganões, ó leitores!!! Agora até nem dão tempo que se comece, com algum suspense, uns apontamentos de reportagem...).

Explicuem-nos, então.

Aproveitando um encontro entre o dr. Mário Soares e os estudantes do Instituto Superior de Economia de Lisboa, promovido pela respectiva Associação, concretizámos trans-anteontem (a data possível, na nossa agenda de trabalho) o projecto de apreciar ao vivo — e por uma vez — uma sessão eleitoral deste prodigioso candidato à Presidência da República. Não saímos desiludidos: o homem é sempre um portento. E então foi assim.

O anfiteatro estava à cunha e Soares sentado numa mesa ao fundo. Um membro da Associação de cada lado oficializava o acto — meia dúzia de apoiantes aos cantos particularizava o candidato. O resto era multidão ruidosa com alguns Freitas ao peito. Todavia fez-se silêncio quando o orador se levantou para a exposição inicial. Sem microfone (que não havia). Mal da garganta (o que não se notou, felizmente).

«Não gosto de fazer comícios, onde só vão simpatisantes», confessou, mas «desta vez não estou a pregar a convertidos e sim a convertidos de outros credos». Os Freitas-ao-peito — únicos «credos» à vista — aplaudiram, no que constituiu a solitária, mas nem por isso menos comvente, sintonia da sessão. E Soares entrou a fundo na exposição, após anunciar que «uma campanha eleitoral tem sempre alguma paixão» e advertir que se preparava para fazer «um discurso que tenha suficiente densidade». Olá, se leve!

Limiar extremamente

A «exposição inicial» alinhou no terreno com as seguintes ideias gerais: o Presidente da República estabilizador-da-vida-nacional, a revisão da Constituição salto-democrático-que-acabou-com-o-CR, instabilidade política que não-deu-as-reformas-que-se-esperavam (ficando de fora as «reformas» que não se esperavam e deram-instabilidade-política) e ainda a

libertação da instabilidade-financeira-crónica, a-bênção-da-CEE, o «extremo»-do-Freitas e Soares-enquanto-fronteira. Talvez por sofrerem de excesso de densidade, estas ideias não conseguiram emergir até à superfície do auditório — cujo, cumprimente-se, nem assim desistiu de ouvir a pé firme e silêncio mole. Apercebendo-se do facto (o homem é um instintivo), Soares atacou a fundo com algumas pérolas:

«Se perdermos os créditos da CEE, não teremos outra oportunidade antes do ano 2000!», tonitrou, esquecendo-se que estava mal da voz. A malta, népia — afogou logo os créditos em silêncio. Ai o orador resolveu adensar a fundo: «Não é por mim, que estou no limiar da 3.ª idade — coisa extremamente desagradável!». Elevou o dedo e o braço e perguntou, com recorte shakespeariano: «Qual é a minha expectativa de vida?» Ele próprio respondeu: «dez, quinze anos!». Mas «e a vossa expectativa de vida? anda pelos 40, talvez 50 anos!». Foi o delírio. O riso ondulou na sala, enlaçou-se com a vozearia, subiu ao tecto da gargalhada quando alguns começaram a gritar «queremos viver mais! queremos viver mais!». Soares, desorientado, virava-se para os dois jovens da Associação que o ladeavam (os seus biógrafos dão-no como duro de ouvido) e quando lhe explicaram o motivo da algarria, sorriu. Amplamente. Mais uma vez os seus vastos recursos faciais lhe valeram na emergência, acalmando a tempestade, esperando que comessem as perguntas.

O discurso que derruba

Antes das perguntas, Soares ainda teve oportunidade de lembrar que «hoje é moda dizer-se que a divisão entre a esquerda e a direita tem pouca importância, mas na verdade não tem tão pouca importância como isso». Pois não. Por isso a malta ri-se, não sabemos se por causa da moda, propriamente, se por se

lembrar que o autor dessa moda foi o próprio dr. Mário Soares. Onde eles se riram a valer foi quando o orador começou a ver a esquerda e a direita a dobrar, garantindo que havia duas de cada. O gozo foi tanto que chegou ao aplauso e Soares tratou logo de se passar para uma confusão onde esquerdas e direitas, em duplicado, andavam aos pulos dos dois lados de uma «fronteira» chamada Mário Soares. Uma alegria! Mas foi com ar sossegado que o palestrante aguardou as questões.

Foram doze, ao todo, e de nenhuma se pode dizer que tivesse sido pacífica, afeiçoada à brisa do discurso: exceptuando a última sobre Macau e Timor (onde não se pôs directamente em causa o orador), todas questionaram, com maior ou menor acutilância, o comportamento político do próprio Mário Soares.

A primeira quis saber em quem votaria Soares, no caso de Zenha e Freitas passarem à 2.ª volta. «Qualquer resposta me deixaria em posição desfavorável», argumentou, «e não vai esperar que seja você a deixar-me em tal posição». Coisa finaça, a que acrescentou umas preciosidades sobre o «confronto dos extremos» (o homem sofre de complexo de ponta), a ameaça dos comunistas, as tragédias nacionais e as sondagens fabricadas... pelos outros.

Não há ninguém descalço

A segunda pergunta («Se a estabilidade é necessária ao desenvolvimento, qual o caminho para tal desenvolvimento») teve resposta já completamente delirante («A função do PR é apoiar qualquer Governo e não derrubar os regularmente com discursos do 25 de Abril!», clamava já com os dois indicadores no ar, tipo còbri sem pistolas), enquanto a terceira envolveu um pormenor que merece ir para o outro lado do subtítulo.

No início das perguntas, o jovem que dirigia os trabalhos impôs que os inquiridores se identificassem pelo nome. Soares, com o tal sorriso que passa por ser bonacheirão e um adejar paternal com a mão, obtemperou: «Delxe lá! Se não quiserem dizer o nome, não digam! Estamos num debate democrático!». Estariam, só que à terceira pergunta («A fome e os salários em atraso cresceram no seu Governo. Agora, na campanha presidencial, já fala em soluções. Como é isso?»), não se sabe se por um acesso de densidade se por crise de claudicância, Soares reagiu assim:

«Como não disse o nome, tenho de designá-lo por colega dos anteriores intervenientes (o moço identi-

ficou-se de imediato, mas o orador já não lhe pegou no nome, ao contrário do que fez a todos os outros) e deve saber que eu desde 1942 que sei que há fome em Portugal. No meu tempo via bandas de rapazes descalços — hoje não há ninguém descalço em Portugal. Está tudo cheio de automóveis e antenas de televisão, até nos balços de barracas, onde aliás hoje fui, concretamente ao Bairro Chinês. São coisas que um Governo não pode resolver em meses ou num ano ou dois. É preciso o consenso. A UGT já avançou uma proposta para dinamizar todas as energias do País. Quanto aos salários em atraso — uma coisa revoltante — são fruto de empresas falidas que ninguém teve a coragem de encerrar. Ora a falência é importante para que a concorrência se faça!».

Foi, talvez, o seu ponto mais baixo: viu-se forçado a utilizar o triplo das palavras para fugir à questão — fragilidade, aliás, que não mais se repetiu, é justo reconhecer. Ainda perdeu as estribelhas, mas não voltou a abusar do verbo: só da verve.

Churchill e os «ursos»

Quando à dificuldade de conciliar, numa segunda volta, a «necessidade de apelar aos votos da esquerda quando, na primeira, o faz à direita», desdenhou-a Soares com a afirmação de que não anda a pedir votos a ninguém, «como ainda hoje disse à BBC de Londres» (portanto não foi à de Estocolmo), arrasando todos com este desarrancando: «há gente da juventude centrista que me apola e os trabalhadores comunistas, como comunistas, não gostam de mim, mas como trabalhadores preferem-me a Freitas do Amaral». Um espanto!

Seguiu-se a questão de se saber se «sendo eleito, estaria de acordo com a revisão das leis de trabalho de Cavaco Silva», o que ele resolveu facilmente dizendo que «isso, primeiro, tem de passar na AR», enquanto a pergunta sobre que desenvolvimento é o dele, como PR, «se como 1.º ministro foi sempre apologistas da recessão» o fez perder as estribelhas. Recorrendo a imagens de médicos e tuberculoses, de bancarrotas e fuga do Freitas, liquidou a questão aos berros decidindo que «a sua pergunta não tem qualquer razão de ser». Nem os berros, reconheceria ele certamente para os seus botões, quando acalmou, dado que não mais os repetiu.

Alguém recordou então que um curso superior custa, ao estudante, qualquer coisa como mil contos e ainda por cima não há lugares nas faculdades nem, depois no mercado de emprego, «apesar do dr. Mário Soa-

res ter afirmado um dia destes que os estudantes do Ensino Superior são os mais privilegiados», ao que o nosso homem declarou que «é assim em todo o lado, o dinheiro não é elástico, cada estudante custa ao Estado 20 contos por mês, o ensino, no mundo democrático em que nos inserimos, é para certas elites, devem privilegiar-se os mais dotados, pois não vale a pena insistir com os que chumbam anos e anos».

Ai a sala rebentou em gargalhadas. Novamente Soares se desorientou, não percebia, voltou-se para os acompanhantes da mesa e soube o que todos sabiam: que exactamente o estudante que atenciosamente o coadjuvava no lado esquerdo da mesa, era célebre pelos seus sucessivos chumbos. E o impossível aconteceu: Soares, sempre solidário com os amigos (o jovem é da candidatura do Freitas), desatou a falar de si próprio, dizendo que nunca foi um «urso» (bom estudante, na gíria), andou sempre a rasar os 10 valores e até respondia ao pai, quando este o admoestava sobre os fracos resultados escolares: «o Churchill também teve sempre 10, nunca conseguiu um curso e é o que é!».

Ora toma!

Sair de lá vivo

Bom. Para encurtarmos razões, dado que, infelizmente, não dispomos de muito espaço para o dr. Mário Soares, diremos que o orador passou ao lado, com igual categoria, de questões como a antipatia açoreana para com a sua figura, a contradição da sua perspetiva pessoal a um democrata como Salgado Zenha e a «evidente simpatia por um indivíduo muito mais perigoso, politicamente, como é Freitas do Amaral» e o futuro de Macau e Timor, para nos atermos a só mais um episódio: o que ocorreu quando um estudante se levantou para, pausadamente, o acusar de «campeão da instabilidade, só que antes do 25 de Abril isso foi positivo, depois é que foi chato», lhe lembrar que «a pobreza é relativa, falar de miséria em 1942 vale tanto como divergar sobre as penúrias da Idade Média, fale antes da miséria aqui e hoje resultante da política dos seus Governos» e, finalmente lhe perguntar como é que ele, que «como 1.º ministro só soube dedicar-se à bancarrota, pode dedicar-se a outra coisa se for Presidente da República». Vale a pena transcrever o curto, quase-diálogo que se seguiu, embora Soares, sempre duro de ouvido, não apanhasse a maior parte dos apartes do seu interlocutor:

— Reconheço que pode estar desiludido. Sou capaz de ter frustrado os sonhos dele ou de amigos dele...

— Já me está a chamar comunista...

— Confusões que não são de pessoa de esquerda...

— Realmente para pessoa de esquerda é muito confuso...

— Não fui factor de instabilidade no antigo regime, lutei contra ele, no 25 de Abril, por outro lado, lutei contra a caça aos pides, sou pelos direitos humanos, em qualquer circunstância. Se em 1945, no fim da guerra, nos tivéssemos libertado, hoje seríamos prósperos como a Suíça; se em 1961, quando houve uma tentativa para derrubar o regime, o tivéssemos conseguido, a situação em Angola e Moçambique seria muito diferente; se em 1968, com Marcelo Caetano, as coisas tivessem corrido bem, teríamos feito uma transição à espanhola. Ora eu estive em todas essas lutas! Em 25 de Abril lutei contra uma nova ditadura! Se há fome em Portugal, como sempre houve, sou eu que tenho culpa disso?

— Tem, sim! Tem a culpa daquela que produziu...

— Não sabe o que está a dizer, o que é estranho para um economista quase licenciado...

— Ena, ena, viu-me hoje e já sabe muito de mim!

— Julga que isto é fácil?!..

— E não me respondeu a nada, caramba!

— Não, isto não é fácil, veja a Turquia!

E seguiu-se uma espectacular aula de economia aplicada, com tais baratinhos que a assistência ficou sem pio, pasmada, só batendo palmas, divertidíssima, quando o inesperado especialista em Finanças rematou assim:

— Erros? Quem não os cometeu, sobretudo quando se tomou a responsabilidade de pôr o País a flutuar?!..

Terminada a função, começou as despedidas. Num comvente esforço de fazer as pazes, o orador gracejou assim:

— Gostaria muito de ficar aqui convosco, mas tenho um jantar à minha espera, um jantar especial que muitos me invejarão. Imaginem que vou jantar só com mulheres!!! Espero sair de lá vivo!

O último aparte estragou tudo. A vaia gozada substituiu o riso dispendioso. E foi de pasta aviada que Soares ouviu o último aparte:

— O doutor: os nossos nomes também vão para o computador?!

O que sofre este candidato!

■ HC

À margem de uma campanha

Domingo, fim de tarde, a noite faz descer a temperatura e longas filas de carros voltam à capital, recolhendo famílias em passeio de inverno. Nos acessos da ponte, vindos do Sul, automóveis fazem brilhar as luzes vermelhas dos travões e esperam. Na Estrada Nacional 10, que vai dar a Caciilhas, o movimento também é a passo. Por aí se espera que a candidata Pintasilgo surja como aparição em dia nevoento. Na Cova da Piedade, junto ao pequeno cinema da Sociedade Recreativa, um ajuntamento formou-se. Lá dentro, algumas centenas de pessoas esgotam a lotação. Cá fora, mais umas dezenas perfazem a recepção à candidata. São 18 horas e trinta, tempo aprazado para o comício.

A pequena multidão move-se no ar frio. Mas não é de impaciência que se trata enquanto se espera a chegada da figura política que nesse momento deve impacientar-se numa fila de carros. Aproveita-se o tempo, conversa-se, formam-se pequenos grupos. De vez em quando passa um carro, com bandeiras e som a apaziguar os presentes: «a candidata está a chegar». Nesses momentos, as pessoas movem-se um pouco dos lugares, estendem pescoços, um pequeno grupo de indefectíveis pintasilgistas gritam «Pintasilgo!», e a calma volta, voltam as conversas.

Se alguém se esganica — «O PS não vota no Zenha à segunda volta!», «ela já cá estava antes!», isto passa-se entre os apoiantes, como se se esquecessem uns aos outros. O resto dos que aguardam a chegada têm a benevolência de um sorriso nas faces, vão esperando, querem ver e ouvir a própria, a dúvida ou a expectativa é que os mantém ali. E vão tecendo opiniões, trocando comentários, há um certo ar de família que uma toda essa gente e as opiniões diversas não os dividem agressivamente, 1976 já vai longe.

O perigo

Quem são? Alguns jovens andam numa reviravolta, com autocolantes no peito ou nos braços. São activistas UDP ou jovens bem postos e apressados. Alguns idosos, com ar sonhador de esperanças que nunca mais se concretizam. Alguns homens de ar contrafeito ou com ar decidido, vê-se um pouco de tudo. E mulheres de todas as idades.

Ao que vêm? Alguns apenas «vê-la», outros encontrar terreno propício ao debate. E não é no interior da sala que o esclarecimento das dúvidas começa. Nos grupos há já debate e falta ainda hora e meia de espera. É um debate de ideias, feito com serenidade. Passa um carro da candidatura de Zenha e abrem-se alas amáveis para a passagem.

«O pior é haver duas candidaturas», diz um, inclinado a votar Pintasilgo.

«Que está em causa é isso, é a divisão das forças de esquerda», diz outro. «O perigo é esse.»

«Desculpe, mas quem veio dividir foi ele, foi o Zenha, ela já cá estava. Eu acho que deviam era votar todos Pintasilgo.»

«Mas ouça lá, acha que isto é como se fosse uma bicha? Qualquer um chegava primeiro e dizia «agora votam em mim?»»

«Não é nada disso, que eu disse. Mas se ela é considerada democrata por todos, não vejo porque é que vão depois escolher outro.»

«Quer dizer que você pensa que a opinião dos partidos não conta? Olhe: se o PRD, o MDP e o PCP decidem apoiar o Zenha, quem é que divide os votos se mantiver uma candidatura? É o Zenha que tem hipóteses de ganhar, ou é a Pintasilgo?»

«Não sei. O que eu sei é que os comunistas vão votar num homem que esteve contra a unicidade sindical, que sempre foi contra os comunistas.»

«E a Pintasilgo? Esteve a favor da unicidade sindical? Olhe, não entremos nisso do passado das pessoas. Se não eu também lhe podia dizer que a engenheira foi da Câmara Corporativa e que foi no Governo dela que mataram o Caravela e o Casquinha. Não vamos agora falar disso. Vamos é falar de como é que se derrotam os candidatos da direita, o Freitas e o Soares.»

Fantasmas

Noutro grupo fala-se de Soares. São quatro homens, de certa idade, que ainda consideram Soares «um bom político», mas que cometeu erros. «O Zenha vai levar metade do eleitorado do PS», diz um. Os outros concordam, como se fosse uma fatalidade.

Inquietos, alguns jovens activistas, olham de soslaio os grupos que se formam e as conversas que se abrem. Mas a serenidade e o debate mandam. Passa um carro da candidatura de Zenha e abre-se alas amáveis para a passagem.

«O pior é haver duas candidaturas», diz um, inclinado a votar Pintasilgo.

«Que está em causa é isso, é a divisão das forças de esquerda», diz outro. «O perigo é esse.»

luxo de desperdiçar votos. Como pessoa de esquerda, vou votar no Zenha.»

«Mas como é que pode dizer que é desperdiçar votos se se escolher a Pintasilgo? E as sondagens não contam?»

«Quais sondagens?», interroga outro, «você acredita nas sondagens? Se acredita nas sondagens, então o Freitas ganhou, ou então ganhou o Soares. O que é verdade é que a Pintasilgo pode tirar aí umas centenas de milhares de votos à esquerda e levar um dos da direita para Belém.»

A questão dos apoios volta à colar-se. Os partidos estão contra ela, ou ela está contra os partidos? A candidata mostrará de novo o seu azedume contra os partidos quando falar do palco. São 19 horas e 45 minutos, eis que chega. Entre as pessoas aglomeradas há uma súbita correria, e um pequeno grupo grita as suas aclamações. Uma rapariga comove-se: «Mas que pessoa tão simples, agarrou-se logo ao povo!»

Espreitamos para dentro do cinema. Os oradores repetem palavras de campanha, a engenheira fala da liberdade de voto, insinua que é o PCP que pretende esvaziar a sua candidatura. Há aplausos frenéticos dos activistas e o fantasma de Otelo perpassa de novo entre os presentes. Mas é só um fantasma. Cá fora, a discussão continua.

«Eu acho que uma pessoa é livre de votar em quem quiser, se eu simpatiso mais com a Pintasilgo, voto nela. A segunda volta logo se vê.»

«O senhores, isso é se houvesse uma segunda volta assim. Se houvesse até eu depois votava nela contra o Soares ou contra o Freitas. Mas não é isso. Ou você pensa que a gente anda aqui a escolher fruta? Qual é o candidato mais doce? O que a gente está a escolher é a democracia. E se o Zenha é o que tem mais apoios ela devia era desistir. Só lhe levavam a mal o Mário Soares e o Freitas, eles é que querem que ela vá prá frente. Pra quê?»

«Para o Zenha não passar, já sei.»

«Ora aí está. Vote Zenha, homem, vote Zenha, que assim quem não passa é a direita.» ■ LM

Frases da campanha para ler ... e meditar

À medida que a data das eleições se aproxima, e para utilizar uma expressão eminentemente jornalística — a campanha «aquece». E ao calor dos entusiasmos juntam-se as afirmações acaloradas, sempre reveladoras de intenções e propósitos que noutras situações não viriam ao de cima, permitindo assim, por detrás das aparências descortinar os objectivos verdadeiros. Aqui deixamos à atenção do leitor algumas frases que testemunham isso mesmo, relativas, nomeadamente, às candidaturas de Mário Soares e M. L. Pintasilgo. Frases para ler, reler... e meditar.

O apoio de Bayão Horta (a Mário Soares) e as movimentações registadas em várias áreas da direita no sentido de apelarem ao voto no único candidato capaz de impedir que Zenha seja o próximo Presidente da República, trouxeram novo alento aos apoiantes do líder socialista...

(Semanário, 28/12)

Se for eleito Presidente da República apoiarei o prof. Cavaco Silva, não lhe criarei dificuldades suplementares (...) Tive mesmo uma conversa com ele depois das eleições de Outubro, que considero positiva, onde ficou desenhada uma faixa de convergência (...) Acho que, se eu perder, terá muito mais dificuldades no Governo e talvez mesmo no partido.

(Mário Soares ao *Expresso*, 10/1)

Há quem pense que é utópico pensar na vitória de Freitas do Amaral no dia 26; e, assim sendo, a melhor maneira de a direita se defender é votar de modo a garantir a passagem à fase decisiva do «menos mau» dos candidatos da esquerda.

(José António Saraiva, *Expresso*, 10/1)

(...) Assim, a liberdade para cada um se empenhar, ou na candidatura do dr. Mário Soares, ou na candidatura do professor Freitas do Amaral, permitiu que todos ficassem novamente de acordo no exercício da sua participação política. Salvou-se a necessária unidade do PSD madeirense, sem qualquer quebra de coerência. O próprio Governo Regional não hesitou em figurar em qualquer das duas candidaturas, através dos Secretários Regionais, enquanto tal presença não se vislumbra em Lisboa.

(Alberto João Jardim, *Tempo*, 10/1)

A vida de Soares vale um filme? Foi feito (...). Com a assinatura de António Pedro de Vasconcelos, Maria Barroso e Nuno Teixeira. Título: «O combate de uma vida». Artista convidado: marechal Spínola.

(Semanário, 10/1)

Para Mendes Bota (mandatário distrital de Freitas do Amaral no Algar-

ve), Mário Soares é o candidato mais próximo de Freitas do Amaral.

(Diário de Notícias, 10/1)

(...) À noite Soares jantou no Altis com comerciantes, aos quais explicou aspectos da actuação dos seus governos no plano económico. Houve afirmações de fé na sua candidatura. Radicais mesmo. Será o sentido daquilo que disse o presidente do Conselho de Administração da Empresa Pública «Diário Popular»: não votar em Mário Soares «é pelo menos uma estupidéz» (sic). Afirmando-se militante de base desde a primeira hora do PPD/PSD, disse Moreira Cruz: «e não sou capaz de perceber como é que um social-democrata pode optar por outro candidato».

(Diário de Lisboa, 13/1)

Embora Mário Soares afirme que é candidato de esquerda, eu considero-o candidato de centro-esquerda, pois de outro modo eu não estaria na candidatura.

(Manuel José Homem de Melo, *Tempo*, 10/1)

Se a direita portuguesa que não seja trauliteira, insultuosa, passadista, tiver o assomo de inteligência, então estou perfeitamente convencido que é capaz de preferir votar em Mário Soares a votar Freitas do Amaral.

(Manuel José Homem de Melo, *Tempo*, 10/1)

Freitas do Amaral tem de perceber que muita gente próxima de Sá Carneiro não está com ele, mas comigo.

(Mário Soares em Coimbra, *Diário de Notícias*, 13/1)

É evidente que a haver segunda volta é preferível que os opositores sejam Freitas do Amaral-Mário Soares, porém, e como muito bem referiu José Miguel Júdice, para que Mário Soares seja vencido por Freitas do Amaral. Só por este motivo e por mais nenhum.

(Vitor Fonseca, *Correio da Manhã*, 11/1)

A social-democrata Helena Roseta disse ontem à NP que a sua presença



na cerimónia de inauguração da sede concelhia de Cascais da candidatura de Mário Soares «teve um significado de cortesia».

(A Capital, 8/1)

Quanto às eleições presidenciais, a grande incógnita respeita ao sector próximo de Francisco Balsemão/João Salgueiro, que parece inclinar-se para apoiar Mário Soares e não Diogo Freitas do Amaral, candidato oficialmente escolhido pelo partido (...) Entre outros nomes que poderiam vir a pronunciar-se publicamente pelo apoio ao ex-secretário-geral do PS seria Miguel Veiga, do grupo de F. Balsemão/J. Salgueiro.

(Semanário, 4/1)

De azul vestidos («marketing» a quanto obrigas...) os dois candidatos à Presidência da República, Mário Soares e Freitas do Amaral, apresentaram-se ontem frente às câmaras de

televisão, com fatos iguais na cor, diferenciando apenas nas gravatas (...).

(A Capital, 10/1)

Quero sublinhar aqui, nesta terra, que se trata de uma candidatura (a de Salgado Zenha) para dividir o PS.

(Freitas do Amaral em Peso da Régua, *Diário de Notícias*, 14/1)

A candidatura da engenheira Maria de Lourdes Pintasilgo tem «uma certa implantação genuína». É «autêntica».

(Mário Soares no último dos debates organizados pelo Sindicato dos Jornalistas, *Diário Popular*, 9/1)

O que constato do comportamento de Lourdes Pintasilgo é humanamente isto: tem mérito e tem coragem.

(Paulo Portas, *Semanário*, 10/1)

Lourdes Pintasilgo merece a consideração que Zenha não merece.

(Paulo Portas, *Semanário*, 10/1)

Se houver segunda volta e se, por absurdo, ela for entre o dr. Salgado Zenha e a eng.ª M. L. Pintasilgo, eu votaria Pintasilgo.

(Ribeiro e Castro, figura destacada da ala freitista do CDS, *Diário de Notícias*, 9/1)

Pese embora o catastrofismo de alguns, os quatro candidatos credíveis à Presidência da República são políticos experimentados pelo que não é de esperar que da eleição de qualquer um deles resulte, por si só, qualquer perigo de instabilização do regime democrático (...) Isto significa que não há qualquer razão desesperada para votar a favor de um ou outro candidato. Não temos felizmente de votar contra ou a favor da democracia.

(Boaventura Sousa Santos, membro da Comissão Política da candidatura de M. L. Pintasilgo, *O Jornal*, 10/1)

O Governo Cavaco Silva «parece-me um governo dinâmico e com um grau de eficácia que é uma surpresa agradável perante a estagnação da vida portuguesa».

(M. L. Pintasilgo ao *Expresso*, 10/1)

Penso que é notório que a eng.ª Maria de Lourdes Pintasilgo e eu somos os únicos candidatos que revelam no discurso político uma sensibilidade muito especial aos problemas das categorias mais desfavorecidas que existem hoje na sociedade portuguesa.

(Freitas do Amaral ao *Expresso*, 10/1)

«Contra-atacar nos bastiões do PCP é palavra de ordem de Pintasilgo» (...) «Aplausos vibrantes encham a praça (...) parecem dissipar o medo de que M. L. Pintasilgo sempre fala nestas localidades (de maioria APU): «Não se deixem amedrontar, deixem o vosso coração falar»».

(Diário de Notícias, 14/1)

Naturalmente que se a candidatura de Lourdes Pintasilgo se mantiver até ao fim, e se houver entre os dois (Zenha e Pintasilgo) uma disputa do eleitorado comunista, sairei de algum modo beneficiado.

(Mário Soares ao *Expresso*, 10/1) ■

a TV

Mais um escândalo a juntar a outros...

Num país tão fértil em escândalos como o nosso, fazia falta mais um. E como fazia falta, para compor o ramalhete, ele aí está e chama-se IVA...

O ministro das Finanças foi à televisão para esclarecer e afinal... não esclareceu coisa nenhuma. Garantir que não se trata de «um novo imposto» mas de «um imposto novo», pode ser cómico, mas não tem graça nenhuma...

O que permaneceu bem claro, foi o seguinte: nenhuma obrigação da CEE impunha para já a aplicação do «imposto novo». Depois, o Governo é o primeiro a confessar que não tem possibilidades de fiscalizar a aplicação do IVA! Ou seja, um governo impõe medidas de que não assume a responsabilidade!

Isto quer dizer, muito simplesmente, que, onde não existe verificação do cumprimento da lei, se passa a viver segundo... a lei da selva!

É isso o que está sucedendo por todo o lado. Intermediários, grossistas, especuladores de toda a ordem, enchem a mula, aumentam lucros de forma escandalosa. Tudo acaba por recair sobre os trabalhadores, sobre o povo em geral com menor poder de compra e de defesa!

Deverá entender-se como piada de muito mau gosto a afirmação de que o IVA não fará aumentar a inflação e não agravará as nossas condições de vida...

Ou seja: fazem o mal e ainda por cima querem gozar connosco. Não tarda nada que a televisão comece a dizer que o IVA é um grande benefício para o povo português.

Talvez o Soares se lembre disso na campanha dele...

O aviso, a esperança, a responsabilidade

... E aí temos o regabofe de direita das presidenciais. O Soares, ao ritmo da «Pompa e circunstância» garante, jura pela sua rica saudinha, que é democrata. O Freitas também é democrata. O Soares diz que é da «esquerda democrática» e diz que tem muita simpatia pelo Freitas porque ele é da «direita democrática». O Freitas avança que o dr. Soares é uma pessoa muito simpática mas que, quando estava no governo, não fez tanto como podia ter feito. O Soares replica que «ora essa, fez muito, muito mais do que quando o Freitas estava na Aliança Democrática — e enumera algumas das suas conquistas, por exemplo, a deslimitação dos sectores, a Banca privada e até (sério, a expressão é dele!) «o escândalo dos contratos a prazo» e «por aqui já nós podemos ver qual dos dois é mais da direita», esta era a conclusão que pretendia que os outros tirassem, sem que ele directamente explicitasse. E agora que o Soares é «muito democrata» e que o Freitas «é muito democrata» lá andam eles num virote, o Soares mais discreto a almoçar e a jantar, de facto a presença do povo não lhe agrada muito, ele não se sente muito à vontade ao pé dos trabalhadores a quem tanto prejudicou e a quem tanto ofendeu, o Freitas lá anda nos meios de gente fina, de chapelinho na cabeça, muito ridículo, a dançar a rumba, aos pulos, com a imensa cicatriz da maioria silenciosa estampada no rosto. Lá anda o Soares hipócrita a lembrar os tempos mortos de uma juventude destruída, enquanto, a propósito, em cena lancinante de má telenovela, há quem deite lágrimas de crocodilos...

Meus senhores! Passou o tempo da demagogia e da mentira. O povo português sofreu na sua carne as consequências de uma acção política que Freitas e Soares personalizaram. Para vencer a ambos, há só um caminho: o da unidade, a unidade que foi o autêntico motor do 25 de Abril.

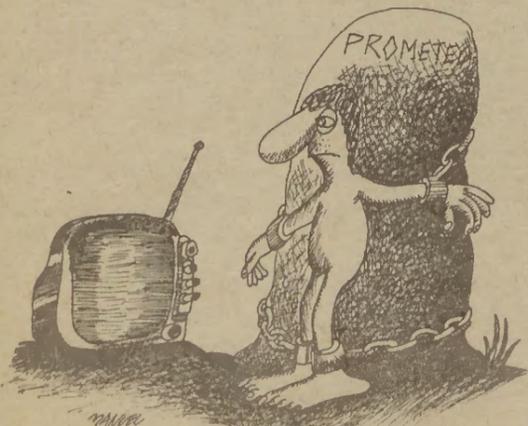
Essa pedagogia, esse esforço para a unidade tem sido o mérito maior da campanha na TV a cargo de Ângelo Veloso. As suas palavras «A unidade não pode esperar pela segunda volta...» ficaram na memória das pessoas.

Como um aviso.

Como uma esperança.

Como uma chamada à responsabilidade que pesa sobre os ombros de todos.

Ulysses



Síntese semanal da IMPRENSA

Recortes da campanha

A batalha já teve início. A vitória dos democratas é indispensável para o prosseguimento do Portugal de Abril.

A unidade do voto democrático no candidato capaz de vencer é a raiz dessa vitória.

Soares ao vivo: viva a divisão dos democratas!

• «Merecedor de muita atenção é também o que o sr. Mário Soares diz sobre os entendimentos pré-eleitorais que já iniciou com o sr. Cavaco e Silva.

«Tive mesmo uma conversa — confidencia — com ele (...) onde ficou desenhada uma faixa de convergência». «Se for eleito Presidente da República — antecipa — apoiarei o professor Cavaco e Silva, não lhe criarei dificuldades suplementares». Não disfarça: «acho que se eu perderá muito mais dificuldades no Governo e talvez mesmo no partido».

(...)

A leitura desta entrevista ao «Expresso» será igualmente muito útil para aqueles sectores do eleitorado democrático que porventura ainda não compreenderam a importância decisiva do voto na candidatura Zenha. O sr. Mário Soares também sobre o assunto falou desinibidamente. Chamou mais uma vez genuína à candidatura da sr.^a Lourdes Pintasilgo e qualificou de perigosa a do sr. Salgado Zenha. Perigosa para quem? Para ele e, portanto, para a direita.

Naturalmente que — confesso — se a candidatura de Lourdes Pintasilgo se mantiver até ao fim e se houver entre os dois uma disputa do eleitorado comunista sairei de algum modo beneficiado.»

(«O diário», 14. Janeiro)

«O Dia» puxa as orelhas ao «Times»!

• «Na imprensa britânica reina, ao que parece, uma certa confusão: o «Times», geralmente bem informado, resolveu publicar fotografias de Zenha e de Manuela Eanes, como se se tratasse de uma candidatura de «primeiro plano»»

(«O Dia», 14. Janeiro)

Os sonhos do Diabo

• «Prometo, quando for eleito Presidente, tratá-lo apenas por Diogo.

(Vera Lagoa, «O Diabo», 14. Janeiro)

• «Quem navega em águas calmas e potencialmente vitoriosas é Freitas do Amaral. A sua campanha tem uma dinâmica de vitória e um sentido inovador. No bom estilo americano, a tentar consolidar no terreno as vitórias que conseguiu nos argumentos e nos debates políticos.

(...)

a liderança social-democrata considera possível que o resultado das presidenciais conduza, indirectamente, a novas eleições legislativas.

Em caso de vitória de Freitas do Amaral esse cenário é tido cada vez por mais provável, visto que estariam finalmente criadas as condições para relançar a AD, mas com uma força susceptível de conferir à coligação uma confortável maioria parlamentar.»

(BT, «O Diabo», 14. Janeiro)

A unidade é o caminho

• «O candidato presidencial do PCP, Ângelo Veloso, acusou Freitas do Amaral e Mário Soares de quererem «eternizar» a direita no Poder» e afirmou que os seus projectos «são em tudo coincidentes».

Para Ângelo Veloso ambos se candidatam «não para procurarem resolver os grandes proble-

mas nacionais mas para agravá-los ainda mais. O seu objectivo — sublinhou o candidato — é conquistar a maioria na Assembleia da República não pelos votos mas através da alteração da legislação eleitoral».

O candidato do PCP disse ainda que quer um quer outro «sabem que se forem eleitos vão ter que jurar a Constituição» mas, apesar disso, «já na campanha dão claras indicações de que não vão cumpri-la».

Em declarações prestadas à Anop no final da sua digressão pelo Algarve, Ângelo Veloso referiu-se aos outros dois candidatos — Lourdes Pintasilgo e Salgado Zenha — dizendo que existem divergências de opinião entre o PCP e qualquer um deles mas, conforme sublinhou, nestas eleições o importante é saber «quem tem condições para derrotar Mário Soares e Freitas do Amaral».

O candidato do PCP acrescentou que ao contrário de Salgado Zenha, Lourdes Pintasilgo «não conseguiu reunir apoios de forças democráticas fundamentais para vencer. Para nós, comunistas, sublinhou Ângelo Veloso, seria natural que preferíssemos um candidato comunista mas temos que nos unir todos para encontrar o caminho da unidade para a vitória».

(«O diário», 14. Janeiro)

As GUERRAS ESTRELAS das ilusões e perigos



Uma resposta clara e objectiva às seguintes perguntas:

- Quais os verdadeiros objectivos dos planos das «guerras das estrelas» em elaboração nos EUA?
- Quais as posições da URSS e dos EUA em relação à utilização do espaço exterior?
- Quais as consequências para os povos de todo o mundo da «iniciativa de defesa estratégica» apresentada pelo presidente dos EUA?



Tem-se visto muito por aí o estardalhaço em cartazes, autocollantes e faixas, abundantemente colocados pelos indefectíveis apoiantes de Pintasilgo — em geral activistas da UDP. Esta foto, porém, mostra que para cada terra a sua imagem. Em Olhão, a engenheira apresenta-se pobrezinha e clama contra o preço a que está o cartaz. Para reforçar a imagem, a sua fotografia surge em fotocópia. O painel foi sugestivamente colocado sob um sinal que proíbe virar à esquerda...

Barracas...

Mário Soares promete. E com o descaramento que o caracteriza e o levou a aparecer na televisão como se tivesse sozinho ganho a Segunda Guerra Mundial — só faltaram as imagens dele amarinhando o Reichstag e a receber a rendição dos nazis — apareceu em bairros de barracas a prometer... acabar com elas! Sem vergonha, o candidato de si próprio — e da mulher —, que acena à direita para receber

votos e agora também à esquerda para que não o deixem voltar a Nafarros de mãos a abanar, foi dizer no bairro de barracas que isto é uma vergonha. Sem vergonha afirmou também que isto com a Europa vai...

A «nossa»

Enquanto Soares insiste no apoio de vários sectores do PSD à sua candidatura, o político-industrial-governante Eurico de

Pontos Cardeais

Melo grita em Braga, dirigindo-se a Freitas do Amaral: «A sua candidatura é a nossa candidatura, a sua vitória é também a nossa vitória». Registe-se, por agora, a declaração eufórica do dirigente do PSD. Quando chegar a hora da verdade, e se Freitas for derrotado, virá o ministro de Cavaco dizer também que a derrota de Freitas foi a **nossa derrota?** «Nossa», quer dizer do Governo Cavaco e do PSD? Aguardemos.

Tão poucos...

Depois de ouvir no bairro lisboeta de Campo d'Ourique expressões como «levou-me o voto três vezes, mas não me volta a enganar», o candidato Mário Soares teve uma recepção «especial» por parte dos trabalhadores dos CTT e da Carris, na zona de Cabo Ruivo. A reportagem do **Diário de Notícias** é elucidativa: «... foram poucos aqueles que o quiseram ver e cumprimentar. Tão poucos, que Soares foi almoçar alguns minutos mais cedo».

Dificuldades

«Estamos com enormes dificuldades financeiras, que nos obrigam a tentar fórmulas não usuais para as vencer», dizia-se, em meados do mês passado, numa carta-convite do MASP assinada por António Campos e enviada a diversas personalidades. Segundo se verificava pela continuação da leitura da carta, as «fórmulas não usuais», afinal, não eram senão um pouco imaginativo «jantar com o objectivo de angariar fundos». Só que... Só que a cartinha terminava com

a seguinte informação: «O preço mínimo de inscrição é de dez mil escudos ou seus múltiplos». E segundo se veio a saber mais tarde, o «jantar» rendeu cerca de 10 mil contos... Um pequeno(?) pormenor(?) que ilustra bem o carácter de classe de uma campanha e de uma candidatura...

Olhos nos olhos

«Estou aqui não apenas para a campanha eleitoral, mas porque gosto de olhar olhos nos olhos o povo português». Isto terá sido, segundo a prosa de um jornalista, uma declaração da candidata Pintasilgo. A prosa é quase hipnótica e o prosador deixa-se enredar no «apelo emocional» da campanha. Fica-se entretanto sem saber o que terá andado a candidata a fazer durante estes anos todos — e não só nos muitos meses de campanha — que não teve tempo de olhar nos olhos o povo português. Terá olhado para onde?

A campanha, nesta fase final, ao mesmo tempo que revela com mais clareza a debilidade de argumentos da candidata, faz vir à tona o seu azedume contra os comunistas. Fala de «libertar o Alentejo», fala, em zonas de concentração APU, no «medo» e convida os trabalhadores a «não se deixarem amedrontar». Há quem tenha medo dos comunistas e do PCP e quem também procure agitar o PCP como o papão. Conversa velha. Nem essa, nem as promessas de resolver o desemprego, nem o meter no mesmo saco as candidaturas todas, nem a «corrente de comunicação» que procura estabelecer furtando-se às posições claras, chegarão para, «olhos nos olhos», hipnotizar o eleitorado democrático.

Gazetilha

por Ignotus Sum

I
Ao Soares dou o meu...
e o trabalhador sem querer
chegado aqui suspendeu
a frase que ia dizer.
Dou-lhe o meu... e de repente
numa irritação de peso
acabou mais secamente:
Dou-lhe o meu maior desprezo!

II
A gente sabe que o Freitas
rimou sempre com maleitas.
Do 25 de Abril
ele gosta... com caril.
Aquele riso serôdio
cheira a mofo, cheira a ódio.
Quando ele fala aos seus tais,
há um toque de punhais...

D. Soares é obra:
juntou-se a banha de cobra
com a arte de mal-querer:
ele conseguiu fazer
o que a Direita não fez.
Não pode ir lá outra vez.
Sua política louca
cheira muito mal da boca.
E sobre a Democracia
tem ele um conceito novo:
tagatés para a burguesia
e chicote para o povo...

Um ou outro, pois então,
está fora de questão.
A um ou a outro já
ninguém sério o voto dá.
Quem é do povo ou que tem
o povo dentro do peito
sabe que é preciso e bem
vencê-los do mesmo jeito.

III
Para os vencer de verdade
há só um meio: a unidade.
Ilusão é frustração
não se jogue na candura.
Povo não quer aventura
mas quer organização.
Demagogia é um isco
que volta a ressuscitar.
Não lutamos por um risco:
lutamos para ganhar!



Agenda

Avante!

Ano 53 - Série VII
N.º 629
16 de Janeiro de 1986
4.º Caderno
Não pode ser vendido
separadamente

Quinta 16

LISBOA

Álvaro Cunhal em sessão-debate com jovens na Casa do Alentejo. 21.30.

COIMBRA

Ángelo Veloso na cidade de Coimbra: encontro com a imprensa no Restaurante Silvano (Av. Fernão de Magalhães) às 11.00. Às 13.00, almoço com estudantes e jornalistas da campanha na República Kimbo dos Sobas.

AVEIRO

Ángelo Veloso: encontro com a imprensa regional, à tarde,

no Salão Cultural de Aveiro. Às 21.30, sessão-debate no mesmo local.

PORTO

Na Faculdade de Engenharia e com a participação do gen. Vasco Gonçalves, debate sobre «As presidenciais e a situação política».

Sexta 17

BRAGA

Sessão-debate na Escola Secundária D. Maria II com a participação do camarada Álvaro Cunhal. Às 21.30.

SERPA

Sessão-debate na Casa do Povo, às

21.30, com Ángelo Veloso.

LISBOA

Às 15.00, sessão de esclarecimento sobre as eleições presidenciais no Centro de Dia da UPPSS à Al. D. Afonso Henriques com a participação do camarada António Cordeiro.

Sessão de esclarecimento na Bibl. dos Operários e Empregados da Sociedade Geral, às Janelas Verdes, com a participação do camarada Octávio Telxeira.

Sábado 18

PORTO

Comício no Teatro Rivoli, às 15.00, com o

camarada Álvaro Cunhal.

COIMBRA

Às 21.30, comício no Pavilhão dos Olivais.

Jantar-convívio em Palheiros - Torres do Mondego com a participação de Álvaro Cunhal. Às 19.30.

PIAS

Ángelo Veloso: encontro com os trabalhadores de uma UCP às 10.00.

ÉVORA

Sessão-debate no Teatro Garcia de Resende, às 16.00, com Ángelo Veloso.

O camarada Ángelo Veloso participará ainda, no distrito de Évora, num almoço-convívio a realizar na UCP de Agular (Viana do Alentejo), às 13.00, e numa sessão-debate no Cinema de Campo Maior às 21.30.



Terça 21

COIMBRA

Domingos Abrantes, às 18.00, no Rancho de Coimbra, em encontro com trabalhadores subordinado ao tema «As presidenciais e os problemas dos trabalhadores».

Zita Seabra: Jantar com estudantes universitários na República Rosa Luxemburgo, e sessão de esclarecimento, às 21.30, na Casa do Povo de Condeixa.

SOURE

Sessão de esclarecimento, às 21.30, na sede do Desportivo, com Domingos Abrantes.

PORTO

Ángelo Veloso: Conferência de Imprensa no CT da Boavista às 15.00; às 18.00, encontro-debate com professores na Faculdade de Ciências do Porto; às 21.30, sessão-debate na Escola Preparatória de Rio Tinto (Gondomar).

Quarta 22

LISBOA

Comício do PCP no Pavilhão dos Desportos com a participação dos camaradas Álvaro Cunhal e Ángelo Veloso. Às 21.30.

FIGUEIRA DA FOZ

Sessão-comício às 21.30 com o camarada Octávio Pato.

COIMBRA

Zita Seabra: visita ao Hospital Pediátrico e encontro com os seus trabalhadores às 11.00; a partir das 13.00, visita a empresas têxteis; às 18.00, encontro com mulheres no Rancho de Coimbra: «As mulheres e a unidade dos democratas para a vitória da democracia».

MONTEMOR-O-VELHO

Sessão de esclarecimento, às 21.30, no Teatro Ester de Carvalho, com a participação de Zita Seabra.

LISBOA

Almoço-debate no CT de Santos, às 12.30, com Abílio Martins.

PAÇO D'ARCOS

Sessão de esclarecimento, às 15.30, na Escola Primária Dionísio Matias, com o camarada Gorjão Duarte.

TORRE DA MARINHA

Debate com professores do distrito de Setúbal sobre as eleições presidenciais. Participação do camarada Manuel Gusmão. Às 15.00, no Independente Futebol Clube Torrense.

Domingo 19

SANTIAGO DO CACÉM

Álvaro Cunhal participa num almoço-convívio no Casão. Às 13.00.

MELIDES

Comício na Casa do Povo, 15.30, com Álvaro Cunhal.

GRÂNDOLA

Às 17.30, sessão de esclarecimento com a participação de Álvaro Cunhal no Sport Clube Grandolense.

BARREIRO

Com Álvaro Cunhal, sessão-debate, às 21.30, nos Penicheiros.

Segunda 20

VIANA DO CASTELO

O camarada Ángelo Veloso visita os Estaleiros de Viana do Castelo e terá um encontro com as ORT's da empresa às 14.00; encontro com a imprensa regional, às 18.00, na Junta de Freguesia de Monserrate; pelas 21.30, Ángelo Veloso participa numa sessão-debate no Salão dos Bombeiros de Viana do Castelo.

Álvaro Cunhal

HOJE
Debate com jovens
na Casa do Alentejo
21.30 h

DOMINGO
No Tempo de Antena
na RTP 1
20.30 h

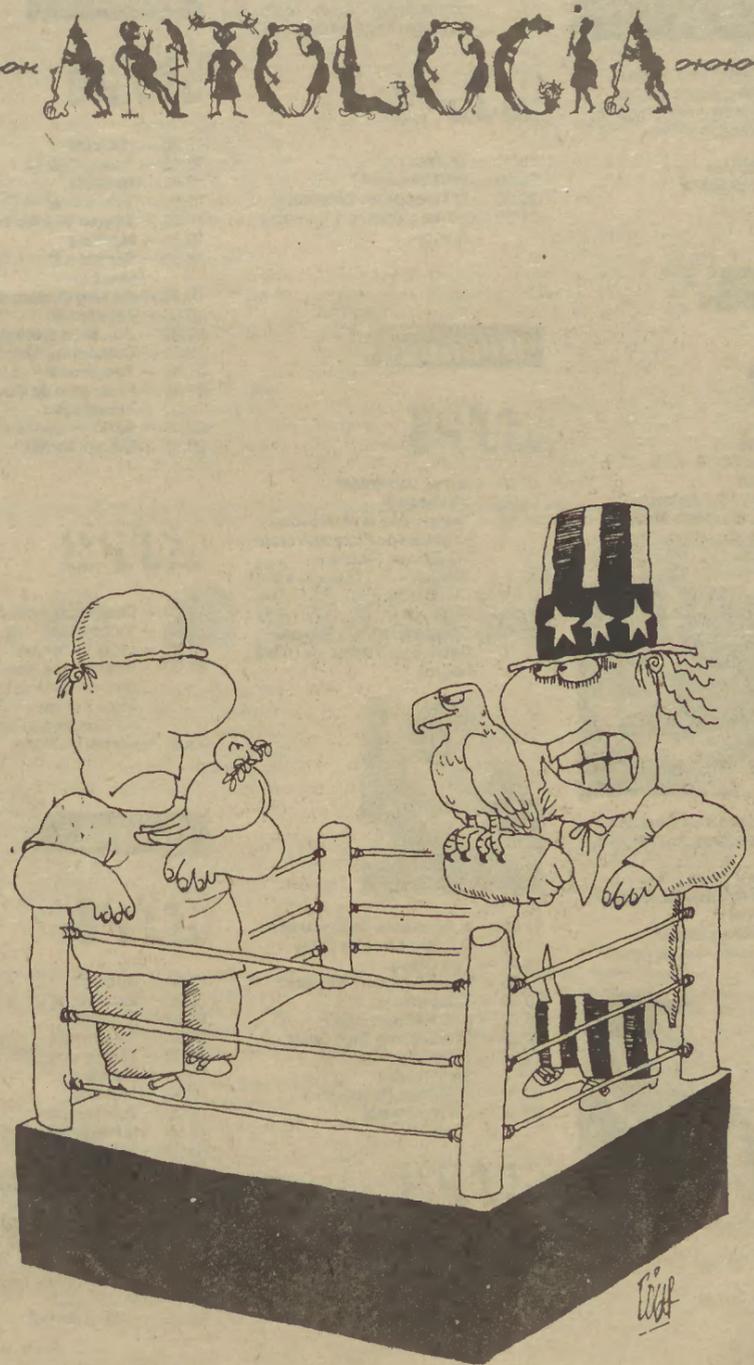


Unir
os Democratas
para a Vitória
da Democracia



Ángelo Veloso

Hoje em Coimbra e em Aveiro.
Amanhã em Serpa.
Sábado em Pias, Viana do Alentejo, Évora e Campo Maior.
Segunda-feira em Viana do Castelo.
Terça-feira no Porto.



SANCHEZ, Roger, cartoonista do jornal «Barricada», Órgão Central da Frente Sandinista, in «Catálogo da Partisan Gallery», de Toronto

TV **O Programa**

Quinta
16
RTP1

- 12.00 — Notícias
- 12.05 — Espaço 12/13
- 12.45 — Notícias
- 13.00 — Notícias
- 13.00 — Telenovela: «Origens», 75.º Epis.
- 18.00 — Tempo dos Mais Novos: «As Aventuras de Marco Polo»
- 18.35 — Notícias
- 18.55 — Curso de Inglês: «Follow Me»
- 19.20 — Desporto
- 19.55 — O Livro Grande de Petete
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Bol. Meteorológico
- 20.35 — Telenovela: «Louco Amor», 138.º Epis.
- 21.30 — Actual: Presidenciais/86
- 22.30 — Série: «Crime, Disse Ela»
- 23.30 — Último Jornal

RTP2

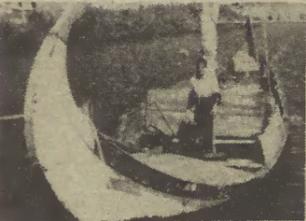
- 19.30 — Desenhos Animados
- 20.00 — Conheça Melhor



- 20.30 — Série: «Homens de Boa Vontade», adaptação do romance de Jules Romains, real. François Villiers, 1.º Epis.
- 21.40 — Da... Música
- 22.30 — Jornal da Noite

Sexta
17
RTP1

- 12.00 — Notícias
- 12.05 — Espaço 12/13
- 12.45 — Notícias
- 13.00 — Telenovela: «Origens»
- 18.00 — Tempo dos Mais Novos: «Animação» (Bugs Bunny)
- 18.30 — Notícias



- 18.50 — As Origens e os Costumes: Os Cardadores de Vale de Ilhavo
- 19.15 — O Mar e a Terra
- 19.55 — O Livro Grande de Petete
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Bol. Meteorológico
- 20.35 — Telenovela: «Louco Amor»
- 21.20 — Europa



- 21.55 — Série: «Walleberg», 1.º Epis.
- 23.00 — Série: «Golden Girls», 1.º Epis.
- 23.30 — Último Jornal

RTP2

- 19.30 — Desenhos Animados: «Ferdý»
- 20.00 — Enquanto é Tempo
- 20.30 — Espaço Jazz: Cascais Jazz/84
- 21.30 — Directo/2
- 22.30 — Jornal da Noite

Sábado
18
RTP1

- 11.30 — Tempo dos Mais Novos: incluindo «Jornalinho»
- 14.00 — Rugby: Torneio das Cinco Nações (transmissão directa do jogo Inglaterra-País de Gales)
- 15.45 — Desenhos Animados
- 16.10 — Panorama
- 16.35 — O Dia em Que o Mundo Mudou
- 17.35 — Fame
- 18.20 — Museu do Louvre
- 19.15 — Parlamento
- 19.45 — Totoloto
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Bol. Meteorológico
- 20.35 — Série: «Rabo de Saia»
- 21.15 — Aplauso



- 22.20 — Série: «A Caminho da Esperança»
- 23.15 — Último Jornal
- 23.30 — Sábado Especial: «A Vida Íntima de Um Casal», real. Maurice Pialat (França/1973)

RTP2

- 18.30 — Troféu
- 20.00 — RTP/Brasil
- 20.30 — O Tempo das Catedrais
- 21.30 — Série: «A Sombra da Velha Arvore»

Domingo
19
RTP1

- 10.30 — Missa Dominical
- 11.20 — 70 Vezes 7
- 11.50 — Tempo dos Mais Novos: «Fábulas da Floresta Verde», «O Sítio do Picapau Amarelo», «O Maestro e a Companhia»
- 13.05 — TV Rural
- 13.40 — Tempo dos Mais Novos
- 15.10 — Sessão da Tarde: «A Tulipa Negra»



- 17.00 — A Amazônia de Cousteau
- 17.45 — O Outro Lado da Crise
- 18.40 — Top Disco
- 19.35 — Como? Quem? Porquê?
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Bol. Meteorológico
- 20.30 — Crónicas de Bem Dizer
- 21.00 — Telefilme: «Conflito Sentimental»
- 22.30 — Domingo Desportivo
- 23.30 — Último Jornal

RTP2

- 19.30 — Novos Horizontes
- 20.00 — Adágio
- 20.30 — Nós Por Cá
- 21.30 — Cine-Clube: «Quando os Sinos Dobram»

Segunda
20
RTP1

- 12.00 — Notícias
- 12.05 — Espaço 12/13

- 12.45 — Notícias
- 13.00 — Telenovela — «Origens»
- 18.00 — Tempo dos Mais Novos
- 18.35 — Notícias
- 18.50 — Desportivamente
- 19.15 — Azulejos de Arte Portugueses — «Os Azulejos do Renascimento»
- 19.55 — O Livro Grande de Petete
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Bol. Meteorológico
- 20.35 — Campanha Eleitoral
- 21.05 — Telenovela — «Louco Amor»
- 21.45 — Concurso 1, 2, 3
- 23.45 — Último Jornal.

RTP2

- 19.30 — Desenhos Animados



- 19.50 — Folclore
- 20.30 — Comédia à Moda Antiga
- 23.00 — Jornal da Noite.

Terça
21
RTP1

- 12.00 — Notícias
- 12.05 — Espaço 12/13
- 12.45 — Notícias
- 13.00 — Telenovela — «Origens»
- 18.00 — Tempo dos Mais Novos
- 18.35 — Notícias
- 18.50 — Século XX — «A China em Marcha»
- 19.55 — O Livro Grande de Petete
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Bol. Meteorológico
- 20.35 — Campanha Eleitoral
- 21.05 — Telenovela — «Louco Amor»
- 21.45 — Programa da Direcção de Informação
- 22.45 — Série — «Chefes», 1.º Epis.
- 23.35 — Último Jornal.

RTP2

- 19.30 — Desenhos Animados
- 20.00 — Videopolis
- 20.25 — Falar de Macau
- 21.00 — Sessão das Nove — «Os Amores de Uma Loira», real. Milos Forman (Checoslováquia/1965)
- 23.00 — Jornal da Noite.

Quarta
22
RTP1

- 12.00 — Notícias
- 12.05 — Espaço 12/13
- 12.45 — Notícias
- 13.00 — Telenovela — «Origens»
- 18.00 — Tempo dos Mais Novos
- 18.35 — Notícias
- 18.50 — Tránsito
- 19.20 — Telemundo
- 19.55 — O Livro Grande de Petete
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Bol. Meteorológico
- 20.35 — Campanha Eleitoral
- 21.05 — Vamos Jogar no Totobola
- 21.20 — Telenovela — «Louco Amor»
- 22.00 — Noite de Cinema — «O Homem de Alcantraz», real. John Frankenheimer (EUA/1962)
- 23.35 — Último Jornal.

RTP2

- 19.30 — Desenhos Animados
- 19.50 — Mulher a Mulher
- 20.30 — A Experiência Migrante
- 21.30 — Foi Éxito na TV — Paco Bandeira
- 22.30 — Jornal da Noite.

Livros

«Almanaque do Poder Local 1986», editorial Caminho, Lisboa

Livros há que são para adquirir em certas ocasiões, ou pelo menos, que caem bem em determinadas quadras. Contos de Natal, por exemplo. Mas não é destes que vamos hoje falar. O livro que melhor acerta na data é, como não podia deixar de ser, aquele para o qual a data é o cerne da sua existência: o almanaque. E este que vos apresentamos hoje, almanaque que é, tem mais uma razão a juntar ao seu lançamento. Trata-se do «Almanaque do Poder Local 1986», mesmo a calhar no início de mais um ano de calendário e de mais um mandato para as autarquias do nosso País.

Para além das informações úteis de qualquer almanaque que se preza — e mesmo das curiosidades que fazem deste género de publicações uma atracção — o «Almanaque» agora editado quer ser mais do que isso. Quer ser «um instrumento útil que levanta pistas para o conhecimento de questões essenciais entrecruzadas no universo global do Poder Local», como se escreve na apresentação do livro.

Realizado com a colaboração de muitos especialistas da área do Poder Local, este livro «oferece informações globais que facilitam ao responsável num município ou freguesia pensar no relacionamento que existe com outros municípios, outras regiões, com todo o país».

Dirigido, portanto, aos responsáveis autárquicos — que são largas dezenas de milhar — o almanaque, no que respeita a público, pode e deve ir mais longe. Aí se colige uma ampla informação de que o cidadão comum carece, e pela qual se interessa — desde a divisão administrativa do país a indicadores gerais que qualquer agenda que se preza traz — clima, economia, população, dados eleitorais, etc.

Cada mês apresenta-se com um tema tratado sumariamente mas com abundância de informação. Temas que, na maior parte dos

casos, se referem ao tempo em que se oferecem à leitura, já que um almanaque não é para devorar, mas para ir lendo à medida que os dias se sucedem, e estes completam meses, estações, o ano inteiro desvendando-se. O mês, entretanto, aparece com a sua própria informação útil.

Por exemplo:

Quem diz Janeiro, diz planeamento. E o planeamento aparece nas suas várias facetas ligadas ao Poder Local — a sua importância, processo, participação; os problemas da regionalização, da descentralização administrativa, da cooperação intermunicipal.

Gestão, diz Fevereiro, e quem diz gestão, em termos de autarquias, diz administração, plano de actividades, gestão de recursos, processos de trabalho.

Março surge e vem a cultura — da tradição e da monografia à animação cultural.

E estamos na Primavera — surge Abril, comunicação, informação das populações, meios de informar e de divulgar. Maio começa no 1.º de Maio — problemas dos trabalhadores, tradições do trabalho e tradições populares. Junho — desenvolvimento económico.

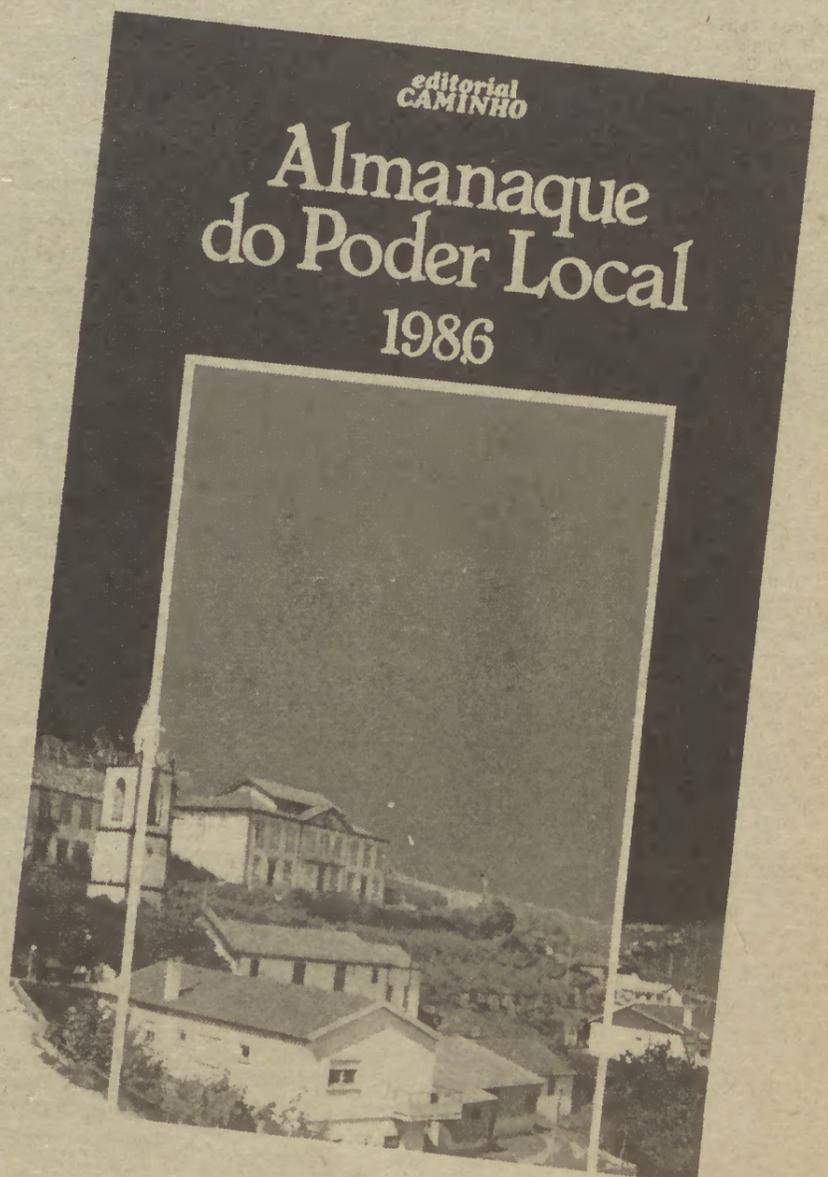
O Verão chega. Julho — Legislação sobre o Poder Local; Agosto — Desporto. O Verão acaba. Setembro — Ensino. E os seus problemas todos, desde o transporte escolar aos vários graus de ensino, suas experiências e suas esperanças.

Com as chuvas chega o Outono e Outubro — tratemos então de recursos hídricos; da rede viária, de todas as questões que se prendem com a água, quer ela caia do céu quer não caia. E depois Novembro, falemos de equipamento básico e de urbanismo.

Dezembro, o fim do ano cumpre-se. É tempo de falar de finanças, tempo de balanço, de preparação do ano novo.

Mas não nos adiantemos.

Este é o ano de 1986, o Almanaque de que falamos é de agora.



Cinema A selecção

Exposições

		António Durão	David Lopes	Manuel Machado da Luz	Manuel Neves	Paulo Torres
A	A Casa e o Mundo	★★★★★	★★★★	★★★★	★★★★	—
B	Cocoon	★	—	★★	—	★★
C	Cotton Club	★★★★★	★★★★	★★★★★	★★★★★	★★★★★
D	A Floresta Esmeralda	★★★	—	★★	—	★★
E	Os Goonies	★★	—	★★	—	★★
F	A Honra dos Padrinhos	★★★★	★★★	★★★★	★★★★	—
G	Movimento em Falso	—	★★★★	★★	—	—
H	Nome: Carmen	—	★★	★★★	★★★	—
I	Regresso ao Futuro	★★	★★	★★	—	★★
J	Silverado	★★★	★★★	★★★	—	—

Arqueologia Industrial, «Um Mundo a Descobrir, um Mundo a Defender». Visitas guiadas, 3.^{as}, 4.^{as}, 5.^{as} e dom./10 às 17; 6.^{as} e sábados até às 21 horas. Na antiga Central Tejo, em Belém (até Maio).

Azulejos, colectiva (Bual, Palolo e outros). Oficina 59, R. S. João da Mata, 59.

Bartolomeu Cid, gravuras recentes. Gal. 111, Campo Grande, 113-A. De 2.^a a 6.^a/10.00 às 13.00 e 15.00 às 19.00; sáb./10.00 às 13.00. (Últimos dias).

Colectiva de Artes Plásticas, Espaço APU-Alvalade, Av. Roma, 100.

Colectiva (Almada, Bual, Pavia, Pomar, etc.). Gal. Príncipe Real, Pç. Príncipe Real, 32. Das 13.00 às 22.00 (até 18/1).

D'Assumpção, pintura e desenho. Gal. de Exposições Temporárias da Fund. Gulbenkian. De 3.^a, a sáb./15.00 às 19.00; dom./10.00 às 17.00.

Escultura Africana em Portugal. Museu de Etnologia, Av. da Madeira ao Restelo. De 3.^a a dom./10 às 12.30 e 14 às 17.

«Fernando Pessoa, o Último Ano», documental. Biblioteca Nacional de 2.^a a 6.^a, 10 às 20; sáb./9 às 13.00, até fim Fev.^o

Graça Morais, «O Erótico e o Sagrado» — pintura. Livraria da Imprensa Nacional, R. Marquês Sá da Bandeira, 16. De 2.^a a 6.^a/15.00 às 19.00.

Grafismo e Ilustração nos Anos 20-30. Galeria de Exposições Temporárias do CAM,

«Murmúrios», colectiva de pintura. Atelier 15, R. Freitas Gazu, 24-D. De 2.^a a 6.^a/18 às 22.00, sáb./15.00 às 19.00 (até 29/1).

«Os Reis Magos», obras das colecções do Museu de Arte Antiga, Janelas Verdes. (Últimos dias)

«Pintura Naíve», colectiva. Casa da Imprensa, R. da Horta Seca, 20. De 2.^a a 6.^a/10.00 às 20.00 (até 27/1).

«Os Reis Magos», obras das colecções do Museu de Arte Antiga, Janelas Verdes. (Últimos dias)

«Pintura Naíve», colectiva. Casa da Imprensa, R. da Horta Seca, 20. De 2.^a a 6.^a/10.00 às 20.00 (até 27/1).

«Os Reis Magos», obras das colecções do Museu de Arte Antiga, Janelas Verdes. (Últimos dias)

«Pintura Naíve», colectiva. Casa da Imprensa, R. da Horta Seca, 20. De 2.^a a 6.^a/10.00 às 20.00 (até 27/1).

«Os Reis Magos», obras das colecções do Museu de Arte Antiga, Janelas Verdes. (Últimos dias)

«Pintura Naíve», colectiva. Casa da Imprensa, R. da Horta Seca, 20. De 2.^a a 6.^a/10.00 às 20.00 (até 27/1).

«Os Reis Magos», obras das colecções do Museu de Arte Antiga, Janelas Verdes. (Últimos dias)

«Pintura Naíve», colectiva. Casa da Imprensa, R. da Horta Seca, 20. De 2.^a a 6.^a/10.00 às 20.00 (até 27/1).



Houve aqui um edifício que foi a Galeria de Arte Moderna

Vestir 1955-85 e Traje Romântico. Museu Nac. do Traje, Palácio do Monteiro-Mor ao Lumiar. 3.^a a Dom/10 às 17.

José Augusto, pintura. Gal. Harmonie, Centro Comerc. Amoreiras (até 31/1).

José Pádua, pintura. Gal. Igoper, Av. Gomes Pereira, 103.

Júlio Pomar, pintura. Gal. 111, Campo Grande, 113-A. De 2.^a a 6.^a/10.00 às 13.00 e 15.00 às 19.00; sáb./10.00 às 13.00. (Últimos dias)

Manuel Gargaleiro, cerâmica. Gal. S. Mamede, R. Esc. Politécnica, 167.

«Murmúrios», colectiva de pintura. Atelier 15, R. Freitas Gazu, 24-D. De 2.^a a 6.^a/18 às 22.00, sáb./15.00 às 19.00 (até 29/1).

«Os Reis Magos», obras das colecções do Museu de Arte Antiga, Janelas Verdes. (Últimos dias)

«Pintura Naíve», colectiva. Casa da Imprensa, R. da Horta Seca, 20. De 2.^a a 6.^a/10.00 às 20.00 (até 27/1).

«Os Reis Magos», obras das colecções do Museu de Arte Antiga, Janelas Verdes. (Últimos dias)

«Pintura Naíve», colectiva. Casa da Imprensa, R. da Horta Seca, 20. De 2.^a a 6.^a/10.00 às 20.00 (até 27/1).

«Os Reis Magos», obras das colecções do Museu de Arte Antiga, Janelas Verdes. (Últimos dias)

«Pintura Naíve», colectiva. Casa da Imprensa, R. da Horta Seca, 20. De 2.^a a 6.^a/10.00 às 20.00 (até 27/1).

«Os Reis Magos», obras das colecções do Museu de Arte Antiga, Janelas Verdes. (Últimos dias)

«Pintura Naíve», colectiva. Casa da Imprensa, R. da Horta Seca, 20. De 2.^a a 6.^a/10.00 às 20.00 (até 27/1).

«Os Reis Magos», obras das colecções do Museu de Arte Antiga, Janelas Verdes. (Últimos dias)

«Pintura Naíve», colectiva. Casa da Imprensa, R. da Horta Seca, 20. De 2.^a a 6.^a/10.00 às 20.00 (até 27/1).

«Os Reis Magos», obras das colecções do Museu de Arte Antiga, Janelas Verdes. (Últimos dias)

«Pintura Naíve», colectiva. Casa da Imprensa, R. da Horta Seca, 20. De 2.^a a 6.^a/10.00 às 20.00 (até 27/1).

«Os Reis Magos», obras das colecções do Museu de Arte Antiga, Janelas Verdes. (Últimos dias)

«Pintura Naíve», colectiva. Casa da Imprensa, R. da Horta Seca, 20. De 2.^a a 6.^a/10.00 às 20.00 (até 27/1).

«Os Reis Magos», obras das colecções do Museu de Arte Antiga, Janelas Verdes. (Últimos dias)

- A — Real. Satyajit Ray — Quarteto/2 (14.00, 16.30, 19.00, 21.30) — Lisboa.
- B — Real. Ron Howard — Hollywood/2 (14, 16.30, 19, 21.30, 24.00), Las Vegas/1 (15.30, 18.45, 21.45), S. Jorge/2 (14.30, 16.45, 19.00, 21.45) — Lisboa.
- C — Real. Francis Ford Coppola — Alfa/2, (13.45, 16.15, 18.45, 21.15, 23.45), Apolo 70 (14, 16.30, 19, 21.30, 24), Nimas, (14, 16.30, 19, 21.30) Quarteto/1 (14, 16.30, 19, 21.30) — Lisboa.
- D — Real. John Boorman — Alfa/3 (14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15) — Lisboa.
- E — Real. Richard Donner — Ávila (14.45, 17, 19, 21.30), Terminal (13.00, 15.00, 17.00, 19.00, 21.30) — Lisboa.
- F — Real. John Huston — Condes (14.00, 16.30, 19.00, 21.30), Las Vegas/2 (15.15, 18.30, 21.30), Londres (14.00, 16.30, 19.00, 21.30) — Lisboa.
- G — Real. Wim Wenders — Quarteto/4 (15.00, 17.00, 19.00, 21.30) — Lisboa.
- H — Real. Jean-Luc Godard — Quarteto/3 (15.00, 17.00, 19.00, 21.30) — Lisboa.
- I — Robert Zemeckis — Alfa/1 (14, 16.30, 19, 21.30, 24), Amoreiras/1 (14, 16.30, 19, 21.30, 24), Gemini (14, 16.30, 19, 21.30), S. Jorge/1 (15.30, 18.30, 21.15) — Lisboa.
- J — Real. Lawrence Kasdan — Amoreiras/3 (14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15), 7.^a Arte (14.45, 17, 19.10, 21.45) — Lisboa.

Classificação de ★ a ★★★★★

Teatro O Cartaz

LISBOA

Casa dos Tabuenes, R. Poais de S. Bento, 75. De 4.^a a sáb./21.45. **Tutankamon e a sua Rainha**, de Adolfo Gutkin, enc. Isabel Pacheco — Grupo de Teatro Maizum.

Comuna, Pr. de Espanha, De 3.^a a sáb. 21.30; dom. 17.00; **Amadis**, de Abel Neves, enc. João Mota.

Maria Vitória, Pq. Mayer. **Não Batam Mais no Zezinho**, de H. Santana, Nicholson e Zambujal, enc. H. Santana. De 3.^a a Dom./20.30 e 22.45; Dom. e feriados também às 16.30.

Nac. D. Maria II — Sala Experimental, De 3.^a a sábado, às 21.45, sábado e domingo às 16.30 h **A Caça ao Snark**, de Lewis Carroll, enc. Teresa Garcia Fernandes.

Soc. Guilherme Cossoul, Av. D. Carlos I, 61, 1.^o — 6.^a e sáb./21.30. **O Rei da Vela** de Oswald de Andrade, enc. Hermi-

nio Fernandes — Grupo de Teatro Amador da G. Cossoul.

Teatro ABC, Pq. Mayer. De 3.^a a sáb./21.45, sáb./20.30 e 23, dom/16.00 e 21.45. **Arsénico e Rendas Velhas**, de Joseph Kesselring, enc. Carlos César.

Teatro Aberto, Pr. de Espanha. De 3.^a a sáb., 21.45; dom., 16.00. **Tu e Eu**, de F. Karl Waechter, enc. João Lourenço.

Teatro Ibérico, R. de Xabregas, 54. De 3.^a a sáb., às 21.30, Dom., às 17. **Bodas de Sangue**, de Federico Garcia Lorca, enc. Blanco Gil.

Teatro do Século, R. do Século, 41. Sáb./21.30; dom/17.30; **Embalagem Perdida**, de Vera Feyder, enc. Ricardo Marques. — 6.^a/21.30; sáb./17.00; **As Artimanhas de Scapin**, de Molière, enc. Rogério de Carvalho.

Teatro Villaret, Av. Fontes Pereira de Melo. De 3.^a a

Sáb./21.30, Dom. 16.00 e 21.30. **Pouco Barulho**, de Michael Frayn, enc. Varela Silva.

Variedades, Pq. Mayer. De 3.^a a dom./21.45, sáb./16.00. **Um Coronel em Dois Actos**, adapt. Francisco Nicholson, enc. Varela Silva.

PORTO

Teatro, Casa de Teatro do TEAR, R. do Heroísmo, 86. De 3.^a a sáb./22.00, dom./17.00. **O Último Baile em Casa do Sr. Cunha**, de Júlio Dinis, adapt. e enc. Castro Guedes.

Teatro do Campo Alegre, R. do Campo Alegre. De 3.^a a Dom./21.45; Dom. e feriados /16.00. **Os Amorosos da Foz**, de Camilo Castelo Branco, enc. Norberto Barroca — Seiva Trupe.

Teatro dos Modestos, R. Gonçalo Cristóvão — De 3.^a a sáb./21.30, dom/17.00 e 21.30; **Don Juan de Zorilha**, enc. Moncho Rodrigues — Grupo «Os Comediantes».

TEP — Sala Estúdio, R. do Pinheiro, 4. De 4.^a a sáb./21.30; sáb. e dom/16.00. **Teatro de Cordel**, seis farsas do séc. XVIII, adapt. e enc. Mário Viegas.

SETÚBAL

TAS — Teatro de Animação de Setúbal. 6.^a, sáb., dom. e 2.^a, 21.30. **O Menino de Sua Mãe**, textos de Fernando Pessoa, música de Carlos Curto, enc. Carlos César e Carlos Curto.

Para crianças

LISBOA

A Barraca, R. Alexandre Herculano, 70. Sáb e dom. 15.30. **O Mãe Deixa-me Ir Ver as Outras Mães**, enc. Ana Mourato — Grupo Joana.

Casa da Comédia, R. S. Francisco de Borja, 24, às Janelas Verdes. Sáb. e dom/16.00. **A Banda do Chico da Holan-**

da, texto de Chico Buarque inspirado nos contos dos irmãos Grimm, música de Chico Buarque, enc. Filipe La Féria.

Comuna, Praça de Espanha, Sáb. e Dom/15.00. **Os Cágados** texto de Almada Negreiros. Adpt. e enc. João Brites — Grupo de Teatro «O Bando».

Salão das Furnas, R. Raul Carapinha. 3.^{as}, 5.^{as}, 6.^{as}/11 e 13.30. **Bola de Sabão**, enc. Mário Jorge — Grupo os Papa-Léguas.

TIL, R. Leão de Oliveira, 1, ao Calvário. Sáb., dom. e feriados/15.00; **Gaileu**, de José Jorge Letria, enc. Kim Cachopo.

PORTO
Audatório da Árvore, R. Azevedo de Albuquerque. 6.^a/21.30, sáb./15.30 e 18.00, dom/15.30. **O Palhaço Verde**, de Matilde Rosa Araújo e Alberto Heinemans, enc. Robert Merino — Grupo Art'Imagem.

...e ainda Música, debates, etc.

Música

Temporada Gulbenkian
Dia 16/21.30 e dia 17/18.30 — **Orques-**



tra Gulbenkian, maestro Ivan Fischer, violinista Boris Belkin: Haydn, Sibelius, Mendelssohn — Grande Auditório de Lisboa.
Dia 19/16.30 — **Concerto de órgão** por Joaquim Simões da Hora — Sé Patriarcal de Lisboa.
Dia 20/18.30 — **Tenor Kurt Equiluz**, pianista Margit Fusi: obras de Schumann, Brahms, Joseph Marx — Grande Auditório
Dia 22/18.30 — **Concerto de piano** por Christian Zacharias: Domenico Scarlatti, Mozart e Chopin — Grande Auditório.

Orquestra Sinfónica no Teatro Nacional de S. Carlos, maestro John Neschling, soprano Elisette Bayan,

Cinema
ABC Cine-Clube
Sessão muito especial integrada num

ditório dos Bombeiros **Torres Vedras**; sábado/21.30, na Aula Magna da Reitoria da Universidade Clássica de Lisboa.
Mozart ao fim da tarde, com comentários de José Atalaya; 3.^a, dia 21, às 18.30, no Teatro Municipal de S. Luiz em Lisboa.

Bailado
Espectáculos de dança africana pela norte-americana Elsa Wollaston: no Centro de Arte Moderna da Gulbenkian, hoje às 18.30; sexta e sábado às 21.30, domingo às 15.30.

Cinema
ABC Cine-Clube
Sessão muito especial integrada num

ciclo de filmes «malamados» é a que o ABC Cine-Clube de Lisboa promete para amanhã, sexta-feira, promovendo a exibição de **Pyassa**, do indiano Guru Dutt. Ignorados (filme e cineasta) durante um quarto de século, a sua recente «descoberta» não bastou para interessar os circuitos comerciais — pelo que, pode ser esta a oportunidade única de ver uma obra de «fabulosa originalidade, inimitável orquestração de «ex-

cessos» melodramáticos e musicais cujo único paralelo possível reside, nem mais nem menos, em Orson Welles». Sexta-feira, dia 17, às 18.45, no Estúdio 444.

Ciclo «O Musical»
Na Cinemateca Portuguesa:
Dia 16 — às 18.30, **A Canção de Lisboa**, de Cottinelli Telmo/1932; às 21.30, **Os Palhaços**, de Karl Grune/1937, e **Tosca**, de Carl Kock/1940.

Dia 17 — às 18.30, **Giovanna d'Arco Al Rogo**, de Roberto Rossellini/1954.
Dia 18 — às 15.30, **Sinfonia Incompleta**, de Willi Forst; às 18.30, **Páginas Imortais**, de Carl Froelich; às 21.30, **Symphonie Eines Lebens**, de Hans Bertram/1943.
Na Gulbenkian:
Dia 17/21.30 — **L'Elissir d'Amore** (1946) e **Aida** (1953).

Ciclo «Cinema de Espanha»
Hoje e amanhã, **Bilbao**, de Bigas Luna; sáb. e dom., **Ana e os Lobos**, de Carlos Saura; 2.^a e 3.^a, **O Espírito da Colmeia**, de Victor Erice; 4.^a, **Carmen**, de Carlos Saura. No Forum Picoas, às 19.00 e 21.30, sáb. e dom. também às 16.00.

Tempo Fim de Semana



Segundo a antevisão do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica, o céu vai apresentar-se pouco nublado ou limpo.
Vento fraco. Acentuado arrefecimento nocturno, com formação de geada e neblina ou nevoeiro matinal.



Variedades & utilidades

■ M. Batalha

O Natal e o Ano Novo na URSS

Iolkas para todos

Quando falamos do Natal, do Fim do Ano, nós adultos recuamos à infância, lá na província, os que são da província. Vêm-nos à memória o sapatinho na chaminé, o Pai Natal carregado com o saco das prendas a satisfazer os sonhos dos mais afortunados, a deixar desiludidos outros menos afortunados e a não chegar desiludir aos que a dureza da vida não deu margem para fantasias. Vêm-nos à memória estas e outras imagens. Mas agora falemos da realidade hoje, aqui, a milhares de quilómetros de distância da nossa terra. Realidade que nos toca profundamente pela simples razão de sabermos que o Pai Natal, aqui chamado Avô do Frio ou Avô Geada e sempre acompanhado pela Menina das Neves, vai bater a todas as portas.

Este «bater a todas as portas» não é só em sentido figurado. É que neste país o Pai Natal não entra pela chaminé em fantasia mas na realidade entra pela porta. Isto é, há empresas que prestam esse serviço.

Tal como no nosso país, mantêm-se a tradição das crianças escreverem ao Avô do Frio a pedir que satisfaça os seus desejos. Os pais entregam as cartas a essa empresa que se encarrega de adquirir os presentes e de os fazer entregar aos seus filhos em dia e hora combinada por um Avô do Frio e uma Menina das Neves.

Uma vez mais e como sem-

pre, nesta sociedade, os mais privilegiados são as crianças.

Para elas se realizam as IOLKAS (Árvores de Natal), espectáculos especialmente criados nesta quadra, que se podem realizar na rua ou nas salas de espectáculos mais sofisticadas como o Palácio dos Congressos.

É certo que todas as crianças podem assistir a uma ou mais IOLKAS. Nas ruas, em palcos improvisados, qualquer criança ou adulto pode assistir gratuitamente a estas representações realizadas pelos artistas mais variados. Para as salas de espectáculos, os bilhetes são distribuídos por uma quantia simbólica,

nas escolas, nas empresas, através dos sindicatos. Logo está garantida a participação de todos. Ai, perante um público exclusivamente infantil são contadas histórias fantásticas e fascinantes em que não são poupados recursos e talentos. Os pais, em princípio, não assistem. Todos os serviços são prestados por adolescentes que, zelosos, recebem os mais pequenos dos pais, os conduzem ao bengaleiro, onde outros recebem casacos, bonés e luvas e depois os encaminham aos respectivos lugares.

À saída contrasta a espera tranquila dos pais com a euforia das crianças que os saudam com as lembranças simbólicas recebidas por cada um, para além da alegria dos momentos inesquecíveis que viveram.

Estes espectáculos prolongam-se por 15 dias, duas, três vezes ao dia para que a vez chegue a todos.

O período escolar tinha, entretanto, encerrado com grandes festas, em que mais uma vez o binómio professores-alunos resultou na diversidade de iniciativas em cada escola, em cada classe e na solidariedade com

outras crianças, outros países, desde simples cartões de Boas-Festas, às campanhas de recolha de assinaturas pela libertação de revolucionários encarcerados, ou ainda as campanhas de materiais com as crianças de Portugal, África do Sul, Nicarágua e tantas outras.

Ninguém nem nada fica alheio à chegada do Novo Ano.

Todos os estabelecimentos e montras estão decorados, as ruas têm iluminações, bandeiras, pendões, palavras de ordem alusivas à Festa. Os bonitos pinheiros dos bosques, agora trazidos para a cidade e profusamente decorados e iluminados, formam as grandes IOLKAS, em volta das quais se irão realizar os espectáculos para as crianças. Em volta destas muitos e muitos adultos festejarão também a passagem do Novo Ano.

Muitos dias antes fazem-se

projectos, convidam-se amigos, planeia-se a ceia, compram-se presentes. O ambiente é de azáfama e de festa. Pode-se ficar em casa, ir ao restaurante ou ainda ir até ao campo.

E a meia noite aí está. Alguns minutos antes o secretário-geral do PCUS dirige-se pela televisão a todos os cidadãos numa mensagem de fraternidade, paz e esperança.

Soam as garrafas de champagne, tocam-se os copos, formulam-se os desejos, dá-se início à ceia-convívio mais longa do ano que terminará quando o anfitrião lembrar um novo dia.

Ficam os votos da Paz e Esperança. Ficam os votos de que o Pai Natal, ou o Avô do Frio possa continuar sem perigo as suas viagens pelo espaço para que as crianças continuem a sonhar e a brincar ao sapatinho na chaminé. ■



E começaram a carregar para o palco bolas, bonecos, brinquedos, caixas... e uma árvore de Natal

bora sejam mais raparigas que rapazes — da escola técnica 47 fez desta festa uma jornada de solidariedade com Portugal, com a África do Sul e com a Namíbia.

Como habitualmente neste dia, foi feito um breve balanço da actividade do clube ao longo do ano. Um grupo de estudantes recordou a biografia do escultor comunista José Dias Coelho. Interveio Manuela Batalha, do PCP. Falou depois a Lena, responsável do Komsomol da escola:

— Soubemos há dias pelo «Pravda» que há na Marinha Grande, em Portugal, um jardim de infância que está numa situação muito difícil. Para nós não há tristezas alheias, por isso decidimos enviar às crianças dessa heróica terra um presente de Ano Novo.

E começaram a carregar para o palco bolas, bonecos, caixas, brinquedos... e uma árvore de Natal.

— Mesmo sendo uma árvore artificial é verdadeiro o desejo de ver felizes as crianças que a vão receber.

Mais tarde viriam presentes também para as crianças da África do Sul e da Namíbia.

O grupo «Krasnaia Gvozhdika» arrancou com o «We shall overcome» contagiando num ápice os estudantes da Namíbia e da África do Sul e todos os ou-

Uma árvore de Natal cheia de solidariedade

«Também o jardim infantil ficou sem dinheiro. Não há possibilidades de pagar a uma educadora, de comprar brinquedos nem mobília. Foi assim que nós lhe começámos a chamar «armazém»... Temos que ser nós, à vez, a cuidar das crianças.»

Este é um extracto de uma reportagem totalmente dedicada à Marinha Grande e que ocupava cinco colunas de uma das páginas internacionais no «Pravda» de 9 de Dezembro. Este trabalho dos correspondentes soviéticos N. Borissoff, V. Volkov e M. Korolev foi lido por alunos da escola técnico-profissional n.º 47, de Moscovo. E é aqui que começa a nossa história.

O Clube «José Dias Coelho»

Neste estabelecimento do ensino médio onde se formam muitos bons mestres da construção civil — «a profissão mais pacífica do Mundo», como dizem os seus estudantes — funciona há nove anos o clube de amizade

internacional «José Dias Coelho». Existe ainda um grupo de canto amador que se chama «Krasnaia Gvozhdika», nome que, para nós, significa nem mais nem menos que «Cravo Vermelho».

Como o leitor já se apercebeu, trata-se de um clube especialmente voltado para o nosso

país. Os seus activistas participam regularmente nas comemorações do 25 de Abril organizadas todos os anos pela Associação dos Estudantes Portugueses na URSS e pela Associação URSS-Portugal, sabem de cor o «Avante, camarada», a «Grândola, vila morena» e outras canções portuguesas, «Ti' Anica» e «Malhão», por exemplo.

«Não há tristezas alheias!»

Além disso, têm as suas próprias iniciativas, cuja tónica é a solidariedade para com os povos em luta pela liberdade, a justiça social, o progresso e a paz.

A festa-mor do clube é realizada por ocasião do dia em que foi assassinado José Dias Coelho. Este ano a rapaziada — em-



We shall overcome — Venceremos!

Xadrez

XXXV — 16 de Janeiro de 1986

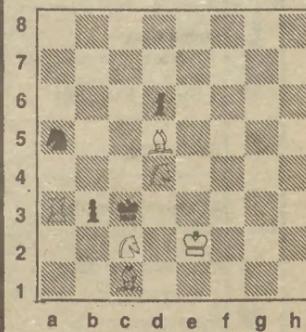
PROPOSIÇÃO N.º 35

Por T. Kardos

Recomendado «B. O. E.», 1947

Pr. (4): Ps. b3, d6-Ca5-Rq3

Br. (6): Cs. c2, d4-Bs. c1, d5-Ta3-Re2



Mate em 2 lances

JOGO N.º 35

53.º Campeonato da URSS/Equipas, 1985

Br. V. Malanluk — Pr. A. Ivanov

1. d4, Cf6; 2. c4, e6; 3. Cf3, b6; 4. Cc3, Bb4; 5. Bg5, Bb7; 6. e3, h6; 7. Bh4, Bc3+; 8. bxc3, D67; 9. Cd2, e5; 10. B62, g5; 11. Bg3, d6; 12. Bf3, e4; 13. B62, Cbd7; 14. Da4, 0-0; 15. h4, c5; 16. Cb3, a6; 17. Da3, a5; 18. Db2, a4; 19. Cd2, Rg7; 20. Cb1, C68; 21. Ca3, f5; 22. h-g5, h-g5; 23. Dd2, Bg6; 24. Th5, Th8; 25. Th8, R-h8; 26. 0-0-0, Rg7; 27. Cb5, Cdf6; 28. Db2, a3; 29. Dxb3, B-b5; 30. c-b5, d5; 31. d-g5, D-g5; 32. B65, Rg6; 33. Rb1, D67; 34. Bd4, D66; 35. c4, Cg7; 36. Tc1, Dd6; 37. c-d5, Cg-d5; 38. Tc6, Dd8; 39. Bc4, Rh7; 40. B-d5, C-d5; 41. Dd1 e as Pr. abandonam, dado que não há nenhuma defesa contra a ameaça: 42. Dh1 + ou 42. Dh5 +!

SOLUÇÕES N.º 35 (16.1.86)

Chave: 1. Ta4! bloqueio!

1. b2; 2. Bd2 mate

1. bxc2; 2. Cb5 mate

1. Cad1.; 2. Tc4 mate

A. de M. M.

Damas

XXXV — 16 de Janeiro de 1986

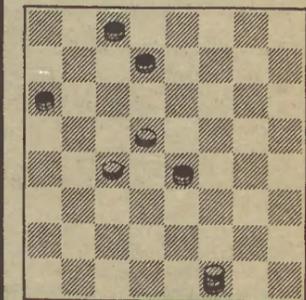
PROPOSIÇÃO N.º 35

Por José Anselmo Trabuco (Évora)

«Matuto» n.º 16, 28-VII-1951

Pr. 14-24-27-31

Br. (2)-15-19



Jogam as brancas e ganham

JOGO N.º 35

Campeonato Nacional/Algés, 10-VI-85

Br. Medalha da Silva — Pr. José Luís Guerra

1. 10-13, 21-18; 2. 5-10, 23-19; 3. 1-5, 27-23; 4. 13-17, 23-20; 5. 12-15, 19-12; 6. 7-23, 28-18; 7. 11-15, 19-12; 8. 8-15, 32-28; 9. 10-13, 28-23; 10. 6-11, 23-19; 11. 4-8, 19-12; 12. 8-15, 31-28; 13. 5-10, 28-23; 14. 10-14, 23-20; 15. 14-21, 25-18; 16. 2-5, 20-16; 17. 3-7, 30-27; 18. 15-19 EMPATE.

GOLPE N.º 35

Por W. Rockwell

1. 11-14, 21-18; 2. 14-21, 25-18; 3. 7-11, 23-19; 4. 10-14, 19-10; 5. 5-21, 26-17; 6. 1-5, 22-19; 7. 5-10, 28-23; 8. 9-13, 32-28; 9. 11-14, 24-20; 10. 12-16, 28-24; 11. 4-7, 20-15; 12. 13-18? Perdente! J. Pr. G. (Br. 2-3-6-7-8-10-14-16-18 Pr. 15-17-19-23-24-27-29-30-31 J.P.G.).

SOLUÇÕES N.º 35 (16-1-86)

N.º 35 (J.A.T.): 2-6! G. Br., pois se: 14-11; 19-23, 11-2 (QUALIDADE!); 23-30, 2-20; 30-16+; se: 31-28, 6-13 (ou 15-20 DUAL!); 27-23; 13-18 e 18-31+.

Golpe N.º 35 (W.R.): 12. 17-13 e 19-10 e 15-12 e 23-20+

A. de M. M.

■ Domingos Mealha e Carlos Nabais